

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

Instituto de Ciências Humanas

Programa de Pós-Graduação em História



Dissertação de Mestrado

LAZER E SOCIABILIDADE DA ELITE PELOTENSE

OS DIÁRIOS DE CLARICE TAVARES XAVIER

LETÍCIA PORTELLA MILAN

Pelotas, 2018

LETÍCIA PORTELLA MILAN

LAZER E SOCIABILIDADE DA ELITE PELOTENSE

OS DIÁRIOS DE CLARICE TAVARES XAVIER

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em História.

Orientadora: Professora Doutora Lorena Almeida Gill

Pelotas, 2018

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

M637I Milan, Letícia Portella

Lazer e sociabilidade da elite pelotense : os diários de Clarice Tavares Xavier / Letícia Portella Milan ; Lorena Almeida Gill, orientadora. — Pelotas, 2018.

176 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2018.

1. Diários íntimos. 2. Mulheres. 3. Sociabilidade. 4. Elite.
I. Gill, Lorena Almeida, orient. II. Título.

CDD : 981.657

Elaborada por Kênia Moreira Bernini CRB: 10/920

Letícia Portella Milan

Lazer e Sociabilidade da Elite Pelotense: Os diários de Clarice Tavares Xavier

Dissertação aprovada, como requisito parcial, para a obtenção do grau de Mestra em História, Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: 02 de março de 2018.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Lorena Almeida Gill (Orientadora)

Universidade Federal de Pelotas – UFPel

Profa. Dra. Carla Rodrigues Gastaud

Universidade Federal de Pelotas – UFPel

Profa. Dra. Dalila Müller

Universidade Federal de Pelotas – UFPel

Profa. Dra. Nikelen Acosta Witter

Universidade Federal de Santa Maria – UFSM

AGRADECIMENTOS

Os agradecimentos são um momento difícil para conclusão de uma etapa da vida. Talvez eles sejam uma escrita demorada em consequência de um hábito ruim, de sempre deixar para depois os agradecimentos que deveriam ter sido feitos durante esses dois anos de pesquisa. Eu tenho poucas palavras para expressar minha gratidão, e sei que elas não traduzem a dimensão do que sinto dentro do meu coração sobre aqueles que estiveram ao meu lado durante esse tempo.

Primeiramente, agradeço ao meu pai por ter me dado todo suporte que tenho na vida, sem o teu apoio e fé eu não seria nem metade dessa grande mulher que estou me tornando. Agradeço a minha irmã e minha mãe pelo suporte emocional; também minha família em Pelotas, minha vovozinha Maria Bernadina Portella que me acolheu em sua casa, sempre me alimentando com suas almôndegas gostosas. Agradeço às minhas tias e tio Maria Luiza Soares Portella, Ana Luiza Soares Portella e João Luiz Soares Portella pela paciência com minha ausência no cotidiano, em especial com minha personalidade e bagunça, pelas louças acumuladas que deixei. Agradeço às minhas primas e primo Paola Soares, Gabriela Soares e Luciano Portella que também tiveram paciência com meu sumiço - apesar disso, não se esqueçam que nossos momentos juntos foram importantes para a escrita desse trabalho. Agradeço à amiga Jéssica Oliveira pelos momentos maravilhosos juntas nessa etapa do mestrado, mesmo longe uma da outra quero te agradecer por ter sido minha amiga e por ter sido compreensiva nos momentos difíceis. Agradeço ao Elvis pelas tardes de café na padaria, foram momentos ótimos para relaxar durante o estresse. Agradeço a Milena Ogawa e Carol Kesser pelas companhias de lanche e cerveja, eu adorei conhecê-las, e não se esqueçam que o apoio de vocês tem muita importância dentro desse trabalho.

Agradeço à Lucia Helena Brauner, Maria da Graça Gazzale e Carmem Machado dos Santos pelas contribuições que fizeram em minha pesquisa. Vocês são mulheres maravilhosas que me receberam muito bem em suas casas e quero sempre poder ter vocês como exemplo de vida. Agradeço ao Otávio Luiz Viera Pinto por ter me ajudado durante os últimos momentos da pesquisa. Tua atenção me trouxe tranquilidade e um novo sentimento no coração. Agradeço à minha orientadora Lorena Almeida Gill pelas noites de orientações regadas a vinho, queijo,

salaminho e azeitona; tuas palavras, que tinham intenção de tranquilizar minhas inseguranças, fazem muito sentido agora que vi que fui capaz de concluir o mestrado.

RESUMO

Os diários se constituíram como modos típicos da escrita de si feminina. Desde que as mulheres conquistaram o direito à alfabetização, muitas utilizaram da prática da escrita como um instrumento para se colocar no mundo e construir a si. Nesta dissertação é feita uma investigação histórica sobre os espaços de lazer e sociabilidade da elite pelotense, através dos diários íntimos de Clarice Tavares Xavier. Foram acessados os arquivos pessoais de Clarice e utilizado como fonte principal esse material datado entre os anos de 1954 a 1956. Clarice Tavares Xavier era uma jovem pertencente a uma tradicional família gaúcha que, através do seu olhar, descreve o seu cotidiano e as diferentes impressões que tinha sobre os lugares que frequentava na cidade de Pelotas. Em conjunto com fotografias e relatos orais busca-se compreender como as moças de elite circulavam nos espaços sociais que Clarice aponta em suas narrativas. O estudo procurou analisar as sociabilidades e lazeres dos espaços privados, instituições educacionais, associações recreativas e locais públicos da cidade sob a perspectiva de um olhar feminino. Conclui-se, assim, que a imagem de si criada nos diários pessoais de Clarice Tavares Xavier pode ser entendida (e comparada), a partir do contexto social e dos espaços de lazer ocupados e usufruídos por essa mesma elite. A condição social e as regras estruturais de conduta e comportamento reservados às mulheres abastadas causa, portanto, impacto perceptível num modo de escrita que se pretende privado e particular. Acredita-se que a imagem pessoal cunhada nos diários é um caminho historiográfico importante para que se compreenda os espaços de lazer de elite, mas também como se forma uma dialética entre a expressão pessoal e as estruturas externas, típicas de um gênero e de uma classe específica.

Palavras chave: Diários íntimos; Mulheres; Sociabilidade; Elite.

ABSTRACT

Personal journals were constituted as standard modes of “writing about the self” concerning women. Since women acquired the right to be alphabetised, many of them utilised writing as a tool to place themselves in the world and to build their self-image. In this dissertation, we will conduct a historical investigation about spaces of leisure and sociability through the personal journals of Clarice Tavares Xavier. By accessing the personal archives of Clarice Tavares Xavier, we were able to utilise, as our main source, her journals, dated from 1954 to 1956. Clarice Tavares Xavier was a young woman who stemmed from a tradition southern family and, through her look onto the world, described her daily life and the different impressions that she had concerning places she circulated in Pelotas. Together with photographs and oral testimonies, we tried to understand how young elite women circulated in social spaces which Clarice described in her narratives. Our research sought to analyse the leisure and sociabilities within private spaces, educational institutions, recreational associations and public urban spaces under the perspective of a female look. We conclude, then, that the self-image created in the personal journals of Clarice Tavares Xavier can be understood (and compared to) in relation to the social context and leisure spaces that were occupied and enjoyed by the elite of Pelotas. The social condition and the structural rules of behaviour that were reserved to wealthy women caused, therefore, a considerable impact on a mode of writing that pretended itself private and particular. We believe that the personal image inscribed in journals is a satisfactory historiographical path through which we can understand, in this case, not only leisure spaces of the elite, but also how a dialectical relation is formed between personal expression and external structures – structures common to a specific gender and a specific class.

Key Words: Journal; Women; Sociability; Elite.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Percentual de alfabetização no Brasil 1972	45
Figura 2: Histórico escolar de Clarice Tavares Xavier.....	70
Figura 3: “Diário de Bebê” de Amélia Silva Tavares.....	78
Figura 4: “Diário de Bebê” de Amélia Silva Tavares.....	78
Figura 5: Folder das debutantes do Clube Brilhante, outubro de 1955.....	100
Figura 6: Valsa do baile de debutantes do Clube Brilhante.....	101
Figura 7: Coroação de Clarice ao título “Rainha do Carnaval” do Clube Brilhante.....	109
Figura 8: Valsa de coroação do título “Rainha do Carnaval” do Clube Brilhante.....	110
Figura 9: Corte de Clarice Clube Brilhante.....	110
Figura 10: Festa a Fantasia Clube Brilhante.....	115
Figura 11: Festa junina Clube Brilhante.....	116
Figura 12: Baile de Carnaval Clube Comercial.....	118
Figura 13: Primeira página do diário fotográfico de Lucia Helena para seu ex Marido.....	137
Figura 14: Desenhos de Clarice.....	145
Figura 15: Desenhos de Clarice.....	145
Figura 16: Gastos de Clarice.....	146
Figura 17: Gastos de Clarice.....	146
Figura 18: Cena do filme Amleto.....	152
Figura 19: Marlon Brando.....	155
Figura 20: Shelley Winters e Vittorio Gassman.....	156
Figura 21: Vittorio Gassman.....	156
Figura 22: Vittorio Gassman.....	157

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: livros citados nos diários.....	59
Tabela 2: bailes citados nos diários.....	114
Tabela 3: confecção de vestimentas para bailes.....	142
Tabela 4: filmes citados nos diários.....	150

NOTA AO LEITOR

Essa pesquisa possui algumas referências bibliográficas cuja consulta se deu a partir de versão digital *e-book* do suporte Kindle. As normas da ABNT não são claras quanto a forma de citar esse tipo de material; dessa maneira, referenciamos as páginas citadas na pesquisa com “*pos.*”, em relação à posição que a citação ocupa no *e-book*.

SUMÁRIO

1 Introdução.....	14
2 <i>Eu estava comendo doces quando uma pedante começou a falar dos Casamentos das filhas do Visconde da Graça: Construindo o Objeto de Pesquisa</i>	20
2.1 Produções do eu: arquivos pessoais, autobiografia e memória.....	31
3 As Produções do Eu no Espaço Privado: Escrita de Si e Lazer.....	43
3.1 <i>Hoje completo 15 primaveras, tenho pois o direito de escrever meu diário: práticas de escritura</i>	43
3.2 O dito e o não dito	51
3.2.1 <i>As indiscretas das minhas irmãs já estão querendo manjar o que estou escrevendo</i>	51
3.2.2 <i>O vestido da Marisa era de fazenda muito fina, mas faltava armação: Memória trajada</i>	54
3.3 Lazer no espaço privado	57
3.3.1 <i>Estou no Capão do Leão e num dos meus momentos de maior chateação. Só resta o sono e a literatura como derivativo: Práticas de leitura</i>	57
4 Espaços de Distinção da Elite	75
4.1 A Educação das Mulheres da Elite.....	75
4.1.1 <i>Tenho feito o possível para estudar piano e desenvolver meu valor literário: Escola de Bellas Artes, Conservatório de Musica e Aliança Francesa</i>	75
4.1.2 <i>Das três virtudes teologais a que eu mais possuo é a esperança e a que eu mais aprecio é a Fé, sendo a caridade uma das minhas poucas qualidades: Colégio são José, filantropia e religiosidade</i>	83
4.2. Viagens no Período de Férias.....	92
4.2.1 <i>Terminei a temporada no Rio, estava ocupada demais para escrever. A Capital como Lazer da Elite</i>	92
5 Sociabilidades nas Associações Recreativas.....	98
5.1 <i>Vivo sonhando com o baile da primavera, pois vou debutar: os bailes sociais e as mulheres nesses espaços</i>	98

5.2 <i>Eis que desprezei meu diário durante esse tempo todo. Durante todo esse tempo estive preocupada com a corte, tenho saído todos os sete dias com a Heloisa para tratar de coisas a respeito de fantasias: O carnaval de rua e nos bailes sociais.....</i>	107
5.3 <i>A Maria Helena Oliveira tirou o prêmio da fantasia mais fina. Um homem esquisitíssimo o da mais exótica: concursos de beleza e moda.....</i>	121
6 Sociabilidades e Lazer na Cidade	128
6.1 <i>Fui no cinema das 3 horas. Levamos um logro e tanto só havia uma propaganda do Banco Agrícola Mercantil. Depois fomos a Vienense e papamos um sanduíche Vienense: Cinema e footing</i>	130
6.2 <i>Amanhã vou bem cedo por que além de fazer as compras quero ainda dar uma olhada na praça: A moda como consumo e lazer.....</i>	140
6.3 <i>Se o Mel Ferrer fosse como no filme que maravilha. Aquilo nem é homem é super. as influências do cinema nas narrativas de Clarice</i>	149
7 Epilogo: a vida de Clarice após os diários	161
8 Considerações finais.....	163
Fontes Documentais:	166
Fontes Orais:	166
Referências Bibliográfica	166

1 Introdução

Em 2010 me inscrevi ao curso de História para o qual fui aprovada na Universidade Federal de Santa Maria. Foi um ano difícil devido à nova etapa de vida e a minha pouca idade. Morar em uma cidade longe de minha família foi uma experiência interessante, mesmo que, por vezes, me sentisse muito solitária. Inicialmente, me adaptar às novas amizades foi complicado, pois eu sempre tive uma forma de comunicação “peculiar”, mas logo fui encontrando amigos que me amaram e se divertiram comigo. No primeiro ano, após os estágios do Bacharelado, refleti sobre a necessidade de me inserir em algum projeto de pesquisa. A realidade do curso para pesquisas era difícil e quase não havia bolsas/projetos de pesquisa dos professores para inserção dos alunos.

No segundo semestre de 2011, avistei em um mural o anúncio de um professor à procura de estudantes que quisessem participar voluntariamente de um projeto intitulado “A Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: história política e historiografia”. Naquele momento, embora não fosse política o meu interesse, me inscrevi, visando a prática como pesquisadora. Foi a minha primeira experiência com a pesquisa em documentos.

Em 2012, meus pais mudaram de residência e, por algum tempo, tive que viajar para ajudá-los. Desmontando meu quarto e encaixotando meus pertences, encontrei, dentro de uma caixa de madeira, dois diários. Naquele momento, lembrei que aos 12 anos eu os havia encontrado durante a separação dos pertences de minha (falecida) avó. Peguei os diários em minhas mãos com muita curiosidade para a leitura, mas tive que me conter para terminar logo a mudança dos meus pais. Voltei para Santa Maria com os diários, lendo-os durante a viagem. Com as leituras tive dois sentimentos: êxtase em ler algo tão íntimo de alguém, e tristeza ao chegar a última folha do diário, pois sofri de indignação por não saber o que teria acontecido no último dia escrito. Minha avó despede-se de seu diário, na medida em que as folhas se acabam, porém ainda contando sobre seu dia dando a entender que continuou suas histórias em um outro caderno.

Levei os diários para a faculdade a fim de perguntar para algum professor se era possível fazer um estudo histórico a partir daquelas narrativas. Esse foi o momento mais frustrante da minha graduação, pois todos os professores ficaram

encantados com minhas fontes, mas se negaram em apoiar aquele projeto de pesquisa, porque o período e local dos diários não eram de suas áreas de conhecimento. Sendo assim, guardei-os novamente na caixa que eu havia encontrado e, no segundo semestre de 2012, ingressei em um projeto de pesquisa e extensão chamado Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID).

O PIBID foi um grande aprendizado, pois seu principal objetivo era aplicar um ensino informal de educação, através da estratégia de composição de oficinas problematizadoras junto à comunidade escolar. A escola em que fomos atuar tinha muitas deficiências em sua infraestrutura e nas relações entre estudantes e direção. Os alunos viviam em realidades de extrema pobreza, violência familiar, drogas e prostituição. Acredito que nossas oficinas tocaram nesses assuntos e contribuíram para a melhoria das relações no espaço escolar. Ao fim do projeto, todas as atividades feitas pelos integrantes do PIBID se transformaram em um livro² e foram distribuídos para as escolas como um manual de possíveis inspirações para os professores tratarem de assuntos cotidianos nas aulas de História.

Após o término do PIBID, me foquei no meu trabalho de conclusão de curso. Naquele momento, como a possibilidade do uso dos diários já havia sido descartada, logo precisei pensar em outra ideia. Nas férias de 2013, como de costume, fui a Pelotas visitar minha família. Numa tarde ensolarada, sentada na frente da casa da minha avó (materna), me lembrei da infância e das minhas festas de aniversário. Essas festas eram feitas em um salão próximo, quase ao final da rua. Perguntei sobre como estava aquele salão e a quem ele pertencia, não recordo quem estava comigo naquele momento, mas fiz essa pergunta em voz alta e em seguida alguém respondeu: “O Ruy Barbosa? Não é um salão, é uma antiga sede de futebol amador.

Fiquei estarecida porque jamais imaginaria que aquele local onde eu tive todas minhas festas de aniversário era então uma antiga sede de futebol. Movida

²MILAN, L. P. FREITAS, F. E. PEREIRA, I. C. C. B. CAVALHEIRO, N. M. D. LINS, D. A. S. MORAES, G. S. OLIVEIRA, L. OLIVEIRA, P. R. PALOMA, R. R. STOLL, R. S. OLIVEIRA, F. R. ZORZI, J. G. GOTBERT, M. E. S. OLIVEIRA, R. S. BERTUZZI, A. ALAGIA JR., H. G. CORREA, C. A. NARDY, F. C. RIETA, J. LINHARES, A. M. PEREIRA, F. R. MINUZZI, J. D. O. WILHELM, R. FERRAZ, G. S. VIANNA, P. H. S. , et al. GRAEFF, D. P. ZANOELLO, M. ; Experiências Únicas, Diálogos Abertos. Prática do Subprojeto 'História e Educação: Os meandros do ensino formal'. 1. ed. Santa Maria: Oikos, 2013. 122p

novamente pela curiosidade, busquei saber sobre a história daquele time e porque aquela sede acabou virando um salão de festas. Procurei os responsáveis pelo salão e, surpreendentemente, eles eram vizinhos da minha avó. Nessa busca por informações ouvi que grande parte dos moradores daquela rua foram jogadores de futebol daquele clube. O “Grêmio Esportivo Ruy Barbosa” era o nome do time e a sede estava localizada à Rua João Pessoa, na região do porto, sendo antigamente o principal espaço de lazer e sociabilidade das famílias daquele bairro.

Meu Trabalho de Conclusão de Graduação baseou-se nesse clube. O objetivo principal da pesquisa foi preservar a memória coletiva dos moradores do bairro e traçar uma trajetória do Clube, desde sua época esportiva até o momento em que apenas tornou-se ambiente de sociabilidade para o bairro, sobretudo através da promoção de festas. Minhas fontes principais foram as atas e os relatos orais de jogadores e frequentadores do clube. Durante a pesquisa constatei que a data de surgimento da agremiação (1927) estava de acordo com o contexto em que o futebol amador na cidade de Pelotas era composto por operários e, na maioria das vezes, o nome dos clubes correspondiam ao nome das indústrias em que esses trabalhadores atuavam. Fábricas como “Companhia Fiação e Tecidos Pelotense” incentivavam seus empregados a formarem times de futebol para concorrerem em campeonatos. O objetivo para a construção de times de futebol era propagandear o nome da fábrica, sendo que para isso, muitas vezes, preferiam bons jogadores a bons operários. No caso do Grêmio Sportivo Ruy Barbosa não foi possível achar a origem do time. Através das fontes orais e da pesquisa bibliográfica foi concluído que o declínio esportivo do futebol amador estava relacionado à profissionalização do esporte. Sobre as questões de lazer, a sede sempre foi um ambiente de convívio para os moradores do bairro. Embora os homens tivessem boas lembranças sobre o futebol, foram as mulheres que contaram sobre como eram as festividades naquele espaço, já que eram elas, em sua maioria, que organizavam as celebrações. Nesse sentido, analisei os relatos sobre as festas e suas regras de comportamento embasadas em referências bibliográficas sobre como a memorização funciona de acordo com as experiências de gênero (PEDRO, 2010).

No último ano da graduação e após a defesa do meu trabalho de conclusão de curso, retornei aos diários para construir um projeto de mestrado sob a influência do que havia pesquisado anteriormente. O projeto “Lazer e sociabilidade da elite pelotense através das narrativas dos diários” foi aprovado em agosto de 2015 no

curso de pós-graduação em História da UFPEL e será desenvolvido nessa dissertação.

Após a leitura da minha trajetória, convido o leitor a pensar: Como você se autodescreveria? Será que escrever a própria trajetória define exatamente os passos de uma vida? Gostaria de admitir que não há metade do meu eu, da minha vida acadêmica, dos meus sentimentos e da real ordem dos acontecimentos no texto que descrevi acima. Não é mentira ou ficção o que foi escrito, mas certamente ocultei diversos momentos, sentimentos e criei uma ordem narrativa para que quem lesse pudesse compreender os rumos de minha vida. Nós, historiadores, ao compormos essa disciplina científica chamada História, por vezes, precisamos lembrar que os eventos não acontecem de forma linear e encadeados. Vivemos indo e vindo, recuando e avançando em nossas decisões e mudando nossos destinos.

Sendo assim, através de um exercício de rememoração, gostaria de conduzir o leitor ao momento em que encontrei os diários íntimos. No dia 20 de junho de 2002, dias após a morte de Clarice Tavares Xavier, sob uma mesa de madeira robusta e antiga estavam acumulados, empoeirados e desorganizados seus objetos pessoais. Na mesa havia joias, livros, cadernos, coleções de selos, numerosos álbuns de fotografia, uma revista chamada Manchete e dois pequenos diários. Naquele momento, quem olhasse aquela mesa não saberia entender qual o sentido daqueles objetos e a sensação seria a mesma de quando fizemos uma mudança, questionando-nos por que acumulamos tantas coisas.

A principal fonte dessa pesquisa constitui-se nos dois *diários íntimos* datados de 1954 a 1956, escritos por Clarice Tavares Xavier. Após uma leitura intensa dessas escrituras, a temática sobre lazer e sociabilidade foi escolhida para ser abordada devido sua maior evidência nos registros cotidianos de Clarice. Portanto, a proposta dessa pesquisa está em construir um estudo sobre a cidade de Pelotas abordando especificamente *uma leitura dos espaços de lazer e as redes de sociabilidade da elite pelotense através de diários íntimos*. Dessa maneira, será enfatizada a importância de se ter em mente que as produções do eu, sejam elas autobiografias, diários, trajetórias e objetos, expressam as construções de nossas identidades.

O segundo capítulo dessa dissertação apresentará a problemática da pesquisa e o estado da arte sobre o tema abordado. A ideia é pensar sobre o que são arquivos pessoais, fontes e metodologias utilizadas na pesquisa histórica.

O terceiro capítulo abordará as práticas de escrita e leitura de Clarice no espaço privado. Será apresentado, primeiramente, a forma como Clarice narra suas memórias a partir de aspectos visuais, como as roupas, e também as memórias que Clarice optava por censurar, diante de assuntos que ela considerava não mencionar em seus diários. Sobre suas leituras, abordaremos brevemente como as práticas de leitura na História das mulheres foram supervisionadas no intuito de manter as mulheres sob o controle social dos homens, e com base nisso, analisamos que tipo de leitura Clarice consumia. A partir de uma lista de leituras de Clarice, desenvolveremos que assuntos as obras lidas continham. Em especial, sobre as revistas femininas da época, abordamos como essas mídias influenciaram a subjetividade de Clarice.

O quarto capítulo abordará os espaços de sociabilidade educacionais das moças da elite como forma de distinção almejada pelo grupo. Essas instituições, ao agregarem valores culturais às moças de elite, tinham o intuito de torná-las mulheres exemplares para sociedade. Para as famílias, era também uma maneira de evidenciar o valor cultural de suas filhas para arranjos matrimônios dentro do mesmo grupo social.

O quinto capítulo apresentará a iniciação de Clarice na vida social após completar 15 anos. Os clubes sociais são explanados nesse capítulo enquanto espaços de sociabilidade importantes para o flerte, visto que as “15 primaveras” significavam a apresentação da moça para constituir relacionamentos amorosos e atingir o matrimônio. Nesse sentido, abordaremos os bailes nos clubes como oportunidades para diminuir distâncias entre os flertes através das danças. Os carnavais nos clubes também serão explanados devido a participação de Clarice como “Rainha do Carnaval” de um clube social da elite. Evidenciaremos a movimentação na rotina de Clarice em função desse título para a formação da corte e as confecções de fantasias. Por fim, também apresentaremos os concursos de moda e beleza nos clubes sociais. Esses eventos eram populares durante esse período e representavam uma forma das elites se tornarem evidentes pela sociedade através do seu padrão de beleza e moda.

O sexto capítulo encerrará essa dissertação com uma contextualização sobre os espaços públicos de lazer da cidade de Pelotas na década de 1950. Desenvolveremos reflexões sobre espaços como o cinema enquanto importante lazer que engendrou sociabilidades em seu entorno. Passeios como o footing nas praças e ruas principais da cidade e o consumo nos estabelecimentos comerciais também são considerados lazeres da modernidade, visto a importância das aparências para uma elite que objetiva estar sempre visível com elegância nos espaços de sociabilidades.

2 *Eu estava comendo doces quando uma pedante começou a falar dos Casamentos das filhas do Visconde da Graça: Construindo o Objeto de Pesquisa*

No dia 3 de janeiro de 1955, Clarice foi ao centro da cidade comprar apetrechos para sua fantasia de carnaval; ela relata que na noite passada havia ido ao cinema com sua família e estava esperando o domingo para assistir ao filme “Os homens preferem as loiras”. Clarice sentia-se feliz na expectativa dos elogios que esperava receber por estar ficando magra. Porém, seu regime cessava sempre que era convidada para alguma festa. Ao comparecer ao casamento de Suzana Simões Lopes ela caiu na tentação de se esbaldar em doces.

Tudo muito imponente. Gente chique à beça, mas tudo muito mal servido. Eu agarrei tudo o que podia aquela noite tive que romper o regime. Os dois noivos irradiando contentamento. Eu estava comendo doces quando uma pedante começou a falar dos casamentos das filhas do Visconde da Graça (3 de fevereiro de 1955).

O casamento que Clarice faz referência é de uma tradicional família pelotense. Para um leitor desfamiliarizado com o passado de Pelotas, a rememoração dos casamentos das filhas do Visconde da Graça parece não fazer sentido. Visconde da Graça era um dentre os 12 maiores charqueadores da cidade no século XIX. A cidade, neste século, destacou-se como grande produtora de charque no sul do País. Sua localização é próxima a cidades com importante comércio como Rio Grande e Porto Alegre, e esses centros contribuíram para o sucesso econômico dos charqueadores. Segundo Jonas Vargas (2011), estes empresários ocuparam o topo da hierarquia socioeconômica da Província: “os charqueadores eram os maiores escravistas da região, pois possuíam um plantel muito superior ao dos criadores de gado [...]” (VARGAS, 2011, p. 2).

Devido à riqueza que essa economia escravista do charque proporcionava, a cidade de Pelotas era reconhecida pelo seu poder cultural. Era uma cidade receptora de peças de teatro, exposições de pinturas e concertos de música. O desenvolvimento econômico proporcionou uma suntuosidade arquitetônica, além de um maior acesso à alta cultura, sobretudo, daquela que se relacionava à Europa. Segundo Clarice Rego Magalhães (2012), o diferencial de Pelotas em comparação às outras cidades da província não estava somente ligado à arte e cultura. O

desenvolvimento precoce da urbanidade, acompanhado do ócio das elites, fomentou uma apreciação para a vida social: Há documentos da época que comprovam que os estrangeiros que chegavam a Pelotas ficavam maravilhados com a *civilização* que encontravam na cidade, que ficou conhecida, por volta de 1860, como a ‘Princesa do Sul’” (MAGALHÃES, 2012, p. 98). Segundo Magalhães (1993) foi somente nesse período que a elite pelotense atingiu o ápice da opulência e do desenvolvimento cultural:

a historiografia sul-riograndense [...] reconhece que, sobretudo no transcorrer do século XIX e nos primeiros 20 anos do século XX, elaboram-se em Pelotas características sociais peculiares, relacionadas à prosperidade e cultura, dentro do complexo gaúcho (MAGALHÃES, 1993, p. 53).

As dificuldades econômicas³ da virada do século levaram à ruína econômica da elite e trouxeram o surgimento de novos investidores. Vargas (2011), ao falar sobre as charqueadas afirma que “em 1880, ainda havia 32 estabelecimentos em Pelotas, mas em 1887 esse índice havia diminuído para 21 fábricas e em 1900, quando esta indústria havia perdido em prestígio e pujança econômica, haviam somente 11 charqueadas no município” (VARGAS, 2011, p. 2).

Essa mudança econômica é identificada por muitos pesquisadores como a decadência da cidade. Podemos afirmar que talvez esse seja o motivo pelo qual as pesquisas históricas sobre Pelotas são em sua grande maioria focadas em seu apogeu. Magalhães (1993), por exemplo, justifica seu período temporal de pesquisa no século XIX por que “[...] dentro do século XX, a cidade não pode reproduzir essa experiência sociocultural com semelhante intensidade, justamente por carecer das mesmas condições materiais de que desfrutou entre 1860 e 1890” (MAGALHÃES, 1993, p. 9).

Apesar de a queda do charque ser interpretada por alguns enquanto decadência econômica da cidade, temos aqui uma perspectiva interpretativa diferente. Acreditamos que a economia baseada na produção do charque foi substituída por novas formas de produção que, embora não proporcionassem tantas riquezas como o charque, ainda possibilitaram crescimento e transformações na

³ Segundo Vargas (2011), as dificuldades econômicas se deveram por que: “Este período também foi marcado pela alta do preço dos cativos e uma crescente concentração dos mesmos nas mãos de poucos charqueadores, a perda do mercado consumidor do sudeste para os saladeros platinos e uma baixa dos preços do charque” (VARGAS, 2011, p. 2).

cidade. César Augusto Oviedo Tejada e Giovani Baggio (2013), ao falarem sobre a economia de Pelotas, afirmam que a cidade, embora tenha apresentado uma queda econômica, ainda assim diversificou sua economia ao ponto de ter desenvolvimento. Segundo os autores: “O forte e destacado desempenho de Pelotas em 1939 foi mantido até o final da década de 1950. Em 1959, o PIB real de Pelotas representava 5,14% da produção estadual” (TEJADA; BAGGIO, 2013, p, 122). Os autores concluem que foi somente a partir da década de 1970 que houve um declínio significativo na economia da cidade. Logo, identificar o período pós século XIX como “a decadência de Pelotas” é dar nome ao declínio econômico de um específico grupo: as elites charqueadoras.

Esse grupo, após o fim da escravidão e produção do charque, adentrou uma nova realidade que não proporcionava o mesmo excedente de riquezas que tinham anteriormente, mas que também não resultou na perda de prestígio. Nesse sentido, pensando historiograficamente sobre a elite pelotense, veremos que não existem estudos sobre o que aconteceu com esse grupo após o século XIX, assim como também não sabemos sobre a constituição da nova elite após a virada do século. Nossa pesquisa se propõe a falar sobre a elite pelotense em 1950, porém, sem o intuito de responder diretamente essas questões. Nossa fonte principal são as memórias individuais de Clarice Tavares Xavier. Em dois diários íntimos redigidos entre os anos de 1954 a 1956, a jovem relata seu cotidiano na cidade de Pelotas. Após a leitura dessas narrativas, em conjunto com pesquisas que utilizaram diários íntimos como fonte, elencamos uma temática a ser explorada: estudar os espaços de lazer e as redes de sociabilidade da elite pelotense⁴ a partir de uma visão feminina.

Denominamos Clarice como membro desse grupo devido a origem de sua família. Sua mãe, Amélia Silva Tavares, era neta de Joaquim da Silva Tavares (Barão de Santa Tecla), rico charqueador da cidade de pelotas, cujo poder de aquisição econômica foi tratado na tese de Vargas (2013). O pai de Clarice chamava-se João Feliciano Xavier e era um reconhecido médico da cidade, em cuja trajetória chefiou o corpo médico da Santa Casa por vários anos, além de ter sido chefe do Pronto-Socorro Municipal, professor da Faculdade de Odontologia e

⁴ A decisão sobre essa temática surgiu através do mapeamento dos elementos com maior presença inscritos nos diários, de maneira que Clarice ao descrever seu cotidiano citou todos os clubes sociais, eventos culturais e os nomes das pessoas que ela mantinha contato.

médico do Instituto Agrônômico do Sul e da Companhia Rio-grandense de Seguros. Também foi um dos fundadores e primeiro presidente do Hospital de Clínicas Doutor Francisco Simões.

O título que imprimimos nesse capítulo tem duas intenções: A primeira é exemplificar que as narrativas existentes nos diários serão, majoritariamente, a visão de Clarice sobre os espaços de sociabilidade em que ela estava incluída. A segunda é pensar essa memória a partir de uma pergunta: Por que, em 1954, Clarice estava ouvindo alguém relembrar sobre as cerimônias de casamentos do século passado? Diante disso, percebemos que a memória individual (Clarice) e a memória de grupo (elite) passou a ser uma importante reflexão em nossa pesquisa, já que estamos nos propondo a fazer uma interação entre as memórias de uma pessoa dentro de um grupo. As contribuições de Maurice Halbwachs (2006) cotejam as relações entre memória individual e coletiva. As lembranças da infância, na família e com os amigos, as relações escolares e os grupos de trabalho são recordações apoiadas junto às memórias de grupo. Dessa forma, a memória individual só existe na medida em que esse indivíduo é produto de um grupo:

Para que nossa memória se beneficie da dos outros, não basta que eles nos tragam seus testemunhos: é preciso também que ela não tenha deixado de concordar com suas memórias e que haja suficientes pontos de contato entre ela e as outras para que a lembrança que os outros nos trazem possa ser reconstruída sobre uma base comum (HALBWACHS, 2006, p. 12).

As contribuições de Halbwachs (2006) são importantes nos estudos sobre memória devido à dimensão que o autor incutiu sobre a forma de pensar os indivíduos em sociedade. No entanto, vale ressaltar os devidos cuidados nas generalizações sobre a construção da memória nessas perspectivas. Joël Candau (2011), apesar de concordar com as influências dos grupos sociais na memória individual, crítica a existência de uma efetiva memória coletiva. Para ele, “mesmo que as lembranças se nutram da mesma fonte, a singularidade de cada cérebro humano faz com que eles não sigam necessariamente o mesmo caminho” (CANDAU, 2011, p. 35). Tentar descrever a memória de um grupo pode ser reducionista e ilusório, já que é na individualidade que a memorização e interpretação dos eventos acontece de forma única. Dessa maneira, interpretamos a memória da “pedante” sobre o casamento das filhas do Visconde da Graça enquanto uma rememoração do passado de um grupo que após sua decadência vive uma

nostalgia, uma recusa em deixar no esquecimento o passado de riqueza e imponência. Diante das lembranças individuais de Clarice, nos propomos a responder as seguintes perguntas: Quais eram os espaços de lazer e sociabilidade da elite pelotense e como se dava a participação das mulheres nestes locais?

Seguindo os preceitos da pesquisa histórica, fizemos um rastreamento bibliográfico sobre trabalhos que analisaram os espaços de lazer e sociabilidade. O intuito dessa revisão bibliográfica está em ver a forma com que os autores trataram a temática e as possíveis semelhanças desses trabalhos com nossa proposta. Gostaríamos de deixar claro as dificuldades em encontrar, na área da História, pesquisas sobre esse tema. Os estudos de Katianne Bruhns (1997) e Janine Gomes da Silva (1997) apresentam os espaços de sociabilidade relacionados a grupos que sofreram invisibilidade pelo período histórico ou historiografia. Bruhns (1997) buscou compreender os significados dos espaços de sociabilidade para os imigrantes alemães em Joinville em um período de repressão do uso da língua nativa. A autora teve o objetivo de refletir sobre os espaços sociais como meios importantes para manutenção da identidade do grupo. Da Silva (1997) propõe um estudo sobre a formação da cidade de Joinville, a partir de um inventário sobre as atividades femininas vivenciadas no século XIX. Nossa pesquisa, ao utilizar as narrativas de uma mulher, visibiliza construir não somente uma versão diferente sobre determinados aspectos da cidade, mas também contribuir para a História das Mulheres. É de nosso conhecimento que as fontes históricas, em sua maioria, foram produzidas através das narrativas dos homens. Nossa pesquisa tem importância em oportunizar um estudo sobre Pelotas através de um diário íntimo, onde Clarice, através do seu olhar, descreve o que viu e sentiu.

Francisco Rocha (2006), Carlos Eduardo Stroher e Cristina Ennes da Silva (2014) trabalham a sociabilidade na perspectiva do cinema. Rocha (2006) propôs estudar os bailes, suas danças e músicas relacionados a imagens do cinema na cidade de São Paulo, entre 1930 e 1950. Stroher e da Silva (2014) analisaram as salas de cinema em São Leopoldo na década de 1940 como espaços para lazer e sociabilidade. Através do cinema, eles observam a programação existente para o contexto daquele período. O cinema enquanto espaço social será abordado nessa

pesquisa devido à frequência⁵ de Clarice nas salas pelotenses, o período da década de 1950 significou um momento de modernização, e o cinema um ambiente bastante difundido como espaço de lazer.

Sobre o lazer e sociabilidade das elites em Rio Grande, temos os trabalhos de Ézio da Rocha Bitencourt (2007), Rebecca Enke (2005) e Marina Kruger Pelissari (2012). Bitencourt (2007) atentou-se a estudar as décadas de 1920 e 1940, mostrando o papel social da cultura teatral em diversos aspectos. Enke (2005) teve foco no recorte temporal de 1890 a 1905, colocando o Balneário Villa Sequeira como espaço de veraneio da elite riograndina. Pelissari (2012) abordou as representações da vida social da elite através de crônicas sociais. A autora focalizou o contexto de 1956 a 1960 para compreender o lugar social e as práticas de distinção desse grupo. Os autores contribuem nessa pesquisa por estudarem espaços de lazer focalizados em uma cidade muito próxima de Pelotas e que, de certa forma, tiveram trocas econômicas e culturais. Os espaços dessa pesquisa, embora localizados em Pelotas, também fazem parte das narrativas dos diários.

Mara Rúbia Sant'Anna (2005) e, José Mário Martinez Ruiz (1999) analisam a sociabilidade das elites através da aparência e moda. Sant'Anna (2005) busca perceber as estratégias de poder das elites de Florianópolis por meio da aparência, da instituição dos padrões de elegância e beleza. Ruiz (1999) disserta sobre a construção da identidade da elite paulistana através da etiqueta, da moda e da sociabilidade durante a modernização da cidade. Essas pesquisas foram inspiradoras para refletir sobre a temática da moda nos anos de 1950, visto que, os diários oferecem informações sobre compra de tecidos e desenhos de roupas. As fotografias de Clarice também são reveladoras sobre a moda da época e podem contribuir nesse sentido.

Sobre os estudos enfocados especificamente na cidade de Pelotas, temos Marcos Hallal Anjos (2000) e Beatriz Loner (1999) abordando grupos subalternos. Anjos (2000) coloca os estrangeiros como agentes importantes no processo de modernização da cidade. Sua abordagem foi observar a atuação dos estrangeiros no surgimento de novos espaços públicos de sociabilidade, como os jardins, parques e hotéis. Loner (1999), através de um enfoque nos operários, identificou

⁵ Nos diários de Clarice são citados 36 títulos de filmes assistidos por ela.

suas organizações como espaços de sociabilidade, sendo eles: sindicatos, agrupamentos políticos, teatros, clubes de futebol, blocos carnavalescos, associações étnicas e culturais. Estes estudos não correspondem ao período e grupo tratados nessa pesquisa, mas nos ajudam a pensar sobre o panorama histórico da cidade e nos aspectos da maioria da população.

E, por fim, temos Dalila Muller (2010) e Mario Osorio Magalhães (1993) tratando sobre a elite em Pelotas. A pesquisa de Magalhães (1993) é nossa referência para conhecimento dos valores culturais da elite no século XIX. O autor justifica o estudo nesse período devido sua interpretação em ver apenas no século XIX o momento propício de maior desenvolvimento cultural da cidade. Sua justificativa para esse argumento estava na economia estável que a cidade ainda vivenciava. Muller (2010) é uma das principais referências em nosso trabalho, pois seu objetivo foi apresentar os espaços formais, semiformais e informais de sociabilidade das elites na década de 1840, 1850 e 1860. A autora apresentou os espaços formais sendo sociedades de bailes; semiformais, os teatros e hotéis; e informais, as ruas centrais e a praça da Regeneração. Muller (2010) concluiu que os espaços de lazer e sociabilidade desse grupo:

[...] eram espaços de integração e identificação, se consolidando como espaços de distinção e diferenciação da elite em relação aos que deles não podiam participar, fosse pela seleção rigorosa, pelas condições financeiras ou pelas maneiras de se comportar e de se vestir, sinais distintivos do estilo de vida de um grupo, que reforçavam e acentuavam as diferenças sociais (MULLER, 2010, p. 263).

O marco teórico utilizado nessa pesquisa configura-se através de: Agnes Heller (2000) para explicar o cotidiano; Giovanni Busino (1992) para pensar em elites e Georg Simmel (1996) para explicar sociabilidade. O termo elite é considerado por Heinz (2006) como difícil de ser definido, pois não há um consenso sobre ele. Para tanto o autor, através de Busino (1992), caracteriza esse grupo como:

Minoria que dispõe, em uma sociedade determinada, em um dado momento, de privilégios decorrentes de qualidades naturais valorizadas socialmente (por exemplo, a raça, o sangue etc.) ou de qualidades adquiridas (cultura, méritos, aptidões, etc.). O termo pode designar tanto o conjunto, o meio onde se origina a elite (por exemplo, a elite operária, a elite nação), quanto os indivíduos que a compõem, ou ainda a área na qual ela manifesta sua preeminência.

No plural, a palavra “elites” qualifica todos aqueles que compõem o grupo minoritário que ocupa a parte superior da hierarquia social e que se arrogam, em virtude de sua origem, de seus méritos, de sua cultura ou sua riqueza, o direito de dirigir e negociar as questões de interesse da coletividade (HEINZ, 2006, p.7 *Apud* BUSINO, 1992, p. 4).

Em nosso caso, consideramos a origem familiar de Clarice como determinante para designá-la como pertencente à elite, de maneira que, através de suas narrativas, perceberemos que seu estilo de vida, os espaços de circulação social e educacional figuravam ambientes daqueles que tinham privilégios para usufruí-los.

Por cotidiano, Heller (2000) considera importante a participação dos historiadores na constituição de estudos juntamente à sociologia e antropologia. Para a autora: “A vida cotidiana não está ‘fora’ da história, mas no ‘centro’ do acontecer histórico: é a verdadeira ‘essência’ da substância social (HELLER, 2000, p. 20). Dessa maneira, a vida cotidiana é:

[...] a vida do homem inteiro; ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. Nela coloca-se “em funcionamento” todos os sentidos, todas as capacidades intelectuais, habilidades manipulativas, sentimentos, paixões, ideias, ideologias (HELLER, 2000, p. 17).

Para Heller (2000), o homem nasce inserido na cotidianidade, o que significa dizer que ele atua em um mundo com sistemas concretos e, por isso, necessita se apropriar/adaptar a sociedade. Segundo Heller, são os grupos (família, amigos, escolas) que inicialmente estabelecem as mediações/contato dos indivíduos com os elementos referentes ao cotidiano. É dessa maneira que o indivíduo amadurece ao ponto de adquirir as habilidades para viver na cotidianidade.

Essa mediação dos indivíduos é considerada aqui através de Simmel (1996) como sociabilidade. O autor define a sociabilidade enquanto forma lúdica da sociação. A sociação combina maneiras distintas de interação dos indivíduos, e isso se dá em função da “forma” (a interação entre os indivíduos) e “conteúdo” (instintos, interesses, impulsos). Segundo o autor, a sociedade é a interação dos indivíduos, onde a partir dos seus interesses e instintos buscam uma unidade com o outro, e a sociabilidade é uma manifestação pura, ou seja, “não tem propósitos objetivos, nem conteúdo, nem resultados exteriores, ela depende inteiramente das personalidades as quais ocorre” (SIMMEL, 1996, p. 170).

Por fim, utilizamos Marcellino (2007) para a definição do conceito de lazer como:

A cultura [...] vivenciada no tempo disponível. É fundamental como traço definidor, o caráter “desinteressado” dessa vivência. Ou seja, não se busca, pelo menos basicamente, outra recompensa além da satisfação provocada pela própria situação. A disponibilidade de tempo significa possibilidade de opção pela atividade ou pelo ócio (MARCELLINO, 2007, p. 4).

Esse autor considera o fator econômico como determinante para a prática do lazer em razão da disponibilidade de tempo e também acesso à educação. Para ele, as diferenças sociais contribuem para uma apropriação desigual do lazer. As “barreiras inter-classes sociais” são uma série de elementos definidos pelo autor como aspectos que inibem e dificultam a prática do lazer. Para ele, as barreiras podem ser: classe social⁶, faixa etária e gênero⁷. Essas são entraves que, quando não atuantes na vida dos indivíduos, tornam o lazer uma prática dos privilegiados.

Nossas metodologias são norteadas de acordo com nossas fontes. Segundo Luciana Quillet Heymann (2013), um dos procedimentos para auxiliar metodologicamente a análise dos documentos pessoais é não encarar os arquivamentos pessoais como produções naturais da trajetória dos indivíduos. Logo, para além das seleções feitas por quem os produziu, o investimento crítico que o pesquisador tem sob esses documentos deve ir além das chaves tradicionais de composições de trajetórias. Nesse sentido, é importante destacar o cuidado com o “feitiço dos arquivos privados”, que implica em uma boa orientação do pesquisador na pesquisa científica. Conforme Ângela Maria de Castro Gomes (1998):

Por guardar uma documentação pessoal, produzida com a marca da personalidade e não destinada explicitamente ao espaço público, ele revelaria seu produtor de forma verdadeira, aí ele se mostraria de ato, o que seria atestado pela espontaneidade e pela intimidade que marcam boa parte dos registros (GOMES, 1998, p. 125).

⁶ A boa condição econômica de Clarice é perceptível em suas narrativas devido ao tempo e dinheiro que ela dispunha para o lazer. Classes menos abastadas possuem menos oportunidades de desfrute do lazer.

⁷ O gênero como um entrave para o lazer será percebido diante do contexto vivido por Clarice. Para as mulheres a década de 1950 inculca regras de conduta que influenciaram diretamente nas suas posições na sociedade e, conseqüentemente, participações em determinados espaços sociais e práticas de lazer.

A chamada “ilusão biográfica”, analisada por Pierre Bourdieu (1998), complementa as ideias de Gomes, pois a narrativa de quem descreve sua própria vida é representada de forma retilínea e bem articulada. Segundo Gomes, o que importa para os historiadores na análise desses documentos não deve ser direcionada na tentativa de confirmar os fatos ou verdades das narrativas de si, mas sim interpretar as sensibilidades e a maneira como o indivíduo lia seu mundo:

[...] O que passa a importar para historiador é exatamente a ótica assumida pelo registro e como seu autor a expressa, isto é, o documento não trata de “dizer o que houve”, mas de dizer o que o autor diz que viu, sentiu e experimentou, retrospectivamente, em relação a um acontecimento (GOMES, 2004, p. 14).

Sendo assim, para Lilian Lacerda (2003), o historiador tem a possibilidade de ser conduzido por duas abordagens de pesquisa em autobiografias: a primeira, está em estudar especificamente a pessoa que escreve e tudo o que diz respeito a ela própria. A segunda abordagem, e que seguimos aqui, está em perceber as sensibilidades em relação ao contexto do escritor e os motivos da existência dessas escrituras, ou seja, buscar compreender as razões para sua produção, o período, a intenção ou despretensão de publicação, temas/memórias elencados pelo escritor, a temporalidade/frequência em que foi escrito e as falhas e lacunas das lembranças. Assim, interpretar as informações dos diários aliadas à bibliografia sobre autobiografia foi o primeiro passo dessa pesquisa. Contudo, acreditamos que o cruzamento com outras fontes contribuirá para dar completude às respostas da problemática de nossa pesquisa, já que a fonte diarística nos oferece um pequeno olhar sobre Pelotas e seus espaços. Ademais, através da História Oral e dos jornais da cidade de Pelotas os espaços de lazer, sociabilidade e o contexto pelotense poderão ser melhores construídos.

Buscando uma definição do que é História Oral, Portelli (1997) afirma ser uma ciência da escuta, que constrói narrativas “[...] por meio de conversas com pessoas sobre a experiência e a memória individuais e ainda por meio do impacto que estas tiveram na vida de cada uma” (PORTELLI, 1997, p. 15). José Carlos Sebe Bom Meihy (2007) propõe três tipos de História Oral: História Oral de Vida, História Oral Temática e Tradição Oral. Utilizamos a História Oral Temática, pois é por meio dessa que o pesquisador busca observar temas relacionados a sua pesquisa.

Em nosso caso, os diários de Clarice contêm 80 nomes de pessoas (a maioria de mulheres) que tentamos localizar para registrar as lembranças sobre Clarice, sobre os espaços sociais que frequentavam, o que faziam no tempo livre e as regras de conduta femininas na década de 1950. Também buscamos saber sobre a prática de escritura de diários objetivando rastrear outras possíveis fontes de cunho íntimo. A História Oral que se pretende realizar é a chamada híbrida, pois consiste em combinar/cruzar os conteúdos das entrevistas com bibliografia e outras fontes.

No que tange à feitura das entrevistas, nossa busca foi feita a partir dos nomes citados nos diários localizando-os via telefone e internet. A primeira entrevistada, Lucia Helena Brauner, nos contatou via mensagem na rede social Facebook expressando interesse em contribuir na pesquisa. Depois desse primeiro encontro tivemos a oportunidade de localizar outras pessoas citadas nos diários através dos contatos que Lucia Helena ainda mantinha com amigas em comum de Clarice. Dos nomes presentes nos diários apenas Maria da Graça Gazalle, Carmem Machado dos Santos e Lucia Helena Brauner aceitaram contribuir oralmente para nossa pesquisa. A partir disso todas entrevistas foram marcadas no horário e local de preferência do narrador. Para facilitar a reconstrução memorial dessas pessoas, apresentamos os diários e algumas fotografias com intuito de acionar “gatilhos de memórias” para ajudar na rememoração de uma época que está muito distante do agora – devemos levar em consideração a importância dessa estratégia, pois a faixa etária dos depoentes beira os oitenta anos. Sobre a parte técnica da História Oral, as entrevistas foram gravadas, transcritas integralmente, e posteriormente apresentadas aos depoentes junto a um termo de cessão gravado por voz por eles.

Márcia Espig (1998), ao falar sobre o uso da fonte jornalística no trabalho historiográfico, caracteriza os jornais como “arquivos do cotidiano”. Nessa pesquisa, os jornais ajudarão na reflexão sobre o contexto pelotense na década de 1950 nos âmbitos político, econômico e cultural. Os jornais são espaços de acesso às memórias e cronologia de eventos passados, e precisam estar atentos a uma intensa crítica dos seus conteúdos. Segundo a autora, “sobre o jornal devem incidir reflexões metodológicas que possibilitem uma leitura intensiva mais competente, através da qual se possa desvendar cuidadosamente o que é importante dentro de determinado assunto” (ESPIG, 1998, p. 274). A imprensa será pensada aqui como representação do real, bem como Espig (1998) afirma: “Esta representação luta para

impor-se frente a outras, e passará a compor o imaginário social de determinado grupo caso possua a virtude de fazer sentido para este grupo”. Por isso é importante que nós historiadores nos atentemos em traçar o público-alvo de cada jornal, pois os discursos desses jornais são dirigidos a eles.

Dessa maneira, identificar as linhas editoriais e ideológicas dos periódicos é importante para perceber a maneira como cada assunto é conduzido. Para isso, utilizamos um artigo de Loner (1998) na qual ela explicita o panorama dos jornais pelotenses em circulação durante 1889 e 1930. Dos quatorze jornais locais citados por ela, apenas três ainda circulavam em Pelotas na década de 1950; entre eles, os aqui analisados são *Diário Popular* e *A Opinião Pública*. O *Diário Popular*, criado em 27 de agosto de 1890 por Theodozio de Menezes e sua equipe, foi o jornal oficial do Partido Republicano Rio-Grandense em Pelotas. Segundo Loner (1998):

Vai apresentar uma grande estabilidade, inclusive em sua linha editorial ao longo dos anos e das décadas da Primeira República, pois sempre vai representar os interesses da situação na cidade, que será governada praticamente sem interrupções pelo PRR. Favorecido por ser órgão oficial, será o primeiro a abandonar o pequeno número de 4 páginas, insuficientes para acomodar todas as notícias e especialmente avisos, editais e outros tipos de publicações (LONER, 1998, p. 12).

A Opinião Pública, jornal definido como órgão republicano, entrou em circulação no dia 5 de maio de 1896, e sua fundação foi encabeçada pela antiga equipe de fundação do o *Diário Popular*. Foi um jornal consolidado e respeitado, e que, ao dispor-se para arrendamentos, adquiriu capital significativo para investir em sua estrutura. Por ser um jornal tradicional, “*A Opinião Pública* permitia rápida difusão das ideias do novo grupo dentro de cada lar e de cada empresa da cidade. Assim, ele é um espaço à disposição de quem tem dinheiro e um projeto a veicular” (LONER, 1998, p. 14). O jornal *A Alvorada*, também circulava na cidade no período de nossa pesquisa, porém não foi citado aqui devido seu editorial ter sido realizado por intelectuais negros da cidade. Tal periódico tinha foco para um público que não se configurava com a elite que estamos pesquisando.

2.1 Produções do eu: arquivos pessoais, autobiografia e memória

Retrocedendo no tempo, quando dialogamos com as produções do eu, revisitamos na História questões sobre a construção dos sujeitos em sua

individualidade. O século XIX representou um período de transformação dentro da família e nas respectivas relações entre pais, filhos e irmãos; nas maneiras de morar; de vestir; de pensar sobre o corpo, a mente e o próprio tempo. A família burguesa foi uma das que investiram, com maior intensidade, na transformação dos seus hábitos para a construção da individualidade. Por exemplo, devido às condições econômicas, a família burguesa teve a possibilidade de transformar o lar e seus respectivos aposentos em quartos individuais. “A nova solidão do leito individual conforta o sentimento da pessoa, favorece sua autonomia; facilita o desabrochar do monólogo interior; as modalidades da prece, as formas de devaneio, as condições do adormecer e despertar [...]” (CORBIN, 1991, p. 440).

A higiene também é outra questão a ser relacionada à individualidade. Ela, ao tornar-se uma importante descoberta para afastar doenças, teve o banho e seus lugares de defecação transformados. O surgimento do banheiro individual com a presença de uma chave foi o produto dessa transformação, que representou a liberdade dos corpos para circular dentro do espaço privado. Em suma, o século XIX representou transformações nas relações e seus espaços, de forma a marcar uma transição da privacidade e individualidade.

Nesse sentido, se a privacidade foi uma construção, essa, ao colocar o indivíduo em maior contato com a solidão, implicou na efetivação de meios para o cuidado de si. Alan Corbin (1991) disserta sobre como no século XIX o controle de si foi exercitado através da escrita e de retiros espirituais. Essa nova maneira de viver tinha como objetivo a busca pelo esclarecimento do indivíduo sobre si, e também servia como um exercício de autodisciplina na organização do tempo e do dinheiro, ou seja, uma forma de evitar o desperdício:

É em função de olhar para si mesmo, e dos olhares dos outros e do mundo, que se estrutura um exame permanente, obcecante. O longo monólogo interior permite também que se controle a aparência pessoal, tornando-a ao mesmo tempo mais indecifrável aos outros; o necessário segredo do indivíduo contribui para impor a introspecção (CORBIN, 1991, p. 457)

Foi durante a modernidade que o indivíduo postulou seu lugar na sociedade, e as produções de si floresceram como artifícios de um autoexame e autocontrole. Segundo Gomes (2004), quando o homem comum reconheceu a sua importância na sociedade, ou melhor, quando o indivíduo se reconheceu como parte integrante do todo, as produções de si deixaram de ser exclusividade dos homens públicos:

Na medida em que a sociedade moderna passou a reconhecer o valor de todo o indivíduo e que disponibilizou instrumentos que permitem o registro de sua identidade, como é o caso da difusão do saber ler, escrever e fotografar, abriu espaço para a legitimidade do desejo de registro da memória do homem “anônimo”, do indivíduo “comum”, cuja vida é composta por acontecimentos cotidianos, mas não menos fundamentais a partir da ótica da produção de si (GOMES, 2004, p. 13)

Leonor Arfuch (2010) postula que as produções da intimidade com a solidificação do ideal burguês cujo “processo civilizador” do estado Absolutista se efetivou através de mecanismos de controle. “Assim, confissões, autobiografias, memórias, diários íntimos, correspondências, traçariam, para além de seu valor literário intrínseco, um espaço de autorreflexão decisivo para a consolidação do individualismo como um dos traços típicos do Ocidente” (ARFUCH, 2010, p. 35-36).

Dessa forma, as relações íntimas, o espaço privado e os sentimentos, ao mudarem e se transformarem no decorrer do tempo, deixaram para o historiador resquícios, indícios e pistas das maneiras como os homens e mulheres viviam cotidianamente entre si e consigo. No entanto, nem sempre o ofício do historiador esteve preocupado em construir uma História das miudezas do cotidiano, da intimidade e das individualidades. A disciplina História nem sempre esteve atenta a estudar o indivíduo comum, e os arquivos pessoais foram fontes por vezes foram negligenciadas.

Antes, a historiografia, sob luz de uma perspectiva da escola metódica, via nos arquivos pessoais o objetivo de construir biografias de grandes homens, em sua maioria os homens da política. Isso por que os historiadores davam importância e legitimidade apenas aos documentos e registros oficiais dos governos. Essa “história vista de cima”, percebia somente as instituições e políticos como os protagonistas dos eventos históricos.

Entretanto, há cerca de 40 anos, sob um novo paradigma da “história vista de baixo”, especialmente com a Nova História Cultural, a posição do indivíduo se renova, negando uma análise do indivíduo por ele mesmo, onde o homem comum torna-se protagonista e suas ações são interpretadas sob a luz do seu contexto e espaço. O intenso debate entre as ciências humanas operou uma renovação epistemológica ao investir um olhar micro sobre os indivíduos e suas relações: Documento, verdade, tempo e memória foram repensados e o esgotamento da verdade factual e objetiva na História implicou em uma nova postura dos

historiadores para com seus objetos de pesquisa. De acordo com Mary Del Priore (2009), após um extenso período de atenção ao coletivo, os historiadores voltaram a se interessar ao indivíduo como um lugar central de suas preocupações. E, para isso, a redescoberta da biografia foi de suma importância:

Assistiu-se, assim, a uma volta do gênero, mas de uma biografia que nada tinha a ver com um retorno à história heroica e literária dos grandes homens. Enterrava-se a biografia positivista dos tempos de antanho, descrita por Jacques Le Goff como “tradicional, superficial, anedótica, cronológica, sacrificada a uma psicologia ultrapassada e incapaz” (DEL PRIORE, 2009, p. 9).

Desse modo, através das biografias, os historiadores sublinharam as sensibilidades, subjetividades e comportamentos para criar hipóteses sobre a sociedade. Se antes, para alcançar a objetividade, encarávamos as fontes com uma rigorosa crítica interna a fim de eliminar as subjetividades, agora, em vez de pôr à prova a exatidão dos relatos, é a própria subjetividade que vem a nos interessar:

Digamos, resumindo, que se trata principalmente do valor de verdade, não verdade dogmática, absoluta ou transcendental, mas verdade humana, verdade da testemunha sincera que diz o que fez, viu e sentiu, verdade acessível a todo homem inteligente que sabe ver, refletir e sentir (PROCHASSON, 1998, p. 114).

Para Gomes (1997), o estudo através de arquivos pessoais é de suma relevância para os historiadores, pois ao entrarmos em contato com essas fontes, temos a oportunidade de “Dar cor e sangue aos acontecimentos” (GOMES, 1997, p. 7). Ao olharmos novamente para os indivíduos sob uma visão micro: “Nós, historiadores, podemos passar a conhecê-los na “intimidade” de seus sentimentos e nos surpreendemos a dialogar com eles e até a imaginar pensamentos” (GOMES, 1997, p. 7). Sendo assim, de que maneira devemos interpretar os arquivos pessoais? Como esses arquivos podem ser pensados de forma ampla em que não se esgotem no indivíduo por ele mesmo?

Para isso, é válida a reflexão sobre nosso espaço íntimo: que objetos temos em cima da banqueta de nossos quartos? Que pinturas estão penduradas em nossas paredes? Com quais objetos decoramos nossas casas? A todo momento, em nossos lares, organizamos, reorganizamos e excluimos diversos objetos. Entre mudanças de residência ou simplesmente uma reorganização das gavetas manipulamos nossa existência. Philippe Artières (1998) diz que:

[...] arquivar a própria vida é como escolher o que queremos deixar sobre nós para os outros, ou seja, através da escrita de diários, fotografias, livros ou objetos pessoais representamos nossa identidade. Arquivar a própria vida é se por no espelho, é contrapor a imagem social à imagem íntima de si próprio e, nesse sentido, o arquivamento do eu é uma prática de construção de si mesmo e de resistência (ARTIÉRES, 1998, p. 11).

Todo e qualquer artefato do nosso espaço pessoal tem uma história que conta um pouco sobre quem somos. E o ato de autoarquivamento é uma forma de construir uma autobiografia textual ou não. Em suma, os arquivos pessoais são lugares de memória e identidade e podem representar tanto nossas vidas individuais como coletivas:

Os registros, sob qualquer forma, nos oferecem, em primeiro lugar, testemunhos de nossas interações com os outros, no contexto de nossas próprias vidas e do lugar que ocupamos nas deles – são provas de “nossa existência, de nossas atividades e experiências” (MCKEMMISH, 2013, p. 24).

Em nossa pesquisa, embora os diários de Clarice sejam a principal fonte de análise, percebemos a importância de não descontextualizá-los de seu local original e dos outros elementos encontrados juntamente a eles. Embora essa seja uma premissa metodológica para quem trabalha com arquivos pessoais, percebemos que as narrativas contidas nos diários também possuem conexões com os objetos pessoais de Clarice e esses, por sua vez, representam também o grupo ao qual ela pertencia.

Os diários que analisaremos constituem-se em dois cadernos. O primeiro, cuja fabricante se chama Cartona, possui folhas brancas pautadas e ornamentações nas bordas. A capa forrada por um papel transparente tem escrito “lembranças”, e por dentro um recado: “A ti querida Clarice, com votos de felicidade da amiga que muito te quer, Myriam”. Esse caderno possui 40 páginas, datando entre 9 de maio de 1954 a 27 de fevereiro de 1955. Sua escrita possui uma letra bonita e legível, variando no uso das tintas, dando a impressão de que ela perdia constantemente suas canetas ou que gostava de variar a forma da escrita. O segundo é menor e tem aparência mais simples, foi forrado por um papel verde floreado e não indica ter sido presenteado por alguém. A letra não esteve mais bonita, e fora por alguns momentos escrito a lápis. Este possui 89 páginas e compreende o período de 16 de março de 1955 a 15 de julho de 1956.

Dentre os outros pertences de Clarice, por exemplo, foram encontrados álbuns fotográficos, uma revista Manchete do ano de 1954 e um livro de genealogia familiar. Embora, superficialmente, isso represente apenas rastros de sua intimidade e individualidade, podem expressar a construção da identidade ao que existia externamente a ela. Ou seja, as fotografias, ao apresentarem os ambientes e o grupo social pelas quais ela circulava, não falam somente sobre ela, mas também sobre o grupo que pertencia. A revista Manchete também representa um produto de consumo de um grupo, e foi especialmente guardada por conter uma foto em que ela e seus familiares aparecem em uma reportagem de um evento social.

Os documentos produzidos por um grupo, como, por exemplo, os jornais, são para Pierre Nora (1993) “lugares de memória” que representam a memória nacional, ou melhor, um ponto de referência para os grupos. Além das fotografias e da revista citada, existe também dentro dos diários de Clarice alguns recortes de jornais que são referências sobre ela na sociedade pelotense. Segundo Lacerda (2003), umas das características das escrituras autobiográficas é a preocupação com a rememoração das experiências pessoais e sua articulação com o contexto histórico. Para atingir esse objetivo, as escritoras utilizam documentos como fotografias, matérias jornalísticas e testamentos de família como forma de sustentação de suas memórias:

A memória não só dialoga no tempo e no lugar em que se inscreve, mas também acrescenta elementos que a legitima como depoimento de valor e verdade. A memória individual dialoga com o coletivo e dimensiona a realidade passada. As lembranças apoiam-se em fatos, acontecimentos históricos, e ao mesmo tempo ampliam e informam aspectos da história social brasileira (LACERDA, 2003, p. 90).

Sendo assim, talvez possamos pensar que o intuito de Clarice em guardar os jornais e as revistas em que ela aparece, seja uma forma de firmar sua identidade para além do que ela mesma descreve sobre si, ou seja, pode ser uma forma de confirmar quem ela era através das memórias públicas. Frente a isso, concordamos com Joële Alvaro Moreyra Rouchou (2013) acerca da reflexão de recortes de jornais em arquivos pessoais. Para ele:

Penso em recortes de jornais como outro local de memória, dessa vez pessoal. Um tipo de apropriação desse armazenamento das páginas dos jornais que será editado de acordo com as necessidades do sujeito, em determinado momento histórico e

peçoal. É a sua subjetividade que determinará a importância do que ele vai privilegiar (ROUCHOU, 2013, p. 252-253).

O termo “provas de mim”, referenciado por Sue Mckemmish (2013), traduz o que pensamos sobre os objetos encontrados em torno aos diários, e de que forma se efetivam os testemunhos em apoio a coletividade. O acúmulo de objetos pessoais é articulado por Mckemmish (2013), através de Giddens, como “Narrativas do *self*”. Este autor discorre sobre como nossa própria identidade está ligada à capacidade que temos de sustentar as histórias que contamos sobre si (MCKEMMISH, 2013, p. 19). Candau (2011) também articula reflexões sobre narrativas. Para ele as narrativas são organizações das memórias que, ao serem colocadas em ordem pelos indivíduos, atribuem um sentido para a vida (CANDAU, 2011, p. 61). Portanto, talvez seja importante pensar as produções de si e autoarquivamentos nessas perspectivas, pois ao abarcarmos elementos para além dos textuais ou orais podemos compreender melhor os instintos do testemunho e sua relação com a construção da identidade.

Contardo Calligaris (1998), ao falar sobre biografia e autobiografia enfatiza que a autobiografia é uma narrativa em que o indivíduo se coloca acima da comunidade a que pertence, e concebe sua vida como uma aventura a ser inventada, e não como uma confirmação de tradições. O autor, ao situar essas produções na modernidade, enfatiza o surgimento simultâneo da biografia e da autobiografia, e suas diferenças: “a biografia vem a existir como gênero quando a vida de cada um, a experiência de vida, já é uma autobiografia, antes mesmo que seja escrita ou não” (CALLIGARIS, 1998, p. 48).

Logo, é válido ressaltarmos que existem diferenças entre biografias e autobiografias. A biografia é a história de um indivíduo redigida não por ele mesmo, mas por uma outra pessoa. É um trabalho de seleção e montagem de narrativas, onde a presença do pesquisador determina quais aspectos, memórias e sentidos traçará sobre determinada pessoa. Já a autobiografia, como o nome diz, é a narrativa da pessoa sobre si mesma. O narrador tem o controle sobre a escrita decidindo o encaminhamento do seu texto da maneira que lhe for conveniente.

Segundo Lacerda (2003), dentro da autobiografia existem outras denominações, como, por exemplo, romances pessoais, diários intimistas, crônicas memoriais e romances autobiográficos. Todas essas escrituras possuem em comum a posição do indivíduo como criador de sua própria narrativa e do seu próprio eu.

Suas diferenças nessas modalidades estão preponderantemente na forma narrativa em que esse “eu” será exprimido. Todas essas narrativas autobiográficas estão, segundo Lacerda, dentro da trilogia: diário - memória - autobiografia, e essas possuem distinções narrativas entre si.

O texto autobiográfico é marcado pela literalidade que a autora impõe em seu texto ao narrar sua vida e acontecimentos vividos. Também possui a inscrição das experiências privadas e íntimas da escritora, que ao narrá-los expõe sua opinião sobre determinados acontecimentos, comportamentos e códigos de conduta, que por vezes, estão de acordo com seu lugar social e contexto histórico vivido. O caráter literário dessas escrituras gerou críticas quanto ao uso dessas fontes para o estudo histórico. Estas rejeições pairavam em uma reflexão sobre essas narrativas serem ficção ou verossimilhança. Segundo Philippe Lejeune (2008), a ausência da verdade factual nessas narrativas não pode ser confundida com ficção. O pacto autobiográfico, definição discutida por esse autor, é o que distingue a ficção da autobiografia. Lejeune (2008) define que para compor uma autobiografia é necessário ter no texto um tratado explícito entre a identidade do autor, narrador e personagem:

O autor, representado na margem do texto por seu nome, é então o referente ao qual remete, por força do pacto autobiográfico, o sujeito da enunciação [...]. Seu objetivo não é a simples verossimilhança, mas a semelhança com o verdadeiro. Não o ‘efeito de real’, mas a imagem do real (LEJEUNE, 2008, p. 36).

Já as narrativas de cunho memorialístico descritas por Lacerda (2003), apresentam relatos cronológicos mais bem estruturados que o texto autobiográfico. A afetividade, subjetiva e caráter confessional são as bases que contribuem para a construção dessa narrativa. A memorialista busca apoio em legitimar a veracidade de suas memórias através de outros documentos, como, por exemplo, jornais ou fotografias. “Portanto, se a autobiografia assume ou busca assumir formas literárias de escritura, na memória a preocupação é com a verdade do narrado, isto é, sobressai aqui o documentário construído sobre a vida.” (LACERDA, 2003, p.42)

Nos diários, a intimidade é mais evidente que as outras duas denominações apresentadas acima. A narrativa é guiada por datas, pessoas, lugares e o que mais é expresso são detalhamentos dos acontecimentos do cotidiano. Nos diários, não há uma frequência sobre a escrita. Estas descontinuidades dependem estritamente dos

movimentos da vida da escritora, logo, podem existir intervalos grandes de tempo nessas narrativas. As informações contidas nos diários são simples e breves, seu caráter é mais intimista que as narrativas memorialísticas e os textos autobiográficos, e quem o escreve exprime suas impressões sobre o vivido de forma mais individual. “Diferentemente do romance, que cria um mundo ficcional, e de uma autobiografia, que olha para trás a partir de um ponto fixo, o diário representa um tempo presente contínuo acompanhando uma história de vida imprevisível e imponderável” (FERREIRA, 1998, p. 7). Para Corbin (1991), escrever um diário é uma prática, é uma disciplina sobre si que “[...] permite a análise da culpabilidade íntima, registra tanto os fracassos da sexualidade como o sufocante sentimento da incapacidade de agir; repisa as resoluções secretas” (CORBIN, 1991, p. 457).

Os diários íntimos que pretendemos analisar são lugares de uma memória feminina que possibilitam mostrar as sensibilidades e o cotidiano em determinada época, em nosso caso, na cidade de Pelotas na década 1950. Essas fontes, para nós historiadores, são valiosas e nos proporcionam “compreensão de vidas cotidianas, repletas de gestos de amor e ressentimentos, mas que também são marcados pelos freios morais de determinada época” (CUNHA, 2001, p. 253). Para Maurice Blanchot (2005), a característica mais notável dessa escritura é a sinceridade:

O que se escreve se enraíza então, quer se queira, quer não, no cotidiano e na perspectiva que o cotidiano delimita [...]. Disso decorre que a sinceridade representa, para o diário, a exigência que ele deve atingir, mas não deve ultrapassar. Ninguém deve ser mais sincero do que o autor de um diário, e a sinceridade é a transparência que lhe permite não lançar sombras sobre a existência confinada de cada dia, à qual ele limita o cuidado da escrita (BLANCHOT, 2005, p. 270-271).

Para quem pesquisa essas escrituras, a sinceridade torna-se um desafio interpretativo. Segundo Foucault (2004), a escrita de si “é um operador da transformação da verdade em ethos” (FOUCALUT, 2004, p. 2), ou seja, a sinceridade do indivíduo ganha um valor tão forte quanto a prova dos “fatos”. Caligaris (1998) também discorre sobre o efeito da palavra sincera na sociedade, exemplificando através de um texto em primeira pessoa o quanto essa narrativa é convincente em sua forma. “A verdade que importa é cada vez mais a que está no sujeito, no foro íntimo do indivíduo, de onde se presume que provenham fala e escrita” (CALLIGARIS, 1998, p. 45). O que esses autores alertam é que, embora a

intenção de quem escreva seja a sinceridade, ela jamais será sinônimo de verdade: “Ser sincero, autêntico, é um valor em si, em nada subordinado à verdade factual” (CALIGARIS, 1998, p. 45).

Dessa forma, na tentativa de situar historiograficamente os estudos com escritas de si, surgiram, em nossa pesquisa, as seguintes perguntas: De que maneira as pesquisas históricas interpretam esse tipo de fonte? Quais temáticas são abordadas? Inicialmente é válido começarmos citando a pesquisa de Maria José Viana (1993)⁸. Essa teórica de escritas autobiográficas rastreou diversas obras femininas no Brasil tornando possível o acesso de outros pesquisadores para pesquisas com essa temática e fonte. Embora a quantidade de obras catalogadas seja expressiva, ainda é ínfima quando percebemos que as escritas de si permanecem escondidas e esquecidas em sótãos e gavetas.

O estudo de Lacerda (2003) baseou-se também em escritoras brasileiras que produziram autobiografias. Essa autora procurou compreender a forma feminina de se relacionar com a leitura e escrita, com os espaços da cidade, os hábitos culturais e ambiente familiar. Foi através das narrativas autobiográficas, que Lacerda compôs a trajetória de vida das mulheres leitoras no Brasil, assim como também a conquista no mercado literário.

Maria Tereza Cunha (2013), ao analisar cartas e diários de mulheres professoras, buscou, através dessas fontes, compreender o contexto e as sensibilidades da época. As cartas datadas de 1967 a 1968 revelam o cotidiano de mulheres/professoras no ambiente privado e em sua área profissional durante o Golpe Civil militar. Sob uma perspectiva de análise diferente, os diários datados de 1960 e 1970 são considerados pela autora como lugares de expressões de si, denominados de “refúgios do eu”. Esses expressam uma conotação diferente das cartas devido à destinação da escritura ser do autor para si mesmo e os registros serem elencados em maior importância de acordo com a individualidade de quem escreve. Cunha, através dessas fontes, esmiúça temáticas presentes na vida dessas mulheres junto ao contexto vivido por elas.

⁸ Segundo Lacerda (2003) “A produção memorialística feminina e brasileira, resgatada por Maria José Viana, representa uma parcela da seara conhecida de escritas que nem chegaram a ser publicadas, nem chegaram a ser lidas, já que devem ter sido destruídas pelo tempo ou por alguma forma de censura social” (LACERDA, 2003,p. 50).

No mesmo sentido, Ana Maria Mauad e Mariana Muaze (2004), ao acessarem diários de uma mulher de elite do século XIX, apresentam as mulheres ocupando ambientes até então inimaginados. Ao lerem os diários da Viscondessa do Arcozelo, perceberam-na como agente ativa na administração da fazenda de café. As autoras dão foco também nas temporalidades desses escritos, percebendo que os registros do dia a dia eram guiados pelo clima, pela produção de café e pelo crescimento dos filhos, ou seja, os registros estavam baseados nas experiências do cotidiano da Viscondessa. Os diários também apontam seus espaços de sociabilidades, o núcleo familiar, os lugares para os quais viajava, e com quais parentes tinham maior proximidade dentro da família.

Vavy Pacheco Borges (2002) exhibe diários do século XIX de uma mulher de origem europeia residente no Rio de Janeiro. A autora teve enfoque nas emoções de Eugénie Leuzinger Masset, que através da escritura de diários expressa seu sofrimento e as dificuldades financeiras ocasionadas após a morte do marido. Os diários apresentam emoções de tristeza e preocupação diante de um novo modo de vida que ela precisou adentrar para vencer as dificuldades econômicas. Tais mudanças implicaram em assumir uma vida profissional e pública para sustentar a si e aos filhos. Através desses diários a autora também interpreta a educação, cultura, e, principalmente, a influência da religião na narrativa da diarista.

Lejeune (1997), também estudioso de diários, nos apresenta as dificuldades e reflexões que experienciou ao ler diários de jovens francesas. O autor discorre também sobre a escassez de diários de rapazes, e justifica essa falta devido à imposição educativa que essas escrituras estiveram designadas para as mulheres. Segundo o autor, o sistema educacional para mulheres tinha o objetivo de ensiná-las a serem boas esposas, mães e cristãs. Para o autor, o diário seria uma forma de autovigilância e autodisciplina para as funções sociais nas quais as mulheres estavam vinculadas.

Maria Helena Camara Bastos (2000) aborda os diários de Cecília Assis Brasil na intenção de apreender as práticas de leitura nas primeiras décadas do século XX. A autora conseguiu, através dos diários, perceber o que Cecília lia, de que maneira lia, e como se apropriava desses textos. No diário da jovem, a autora apresenta o cotidiano, em quais espaços ela praticava a escrita e também como as leituras traziam satisfação pessoal a ponto de inspirar a jovem a ensaiar produções de poemas.

Ana Maria Rufino Gillies (2010), problematiza a inserção dos imigrantes ingleses no Paraná através da construção da trajetória de Caroline Tamplin, uma imigrante britânica que viveu naquele estado na segunda metade do século XIX. A partir de um diário escrito por ela (1880-1882), das memórias escritas pelo neto, dos jornais do período, correspondências e relatórios oficiais a autora dissertou sobre as relações sociais por ela estabelecidas com a sociedade curitibana e moradores da colônia Assunguy.

Já sobre escrita de si masculina evidenciamos três autores, embora saibamos que existem muitas outras obras e pesquisas com diários de homens. A dissertação de Patrícia Simone Araújo (2013) e a tese de Márcio Couto Henrique (2008) analisam o diário íntimo de José Vieira Couto de Magalhães, considerado grande herói da Guerra do Paraguai. Através dessas escritas intimistas os autores abordam temáticas como sexualidades, corpo, saúde e doença. Os diários foram aliados a outros documentos produzidos por José Vieira Couto que evidenciam a tentativa de autoconstrução de si com intuito de legitimar seu legado. Antonio Paulo Rezende (2004) analisa o diário de Gilberto Freyre relatando seus principais conteúdos relacionados a política, seus devaneios intelectuais, a linguagem e também suas leituras. Segundo o autor, “seu diário é fonte básica para entender esse reencontro fundamental para a execução dos seus futuros projetos intelectuais” (REZENDE, 2004, p. 89).

Em nossa pesquisa existem vários aspectos a serem analisados que confluem com o que as pesquisas que foram citadas. Embora nosso objetivo principal seja analisar os espaços de sociabilidade que Clarice frequentava, acreditamos que esmiuçar outros conteúdos presentes nas narrativas pode apresentar um pouco sobre a identidade de Clarice, de maneira que se possa interpretar como ela se sentia e como o contexto vivido transparece em suas atitudes e pensamentos.

3 As Produções do Eu no Espaço Privado: Escrita de Si e Lazer

Neste capítulo pretendemos dissertar sobre os lazeres praticados no ambiente privado. A subjetividade de Clarice é apresentada através de suas práticas de escritura e leitura. Abordaremos as formas como Clarice se sentia ao escrever o seu diário com embasamento historiográfico sobre a desvalorização da escrita feminina. Em seguida as literaturas consumidas por Clarice serão desenvolvidas como uma tentativa de apresentar como essas leituras tiveram influência na construção de si

3.1 *Hoje completo 15 primaveras, tenho pois o direito de escrever meu diário: práticas de escritura*

De maneira geral, percebemos a presença das mulheres nos arquivos pessoais/privados devido as funções sociais para as quais estiveram vinculadas socialmente. Segundo Perrot (1989) a leitura e a escrita foram frequentemente exercidas por mulheres, o que significa dizer que embora os gêneros autobiográficos e íntimos pertencessem a elas, não são práticas especificamente femininas. Mesmo de forma não explícita, é de nosso conhecimento que o ambiente público pertence/pertencia aos homens.

A maior parte do que conhecemos nos é transmitida por homens. Em trabalhos literários, textos normativos, tratados morais e expressões artísticas, ou as mulheres estão completamente ausentes, ou são encontradas dentro do discurso de homens sobre mulheres[...] torna-se necessário isolar fontes variadas anda produzidas por instituições, mesmo aqueles que permitem às próprias mulheres falar mais diretamente; por conseguinte, na esfera privada, por meio de cartas ou diários (SALVATICI, 2005, p. 30).

O privado com a presença de álbuns de fotografias ou lembrancinhas de família foram os espaços onde as mulheres se representaram. Conforme indaga Corbin (1991): “O enxoval bordado pela juvenzinha não pode ser considerado como uma atenta escrituração de si e de seus sonhos para o futuro?” (CORBIN, 1991, p.460). O silêncio textual das mulheres nas fontes históricas, algo preponderantemente enfatizado por Michelle Perrot (2007), é a nossa dificuldade para construção da História das mulheres. Esse vazio não só é consequência da

alfabetização tardia das mulheres, mas também da sua constante desvalorização como cidadã e agente histórica:

Convencidas de sua insignificância, estendendo à sua vida passada o sentimento de pudor que lhes havia sido inculcado, muitas mulheres, no caso de sua existência, destruíam – ou destroem – seus papéis pessoais. Queimar papéis, na intimidade do quarto, é um gesto clássico da mulher idosa (PERROT, 2007, p. 21-22).

Por essa razão, pesquisar narrativas femininas possui relevância pela resistência desses papéis ao tempo e ao descarte. Essas escrituras também pertenceram a um mínimo grupo de mulheres privilegiadas que tiveram espaço, suporte e educação para produção textual, mas que ainda assim permaneceram silenciadas em suas escrituras:

Resta definir o efetivo consagrado à prática de escrever sobre si mesmo. Caso nos atenhamos aos grandes autores de diários, reconhecidos pela história literária, a tarefa é fácil. São numerosas as mulheres as quais o código de conveniências proíbe a publicação e que suprem graças ao diário sua necessidade, quando não sua fúria, de escrever (CORBIN, 1991, p. 458).

Segundo Ana Mignot (2000), no Brasil, a partir do século XIX as mulheres tiveram acesso à alfabetização, e o fizeram através de um projeto de educação exercitado pela escritura de diários íntimos ou troca de correspondências. No século XX, a alfabetização dos brasileiros ainda pertencia a um ínfimo grupo, e foi apenas ao fim do século que as perspectivas de acesso a escrita e leitura foram melhorando. No entanto, na década estudada, o quadro abaixo elaborado por Carla Gastaud (2009) exprime que a realidade sobre o número de alfabetizados em 1950, que era muito baixa. Em percentagens apenas 42,8% da população sabia ler e escrever nesse período.

Figura 1: Percentual de alfabetização no Brasil 1972 – 2000

Percentual de alfabetizados no Brasil 1972-2000

Ano do censo	População total	População não alfabetizada	Percentual de alfabetizados
1872	8.854.774	7.290.293	17,7
1890	12.212.125	10.091.566	17,4
1920	26.042.442	18.549.085	28,8
1940	34.798.665	21.295.490	38,8
1950	43.573.517	24.907.696	42,8
1960	58.997.981	27.578.971	53,3
1970	79.327.231	30.718.597	61,3
1980	102.579.006	32.731.347	68,1
1991	130.283.402	31.580.488	75,8
2000	153.423.442	25.665.393	83,3

Quadro elaborado por Carla Gastaud a partir de estudos de Ferraro (2004).

Fonte: GASTAUD, Carla Rodrigues. De correspondências e correspondentes: cultura escrita e práticas epistolares no Brasil entre 1880 e 1950. **Tese** (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, RS, 2009, p. 90-91.

Ferraro (2004), o autor na qual Gastaud (2009) se utilizou para fazer a tabela, referencia também, através de outros estudos, a diferenciação entre os gêneros dos alfabetizados brasileiros. Esse autor cita que em 1950, apesar da melhora na alfabetização feminina, ainda persistiu sua inferioridade⁹ em comparação a masculina. O que esses dados refletem em nossa pesquisa? Além do título exprimir um certo direito adquirido por Clarice por alcançar a idade que a permitia escrever sobre si, havia também na própria sociedade um abismo educacional do seu grupo social para com o resto da população e, perante a educação das mulheres, esse abismo era ainda mais profundo, visto que o nível educacional feminino em relação aos homens era ainda pior.

A princípio, a escritura de diários não tem o intuito de ser destinada a um público, sendo por vezes escrito para um futuro, no qual o próprio escritor lê a si em uma perspectiva diferente. No entanto, podemos também pensar o contrário, como enfatiza Henrique (2005), “os autores de diários, qualquer que seja a sua natureza, íntima ou anedótica, sempre escrevem para serem lidos mesmo quando fingem que

⁹ Segundo Ferraro (2009): “O aumento da alfabetização foi menor na população masculina de 10 anos e mais (de 48,15% em 1940 para 52,62% em 1950) do que na feminina (de 37,99% para 44,17%), atenuando-se assim a inferioridade das mulheres, que, todavia, se mantém ainda bem marcada”. [...] Tanto em 1940 como em 1950, nos grupos de 5 a 9 anos e de 10 a 14 anos verificava-se uma “inferioridade dos meninos em relação às meninas” quanto à alfabetização, desvantagem esta que, no Censo de 1950, se estendeu também para a faixa de 15 a 19 anos. Tal inferioridade se deveria, segundo o estudo, ao fato de os meninos serem aproveitados mais do que as meninas para trabalhos extradomésticos” (FERRARO, 2009, p. 34). Os dados explanados pelo autor foram coletados pelos censos demográficos do IBGE.

ele é secreto” (HENRIQUE, 2005, p. 296). O percurso histórico das escritas de si mudou bruscamente com a globalização e a revolução tecnológica. Atualmente, podemos ter acesso a uma transformação da intimidade e privacidade cada vez mais exposta para o público. Os diários cibernéticos, encontrados em blogs e páginas da internet, são exemplos de como a escrita de si transformou o caráter “secreto”, tornando-se uma fonte de fácil acesso. Até o começo do século XX, os diários estavam relacionados ao espaço privado, servindo como uma forma de o autoexame, autocontrole ou simplesmente para relatar acontecimentos para si:

Muitas das autoras não tinham intenção prévia de publicação, visto que, como afirmou Cecília de Assis Brasil, a prática da escrita fazia parte de uma rotina de moças que guardavam em seus cadernos amores secretos. Se esse era o propósito, ou um dos propósitos da escrita íntima e feminina, seu fim acabava sendo a fogueira, uma vez que os cadernos escondiam mistérios, sentimentos e desejos proibidos pela moral que regia a moça de boa família (LACERDA, 2003, p. 50).

Os diários de Clarice nunca foram publicados e estão apenas nesse momento sendo utilizados para uma pesquisa científica. Não podemos afirmar se era sua intenção escrevê-los para conhecimento público. Diante desta incerteza, se pode afirmar que sua preservação os torna importantes para a História das Mulheres, uma vez que se tratam de documentos concebidos e escritos por uma mulher em um momento de maior repressão feminina - e, portanto, acreditamos que é necessário que se faça, por parte das historiadoras, a devida valorização desta escritura e de seu impacto no fazer historiográfico. A obra de Zahidé Lupinacci Muzarte denominada “Escritoras brasileiras do século XIX”, é um exemplo que Cecília Prada (2007) traz sobre como o intenso esforço para resgatar as mulheres na História da literatura não escapa da crítica machista. Segundo a autora, esses, ao se depararem com um compilado de livros, diários, cartas e poemas produzidos por mulheres, expressaram a crítica de ser um desperdício publicar obras que não fizeram sucesso ou não tiveram grande peso para literatura brasileira: “a maioria dos escritos resgatados era medíocre, e as suprimidas não escreveram mesmo nenhuma obra famosa” (PRADA, 2007, p. 30).

Não obstante, talvez o desprezo a qualquer escrita feminina se deva ao que Prada (2007) aponta como uma tradicional existência de uma sociedade culta que “impõe sempre uma obrigação de excepcionalidade” (PRADA, 2007, p. 31) à produção literária das mulheres. E essa repulsa pode ser percebida não somente

pelo que Perrot (1989) afirma sobre a destruição das escrituras femininas (extinta, muitas vezes, por elas mesmas), como também pela constante autocrítica que essas tinham com seus textos, de maneira que não publicaram suas obras e até esconderam do olhar dos outros. No diário, Clarice expressa esse sentimento de insuficiência literária ao lembrar sua estadia com suas amigas em um internato em São Leopoldo:

Lembro-me dos meus diários públicos cheios de coisas picantes e dos meus romances. Talvez para o futuro eu ainda chegue a escrever qualquer coisa que preste (19 de agosto de 1954).¹⁰

A autoestima fragilizada das mulheres escritoras foi e continua sendo assombrada por uma ideologia masculina que não quer permitir que essas rompam com o modelo social por eles planejado. Prada (2007, p.33), conta que o árduo processo de conquista das mulheres na aventura de escrever percorreu pode ser caracterizado por dois momentos, o primeiro: “Mulheres não devem escrever”, ou estudar, ou ter uma profissão; e o segundo, quando essas rompem com o primeiro excerto é: “mulheres não devem escrever sobre determinados assuntos, ou de tal ou tal forma”. Nos diários de Clarice esse silenciamento é notório. Embora essa escritura seja completamente íntima e, a princípio, feita para si em um momento ínfimo de pura liberdade, não deixa de apresentar a repressão que o indivíduo faz em si devido ao controle social externo a ele. E quanto às mulheres, esse controle se tornava ainda mais denso. Prada (2007), ao descrever as opressões das escritoras, afirma que elas ao:

lutarem arduamente por uma posição no mundo literário, não conseguiram na maioria dos casos eliminar os interditos do seu próprio inconsciente e ultrapassar os limites de uma certa literatura bem comportada, formal, estritamente fiel aos cânones literários de gênero e forma impostos pelo convencional “bem escrever” (masculino). Escreviam aceitando, mesmo na sua rebeldia, as restrições machistas, ou procurando ser “tão boas quanto” os homens (PRADA, 2007, p. 33).

As mulheres, quando adentram áreas da vida que são contra o papel delegado a elas, veem-se em uma confusão entre: seguir o que querem para si ou o que a sociedade quer que elas sigam. E a prática de escrever esteve nessa

¹⁰ Gostaríamos de alertar o leitor que todas as citações diretas retiradas dos diários de Clarice são transcritas aqui integralmente como ela escreveu, ou seja, a gramática é própria de Clarice e de sua época.

situação. Prada (2007), conta como é comum para as mulheres que escreviam a existência de uma “consciência de tragédia” nas suas narrativas: “mesmo nos momentos de maior triunfo elas sabem que são transgressoras e que cedo ou tarde, serão punidas. Introjetam uma 'obrigação de fracasso' e, por assim dizer, resignam-se com a punição social, sabendo que ela assumirá a feição do silenciamento, do ostracismo, da solidão e da pobreza” (PRADA, 2007, p.67). Esse sentimento descrito pela autora percorre as narrativas de Clarice sempre que ela escreve o que pensa sobre si: “Às vezes sinto que sou irremediavelmente grosseira, que mais tarde meus sonhos caros terão de se desmoronar, que meus castelos ruirão sem que eu possa fazer nada. Que tudo está esmagado pela força de um destino implacável do qual não poderei jamais fugir” (19 de agosto de 1954). Dessa maneira, entender os sentimentos de Clarice é possível na medida em que o pesquisador compreende que o papel da subjetividade no conteúdo das escrituras pode ser interpretado pelo contexto do sujeito histórico:

O termo subjetividade envolve os pensamentos e as emoções conscientes e inconscientes que constituem as concepções sobre “quem se é”, implicando sentimentos e pensamentos pessoais. Entretanto, vive-se a subjetividade em um contexto social, no qual a linguagem e a cultura dão significado à autoconsciência e à experiência pessoal, e no qual se adota uma identidade. Assim, da mesma forma que a subjetividade determina a identidade do sujeito. Em outras palavras, ao se analisar em uma obra literária o modo como a subjetividade interfere na visão da realidade, também se analisa como a realidade molda a subjetividade (PAVANI, 2012, p. 92).

As práticas de escrituras literárias para além dos diários indicam a tentativa de Clarice em se colocar no mundo, apresentar/construir uma identidade, e ela faz isso através da crítica do que vivia, ou seja, de sua realidade. Em nossa pesquisa, não há evidências de que algum dia ela tenha publicado algum romance, e tampouco temos acesso especificamente a essas escrituras. Segundo June Hahner (2013), no fim do século XIX, para as mulheres de elite, a atividade literária era uma prática aceitável e foi explorada por elas, de maneira que, aos poucos, conquistaram espaços públicos para divulgação de suas escritas.

No que tange ao tipo de escritura que Clarice estava construindo, Lacerda (2003), ao dissertar sobre as obras de cunho memorialístico/autobiográfico, aponta que as autoras imprimem em seus textos suas experiências de vida e para isso,

muitas vezes, as produziam¹¹ sob o apoio de anotações de diários pessoais ou cadernos de parentes. Esse ato se confirma com base nas passagens abaixo:

Pelo que vejo enquanto eu não escrever um romance sobre clima de frustração e violência os atritos aqui em casa não cessarão (15 de julho de 56).

Tenho feito o possível para estudar piano e desenvolver meu valor literário, estou escrevendo um romance em que a mocinha seja desprotegida interna em um colégio, baseado um pouco em minha experiência¹², outro em que a moça fuja de casa (14 de setembro de 1955).

Estou triste, pois passei a recair sobre meus antigos pecados, maus pensamentos, leituras livres e falta de missas. Mas de agora em diante (é o que sempre digo) procurarei pela saúde dos meus dois irmãos fazer pequenos sacrifícios nos meus hábitos comuns. Ficar em casa será a primeira solução. [...] A outra solução é um regimezinho, uma miscelânea e um novo romance que deverá ter um título como: “Falhas ao vento” ou “Tempo e dinheiro”, “Círculo vicioso” ou “Rebeldia”. Tirando a matéria desta cheia de história de anos sujas e limpas, amores eternos, grandes desilusões e, sobretudo, muitas fantasias (14 de abril de 1956).

Como já discutido até aqui, o silenciamento e desvalorização das literaturas escritas por mulheres tem diversos motivos, por isso, talvez, esses romances escritos por Clarice sejam fontes que jamais cairão nas mãos de alguém. Lacerda (2003) compreende que a escrita feminina se tornou visível apenas no século XX e foi durante esse período que ganhou *status* de profissionalização. Para a autora, os motivos para inexistência das publicações femininas foram devido ao desinteresse do mercado literário em difundir obras de mulheres. Essa conquista apenas foi expressiva a partir de 1970 e 1980, isso porque anteriormente, o contexto social brasileiro era marcado por repressões políticas, morais e de costume que impediam ou limitavam a circulação de muitas informações:

¹¹O que se pode afirmar sobre esses registros é que eles, apoiados ou não em diários, com maior ou menor valor literário, são representativos como uma documentação pessoal, pois as informações sobre a vida da escritora revelam diferentes experiências, circunstâncias e situações vividas desde a infância até a velhice (LACERDA, 2003, p. 43).

¹² A primeira menção do diário diz: “Hoje completo 15 primaveras tenho, pois, o direito de começar meu diário. Hoje coroando com êxito os esforços de mamãe, dei no palácio do comércio um chá em honra de mim mesma. Pois bem o mereço sem dúvida alguma, não somente pelo ato de os meus méritos naturais o reclamarem como pelos **meus dois anos e meio de prisão voluntária**” (9 de maio de 1954, grifos nossos). Essa passagem torna-se esclarecida quando Clarice menciona a experiência de ter sido interna de um colégio em São Leopoldo. Em conversas informais com sua irmã ela afirma que Clarice passou um tempo hospedada neste local.

O silêncio das mulheres e de suas obras e produções até esse período pode, então, ser interpretado como forma de censura ideológica e cultural. Essa censura parece motivada por um pensamento hegemônico que definia um certo modo de ser e de viver para as mulheres (LACERDA, 2003, p. 51).

Existe também nos diários indícios de que para além dos romances, talvez Clarice escrevesse crônicas ou colunas literárias para outras pessoas lerem:

As pessoas que estão na sala desejam que eu escreva algo sobre Colgate e Palmolive. As mulheres mais célebres por sua beleza, as que brilham as luzes da ribalta ou as que brilham no recesso de seus lares respondendo a uma estatística responderam preferir a para o banho confortável que lhes traz os descansos as suas preocupações cotidianas elegeram o sabonete Colgate e Palmolive (15 de julho de 1956).

Não confirmamos ainda para quem e por que Clarice estava escrevendo uma matéria sobre cuidados pessoais e beleza, porém as contribuições da dissertação de Adriana Oliveira da Silva (2012), nos fizeram criar hipóteses em cima disso. A autora, ao objetivar um estudo sobre a formação das identidades da elite feminina na Bahia entre as décadas de 1920 a 1960, evidenciou os novos espaços públicos em que essas mulheres passaram a atuar. A autora se dedicou a entender como elas diferenciavam-se do restante da sociedade, a partir da difusão de discursos e práticas, anunciando então um novo modelo ideal de feminidade.

Segundo Silva (2012), a modernidade e as mudanças urbanas implementaram códigos de civilidades que foram ideologicamente usados pelas classes abastadas marcando a ascensão de novos comportamentos, espaços sociais e hábitos. Logo, através das práticas femininas na cotidianidade, a autora construiu trajetórias de vidas de algumas mulheres evidenciando que a escrita em jornais, candidaturas políticas e direção de associações filantrópicas foram os espaços de atuação incorporados por elas que romperam com a antiga ideologia da mulher exclusivamente dona do lar, contudo sem intencionalmente contestar essas prerrogativas.

Através de relatos orais, a autora apresentou como a boa educação e a bagagem literária as ajudaram a se tornarem colunistas dos jornais da cidade escrevendo assuntos sobre casamentos, festas, beleza e comportamentos. O mesmo é apontado por Hahner (2013), quando a autora afirma que os periódicos de públicos femininos foram os principais espaços de atuação das escritoras no século XIX. As publicações, em sua maioria, eram conteúdos relacionados à “preocupação

com o casamento e a domesticidade do que com a ampliação dos direitos legais das mulheres ou de suas oportunidades de emprego” (HAHNER, 2013, pos. 1112).

O que podemos afirmar diante disso é que as mulheres da elite apenas conseguiram projetar seus textos para o espaço público quando o fizeram sem a intenção de confrontar ideias do “mundo feminino”. Acreditamos que se os valores da época ainda indicavam a mulher submissa ao homem, talvez o mundo das letras tenha sido um espaço gradativamente explorado para buscar transformar os papéis sociais femininos.

Dessa forma, concluímos que o caráter intimista das produções literárias das mulheres pode ser justificado pelas relações sociais que essas viveram na maior parte da História. A importância das práticas dessas escrituras se consolida na possibilidade que essas propiciavam para as mulheres momentos de (re)descobrimto na aventura de escrever, e também permitiram se lançarem na sociedade enquanto seres pensantes. No que tange o contexto social das obras femininas, é importante ressaltar que, como já dito anteriormente, consciente e inconscientemente as mulheres expressaram o que a experiência com o mundo as permitia desvendar. Dessa maneira, com relação aos diários, vimos a necessidade de pontuar o que Clarice registrava em suas narrativas e também o que evitava falar.

3.2 O dito e o não dito

3.2.1 *As indiscretas das minhas irmãs já estão querendo manjar o que estou escrevendo*

Se a escrita de si é uma prática onde o indivíduo se representa e constrói a si, até que ponto o externo pode influenciar nas narrativas de uma pessoa? Candau (2011) afirma que a lembrança “não é outra coisa que aquela da identidade pessoal através do tempo, quer dizer, a representação, [...] a presença de si a si próprio” (CANDAU, 2011, p. 64) e os esquecimentos são as lembranças “[...] que não ousamos confessar aos outros e, sobretudo, a si próprio, pois elas colocariam em risco a imagem que faz de si mesmo” (CANDAU, 2011, p. 64). Dessa maneira, o ato de narrar sobre si envolve ajustes, censuras e modificações, e essas ações constituem a trama do ato de memória ilustrando as estratégias identitárias que operam essas narrativas.

Por outro lado, Levi (1996), ao contribuir sobre a maneira como os historiadores devem estudar os indivíduos na história, aponta que devemos questionar sobre os níveis de liberdade que os indivíduos possuem em seu meio social e contexto. Em nosso caso, surge a pergunta: Que influências externas regiam Clarice na decisão sobre o que registrar sobre si¹³ e sobre seu cotidiano? Se as falhas e esquecimentos são parte natural do movimento da memória, elas precisam ser problematizadas para compreendermos de maneira mais completa como os indivíduos agem em seu social, e em nosso caso, compreender também os níveis de liberdade de Clarice. “Quem narra sobre si, ao reviver conteúdos do passado, confere ao texto parte de sua liberdade individual, mas dentro, obviamente, de certos limites dados culturalmente” (LACERDA, 2003, p. 88). Nos diários que estamos pesquisando existem muitos assuntos que não estão presentes, para isso citamos algumas passagens que nos fazem, de maneira geral, perceber os cuidados e pudores, ao se falar sobre determinados assuntos:

João Gilberto teve uma recaída e pegou novamente a mania de guerra e do comunismo. Bem isto nem é bom falar (2 de janeiro de 1956).

Retiro: a hora é muito pouco propícia é a hora em que todos levantam com a preocupação de ganhar o pão material para alimentar o nosso nojento invólucro carnal [...]. Esta última palavra não calha bem para um retiro e cheira sensualidade e isto lembra muitas sujeiras por isso é melhor esquecer esta palavra (19 de agosto de 1954).

Achei um amor o Luiz Eduardo Gastal mas como sempre não dei a perceber e talvez nem devesse escrever o nome dele aqui pois sempre há indiscretas (25 de maio de 1954).

As falas de Clarice sobre política (comunismo), determinadas pessoas (Luiz Gastal) e a sexualidade (uma palavra “sensual” dita em um retiro) parecem ser palavras perigosas para estarem em um caderno seu, que a princípio era para ser lido apenas por ela mesma, mas que aparentemente supõe um cuidado sob a expectativa de ser facilmente lido por outra pessoa.

¹³ Essa questão também se relaciona ao modo como ela queria ser representada. Afinal ela não destruiu os diários, mas os deixou para que as pessoas os pudessem ler.

Dessa forma, podemos afirmar os diários como um espaço de ambiguidades, pois se há o cuidado em não se estender sobre determinados assuntos, há também sua presença física, que possibilita que seja observado. Eni Puccinelli Orlandi (2005), estudiosa sobre análise de discursos, discorre sobre como é importante a atenção para os silêncios de uma narrativa: “O posto (o dito) traz consigo necessariamente esse pressuposto (não dito, mas presente). Mas o motivo, por exemplo, fica subentendido” (ORLANDI, 2005, p. 82).

O fundo do não dito, suas entrelinhas, são maiores do que o que é dito e esta “reserva no silêncio” revela tanto o contexto quanto a intenção tácita, a crítica subterrânea, que fala porque cala, verbaliza através do silêncio, dos intervalos e pausas do discurso. Em nosso caso, interpretamos tal fato como uma tensão existente entre a liberdade do que Clarice gostaria de dizer e o medo do invasor, de um possível espião do seu espaço privado, que ao entrar em contato com o diário, poderia ver assuntos ou palavras que estavam contra o que era permitido. “As relações de poder em uma sociedade como a nossa produzem sempre a censura, de tal modo que há sempre o silêncio acompanhando as palavras” (ORLANDI, 2005, p. 83).

Esses diários perpassaram uma época em que a educação das mulheres estava atrelada a um destino visando a garantia de um bom marido e o cuidado do lar e da família. O contexto de 1950 era composto por uma diferenciação social bastante distinta entre homens e mulheres, no que diz respeito às condutas e lugares sociais. Segundo Pinsky (2015), a Segunda Guerra Mundial implicou na inserção da mulher em ambientes de trabalho fora do lar. Já após a guerra, veio à tona a tentativa de uma restauração das mulheres ao lar. Os chamados “Anos dourados” difundiam uma ideologia para as mulheres baseado na maternidade, casamento e dedicação ao lar como parte exclusiva da essência feminina. Nessa época, a mulher ideal teria características ligadas a feminilidade que correspondiam a pureza, doçura e resignação. Logo, pensar ou conversar sobre, por exemplo, política e sexualidade, eram impensáveis, para uma maioria, em uma época em que a mulher tinha o papel de ser pura e submissa ao marido. Dessa maneira, pensar na falta, na ausência e silêncio de determinados assuntos nos diários pode ser uma das possibilidades para compreender os sentidos das narrativas de Clarice.

3.2.2 O vestido da Marisa era de fazenda muito fina, mas faltava armação: Memória trajada

Interpretar a forma como os indivíduos veem o mundo e o que registram torna-se interessante para compreender o que do dia-a-dia tem maior relevância. Aqui, o “dito” se refere a maneira como Clarice memorizava suas vivências nos espaços de sociabilidade. Constatamos que as roupas foram o modo que ela referenciava os acontecimentos de seu cotidiano.

Para refletir sobre as relações de Clarice com os trajes, inicialmente devemos situar como as relações de gênero influenciam na maneira como a memória funciona. A definição de gênero que usamos é a da historiadora feminista Joan Scott (1995). Essa autora, ao explicar sobre o ofício do historiador, afirma que não devemos escrever “a respeito do que aconteceu a homens e mulheres e como eles reagiram a isso, mas sim a respeito de como os significados subjetivos e coletivos de homens e mulheres, como categorias de identidades foram construídos” (SCOTT, 1994, p. 19).

Logo, a memória pode ser situada de forma distinta a despeito dessas identidades. Para Scott (1995) o gênero é “uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado” (SCOTT, 1995, p. 75). Trata-se de “um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder” (SCOTT, 1995, p. 86).

Historicamente, sabemos que as mulheres foram as que, por força das relações de poder, foram designadas ao lar, guiando a produção das bases do cotidiano de todos pela alimentação, cura e vestimentas. Diante dessas constatações, ao entrar em contato com a escrita das mulheres, em especial a de Clarice, emergiu em nossa pesquisa o seguinte questionamento: Se fizermos um comparativo entre os conteúdos existentes em diários masculinos e diários femininos, existiriam diferenças na maneira como ambos retratam as memórias de seu cotidiano?

Através de alguns exemplos de pesquisas com diários de homens percebemos que existem sim diferenças. A pesquisa de Rezende (2004), ao apresentar o diário de Freyre, conclui que essa escritura “desenha a vida que viveu com seus traços curvos e retilíneos, no desvendamento de suas vontades e de suas

frustrações, de seus projetos intelectuais, de seus autores prediletos, de seu olhar sobre o Brasil, de suas insatisfações com os Estados Unidos” (REZENDE, 2004, p. 83), ou seja, os assuntos presentes nos diários estavam de acordo com o papel social fruto da experiência de um homem público. Já a pesquisa de Henrique (2008), ao analisar os diários de Vieira Couto¹⁴, expressa que essas escrituras permitem análises históricas por diversas abordagens e temas e, dentre esses, ele discute sobre corpo, saúde e doença através da memória de Vieira Couto. Dentro dessas categorias, Vieira Couto expressa seus desejos sexuais sob uma perspectiva da saúde:

Vê-se então um sujeito preocupado em encontrar a harmonia de seu estado de saúde, e que para isso age por conta própria, observando-se minuciosamente a cada dia, registrando em seu diário todos os sintomas que no corpo indicam a possibilidade de doença, procurando estabelecer para si um regime dietético que lhe garantisse a harmonia entre corpo e alma. Agia como “médico de si” mesmo. O diário¹⁵ revela o perfil de um homem rico, com receio de ficar pobre e preocupado em descobrir a melhor maneira de fazer uso do tempo e gastar a sua fortuna. Sujeito em busca constante da moderação, da austeridade, preocupado em evitar qualquer tipo de desperdício (HENRIQUE, 2008, p. 10).

Temos outras referências, como os diários de Getúlio Vargas estudados por Carlos Roberto da Rosa Rangel e Renata Waleska Pimenta (2009). Segundo esses autores esses diários apresentam: “[...] raros os momentos que Vargas apresenta-se como o pai, o irmão, o esposo, o homem envolto em situações da vida cotidiana entre amigos ou parentes” (RANGE; PIMENTA, 2009, p.8), isso significa que seus registros relatam as memórias de seu papel político.

Logo, os três exemplos de narrativas masculinas aqui explanados, abordam assuntos incomuns nas escrituras femininas. Nos diários de Clarice, como já explanamos anteriormente, a sexualidade e política são assuntos que, devido as relações de gênero historicamente construídas, são silenciados nas suas narrativas. Em contrapartida, as percepções de Clarice, ao negligenciar esses assuntos evocam

¹⁴ Segundo Henrique (2005), Vieira Couto Magalhães “foi figura destacada do Império brasileiro, tendo ocupado o cargo de presidente das províncias de Goiás (1862-1864), Pará (1864-1866), Mato Grosso (1866-1868) e São Paulo (1888-1889), além de receber o título de general, por conta de sua participação na Guerra do Paraguai (1864-1870)” (HENRIQUE, 2005, p. 290).

¹⁵ “Esses diários estão repletos de sua intimidade, registrando em detalhes seu menoscabo pelas mulheres, seus sonhos eróticos homossexuais, seu pavor diante da possibilidade de adoecer etc” (HENRIQUE, 2005, p. 291).

outros relacionados às aparências das roupas, por exemplo. Esse tipo de memória corresponde ao que se denomina “memória trajada”. Perrot (1989) foi a historiadora que trouxe para o debate histórico esse termo. Ela, ao fazer uma reflexão sobre a memória vestida afirma que esta pertence às mulheres, pois os diferentes papéis sociais desenvolvidos por homens/mulheres são capazes de interferir na maneira como o mundo é percebido. Para Perrot (1989), essas diferenças influenciam na forma como os indivíduos memorizam e narram os acontecimentos. Por isso, a apreensão da memória feminina descreve detalhes, acessórios e roupas:

Uma mulher inscreve as circunstâncias de sua vida nos vestidos que ela usa, seus amores na cor de uma echarpe ou na forma de um chapéu. Uma luva, um lenço são para ela relíquias das quais só ela sabe o preço (PERROT, 1989, p. 14).

Ivana Simmili (2012), ao analisar as narrativas de um diário de uma prostituta, faz uma importante consideração sobre como a prostituta registrou seus sentimentos a partir das roupas de seus clientes. Para autora, as indumentárias devem ser consideradas documentos importantes para a pesquisa histórica, pois elas “[...] constituem os restos e os rastros do passado, na forma de panos, que tecem os tecidos da memória” (SIMMILI, 2012, p. 2). O mesmo é enfatizado no estudo de Silva (2009), que ao estudar o vestuário das mulheres da elite baiana, situa a indumentária como memória e elemento identitário das mesmas. Para Silva (2009), as roupas devem ser consideradas documentos que revelam o cotidiano:

A ênfase dada aos estudos sobre o cotidiano traz à tona as táticas de sobrevivência e de resistências desenvolvidas pelas mulheres. Rastreamento os “espaços femininos”, as cenas de seu cotidiano, seus pertences, neste caso, as suas roupas, torna-se possível reconstruir parte desta história (SILVA, 2009, p. 20).

Dessa maneira, a indumentária é referência constante nas narrativas de Clarice, e estarão presentes durante essa dissertação na medida em que ela narra sobre os espaços de sociabilidade e lazer. Consideramos que a roupa permeou suas memórias devido um contexto na qual esses objetos pessoais eram manualmente confeccionados e por isso exigiam um esforço criativo para sua construção. Também interpretamos a indumentária como parte das memórias de Clarice devido a importância que as elites imprimiam nas aparências, em especial as roupas, pois através delas se buscava construir a distinção do grupo com o resto da sociedade.

3.3 Lazer no espaço privado

3.3.1 *Estou no Capão do Leão e num dos meus momentos de maior chateação. Só resta o sono e a literatura como derivativo: Práticas de leitura*

Se escrever era um dos passatempos de Clarice, a leitura estava entre suas atividades cotidianas e prediletas. Os diários indicam que Clarice tinha acesso aos livros de duas formas: através da Biblioteca Pública de Pelotas e do empréstimo de livros entre as amigas.

Sobre a *Bibliotheca Pública*, Loner (2012) descreve que essa instituição foi fundada em 1875, e suas instalações doadas no ano seguinte pelo Visconde da Graça. Em 1911 foi construído o segundo piso da biblioteca, onde está localizado o salão. Esse espaço serviu como local para diversos eventos culturais. Segundo a autora, os salões foram sede de “palestras, seminários, cursos e eventos públicos de importância política e cultural para Pelotas” (LONER, 2012, p. 36). Ela ainda cita que “associações educacionais de interesse da comunidade se abrigaram inicialmente em sua sede, como alguns dos primeiros cursos superiores da cidade, e também a Escola Luis Braille, de amparo a portadores de deficiência visual” (LONER, 2012, p. 36).

Vivian Anghinoni Cardoso Corrêa (2008) afirma que a fundação da biblioteca representava o poder das elites locais, já que foi a partir desse grupo que surgiu a instituição. Segundo a autora: “a Biblioteca Pública Pelotense é fundada, pelo empenho dos cidadãos de Pelotas, em 14 de novembro de 1875, em reunião realizada na sociedade *Terpsychore*, com a participação de 45 pessoas.” (CORRÊA, 2008, p. 20). Para Corrêa (2008), a biblioteca funcionou com um expoente cultural para a cidade, pois extrapolava a função de ser apenas um local de leitura, servindo como “uma espécie de centro cultural para a população da cidade” (CORRÊA, 2008, p. 21) e realizando em suas instalações diversos “saraus, exposições literárias, exposições artísticas, reuniões e atividades de ensino.” (CORRÊA, 2008, p. 21). Sobre a manutenção da biblioteca a autora cita que em 1876 a instituição recebeu inúmeras doações de livros para seu acervo, no entanto, diante da crise econômica da cidade no século XX, a instituição passou a não cumprir mais suas funções enquanto espaço de leitura:

O espaço contava apenas com um funcionário que abria o prédio e possibilitava o acesso à sala de leitura. O acervo e vários espaços da Bibliotheca estavam desativados por falta de pessoas para o trabalho e mais uma vez a união de esforços possibilitou a recuperação do caráter cultural da instituição (CORREA, 2008, p. 21).

Logo, a inadequação para o espaço de leitura na biblioteca, pode ser compreendido, como um motivo pelo qual nos diários Clarice indica que fazia suas leituras em casa, apenas se deslocando até a instituição para locar os livros. Nesse sentido, durante a pesquisa, buscamos compreender como na História das mulheres a leitura foi uma prática desbravada pelas mesmas.

Barbara Heller (2006), ao falar sobre a mulher e suas práticas de leitura, fez importantes contribuições sobre a História da Cultura escrita das mulheres. Através da análise de obras literárias, a autora esmiúça como as mulheres são descritas no ambiente privado desfrutando literaturas. A partir disso, Heller (2006) pontua como a trajetória das mulheres no consumo literário foi precária. A autora afirma que a ausência de ambientes apropriados¹⁶ para essas atividades foi um dos motivos que levaram as mulheres a terem maiores dificuldades para desenvolvimento na literatura:

Entre o improvisado do quarto de dormir adaptado à leitura, à biblioteca organizada e limpa, não há gradação qualitativa que permita interpretar ocorrência de melhores condições de prática de leitura em ambientes domésticos, mas, isto sim, flagrantes de como livros e seus (uas) leitores (as) começaram a conviver em espaços pouco ou nada adaptados à formação de bibliotecas privadas, fato que sugere a lenta e gradual formação (HELLER, 2006, p.31).

Como explanado anteriormente, a escrita dos diários foi construída em uma perspectiva em que Clarice tentava manter suas escrituras longe dos olhos curiosos. Tal fato supõe a inexistência de um ambiente apropriado para a escrita. O mesmo não podemos afirmar sobre o ambiente de leitura, mas podemos imaginar que a realidade era semelhante.

¹⁶ Não sabemos com exatidão quais eram as condições da casa de Clarice para um ambiente de leitura. O único indicio, que nos permite pensar que para ela circular no mundo literário não era considerado um problema, esta diante de sua mãe possuir uma escrivantina individual, que segundo os apontamentos de Heller (2006): "Não é pouca coisa uma mulher ter sua própria mesa de trabalho já nos anos 10 do século XX[...]. Despossuídas de quase todas as vantagens que os homens já desfrutavam - educação formal, dinheiro, profissão, reconhecimento, etc. - as mulheres, quando queriam escrever, faziam-no em condições precárias, muitas vezes escondendo-se do pai ou do marido, anotando rapidamente pensamentos esparsos em tirinhas de papel" (HELLER, 2006. p. 24).

Os diários apenas mostram que prática de leitura era acessível para Clarice, porém, era regulada pelos seus sentimentos de culpa ao desfrutar de determinadas literaturas. O que podemos concluir sobre isso é que, embora o passado tenha proporcionado às mulheres de elite oportunidades para desbravar livros, é preciso lembrar que essas leituras foram constantemente censuradas. Heller (2006) afirma - ler era visto como “desviante” para as obrigações cotidianas das mulheres - e essa ideia foi explorada pelos romancistas ao introduzirem, em suas narrativas, a catástrofe anunciada para aquelas que não tivessem rédeas nas aventuras literárias:

[...] Embora estas personagens tivessem na leitura uma aliada contra o tédio e a ignorância, o livro poderia tornar uma poderosa ameaça contra o casamento - pretensão de qualquer moça de boa família - que previa noivas pouco ou menos instruída que seus futuros cônjuges. Ao mesmo tempo, esses textos supõem que era bastante conveniente que as moças, por serem mães em potencial, para o bem de seus filhos e para manutenção da ordem familiar, tivessem o mínimo de instrução [...] (HELLER, 2006, p.16).

Raquel de Barros Miguel e Carmen Rial (2013) analisaram discursos de que a leitura era o melhor lazer para as mulheres casadas, pois essas permaneceriam no lar com a família. Elas mencionam que, por exemplo, a leitura poderia ser feita nos intervalos entre os afazeres domésticos. Para as jovens, a indicação era a mesma: “embora moralistas alertassem para o fato de que livros podiam “colocar minhocas” na cabeça das mais tolas, era preferível tê-las entretidas dentro do lar que debruçadas na janela ou fofocando por ai, na melhor das hipóteses.” (MIGUEL; RIAL, 2013, pos. 2865).

Dessa maneira, a dualidade entre a leitura na vida das mulheres esteve quase sempre ligada às manutenções de papéis sociais. Diante dos perigos e incolumidade da prática literária, constatamos nos diários de Clarice que, para além das obrigações de leitura da escola, ela citou 19 romances e 9 revistas. Para situar o leitor sobre o conteúdo dessas obras anotamos os títulos e construímos um quadro com o nome dos autores e os anos correspondentes a publicação desses livros/revistas:

Tabela 1: Livros citados nos diários

Obras	Autor	Ano/Gênero
Os demônios de Dostoyevisk	Fiódor Dostoiévski	1872/Literatura estrangeira

Humilhados e ofendidos	Fiódor Dostoiévski	1861/Literatura estrangeira
Barro Blanco	José Mauro de Vasconcelos	1948/ Literatura brasileira
Os Quarenta Dias de Musa Dagh	Franz Werfel	- /Literatura estrangeira
Uma estrela passou	J. E. Neil Paterson	1951/Literatura estrangeira
A exilada	Pearl S. Buck	1936/Literatura estrangeira
Pavilhão de mulheres	Pearl S. Buck	1948/Literatura estrangeira
Aldeia Ancestral	Pearl S. Buck	1950/Literatura estrangeira
Debaixo do céu	Pearl S. Buck	1955/Literatura estrangeira
A Casa Dividida	Pearl S. Buck	1935/Literatura estrangeira
A boa terra	Pearl S. Buck	1931/Literatura estrangeira
Gato preto em campo de neve	Erico Veríssimo	1941/Literatura brasileira
o Egípcio	Mika Waltari	1945/Literatura estrangeira
Angélica	Sra. Leandro Dupré	1955/Literatura brasileira
O Romance de Teresa Bernard	Sra. Leandro Dupré	1941/Literatura brasileira
Pinguinho de gente	Gilda Abreu	1949/literatura brasileira
O sorriso do gorila	Erle Stanley Gardner	1954/Literatura estrangeira

Vida íntima de Napoleão	-	-
O lírio da montanha	M. Delly ¹⁷	1950/Literatura estrangeira
Raparigas Sem Beijos	Concha Linares-Becerra	1943/Literatura estrangeira
A Romana	Alberto Moravia	1947/Literatura estrangeira
Grande Hotel	Revista/Fotonovela	1947-1980
Cinelândia	Revista	1940-1950
Manchete	Revista	1952-2000
Revista da semana	Revista	1900-1959
A. Heroicas	Não foram encontrados dados	Não foram encontrados dados
Cruzeiro	Revista	1928 – 1975
Querida	Revista	1958-1968
Capitão Marvel	Revista	Não foram encontrados dados

Para uma melhor compreensão sobre o que as leituras de Clarice retratavam, construímos pequenos resumos sobre os conteúdos desses livros. Nossas referências para esses resumos constituíram-se com base nas descrições dessas obras presentes em sebos virtuais. Livros como *Barro Blanco*, *Pinguinho de gente*,

¹⁷ Segundo Vaquinhas (2010): “Já no século XX, são os romances de Delly, pseudônimo coletivo dos irmãos Jeanne (1875-1947) e Frederic Petitjean de la Rosière (1875-1947), bem como de M. Maryan e Max du Veuzit, também pseudônimos de duas autoras francesas com uma produção romanesca de larga difusão na primeira metade do século XX, que se encontram sob a mira dos censores da literatura juvenil feminina, embora se reconheça serem muito apreciados pelas jovens leitoras das classes média.”

Sorriso do Gorila, Vida Íntima de Napoleão, O Lírio da Montanha, Raparigas sem beijos, Uma estrela passou, A Heroicas não foram encontradas para essa descrição.

O livro ***Os demônios de Dostoyevisk*** narra a história de um professor aposentado (Stiepan Trofímovitch), que possui laços de amizade com uma viúva rica da sua cidade (Varvara Pietrovna). A cidade em que viviam foi tomada por estranhos acontecimentos conspiratórios articulados por uma organização niilista e terrorista, chefiada por pelo filho do professor, e pela filha da viúva. O livro apresenta diversos personagens e ideias com base no pensamento de Nietzsche e Zaratustra.

Humilhados e ofendidos descreve a miséria entre classes e a perseguição e humilhação de alguns personagens que tinham boa condição econômica social em relação a grande maioria da população.

Os quarenta dias de Musa Dagh narra a luta de um grupo de pessoas, contra jovens turcos que perseguiam armênios. Esses turcos haviam alcançado os vilarejos desse grupo de pessoas, localizados na costa da Síria, em um lugar chamado “Monte Dagh”, ao sul do Golfo da Alexandretta.

O Egípcio conta a trajetória de um médico desta nacionalidade, que pertencia à corte do faraó Aquenáton e, nesse ambiente, conheceu uma mulher por quem se apaixonou. Esse romance o fez perder todos os seus bens e a dignidade. Perante esse acontecimento, o médico foge do Egito e por conta de uma boa amizade, consegue retomar sua vida tornando-se espião do exército egípcio, viajando então, para diversos lugares.

Angélica é um romance que conta a história de uma adolescente refugiada no Brasil durante a guerra na Europa. No Brasil, ela é adotada por um casal de professores, e sua personalidade traz curiosidade sobre sua origem, pois apesar de ser uma menina pobre ela possuía atitudes bastante refinadas.

O romance de Teresa Bernard é um livro narrado em primeira pessoa que conta a história de uma mulher rica e culta que procura um bom homem para amá-la. O livro traz, para a época, temas polêmicos como a mulher divorciada.

As obras de Pearl.S.Buck são maioria em sua lista de leituras. ***A boa Terra e Casa dividida*** fazem parte de uma trilogia de livros que contam a trajetória de uma família chinesa. O livro apresenta os costumes da China, assim como também as influências dos costumes do ocidente na estrutura da familiar chinesa. ***Exilada*** é a biografia da mãe da autora (Pearl. S. Buck), o livro conta sua trajetória desde o

nascimento nos Estados Unidos, até seu casamento com um missionário evangélico que a levou para China. ***Pavilhão de mulheres*** conta a história de uma mulher chamada Madame Wu, ela segue o costume chinês e casa com um homem escolhido pelos pais. Com o casamento, ela se torna a esposa perfeita e ocupa o lugar de dona da casa de seu marido. Ao completar 40 anos, ela decide se libertar do marido para viver e satisfazer a si mesma, e para isso, compra uma concubina para saciar os desejos sexuais de seu esposo.

Nos diários, com relação às suas leituras, Clarice menciona as “leituras livres” como um mal hábito: “Estou triste, pois passei a recair sobre meus antigos pecados, maus pensamentos, *leituras livres* e falta de missas” (14 de abril de 1955). Nós não tivemos acesso a alguma pesquisa que situe, no Brasil, leituras proibidas e aconselhadas às mulheres na década de 1950. Em um artigo de Irene Vaquinhas (2010), a autora desenvolveu a trajetória das leituras permitidas, aconselhadas e proibidas às mulheres nos séculos XIX e XX, em Portugal. Através de uma consulta em revistas, a autora verificou que os romances sentimentais eram proibidos e desaconselhados às mulheres por serem “potencialmente perigosos e um fator de alienação e de desvio moral.”¹⁸ Segundo Vaquinhas (2010) essa condenação aos romances se devia porque:

A possibilidade de identificação que os romances deixam em aberto às suas leitoras era visto como uma ameaça, suscetível de despertar na jovem a recusa dos padrões sociais impostos pela ideologia dominante quanto ao papel e ao lugar da mulher na sociedade (VAQUINHAS, 2010, sem página).

A lista de obras construídas pela autora, ao apresentar os livros condenáveis e aconselháveis, compatibiliza com algumas que identificamos nas leituras de Clarice: As obras de Madame Delly¹⁹ foram designadas como condenáveis, e as obras aconselhadas²⁰ as de Pearl S. Buck. Acreditamos que o estudo sobre as

¹⁸ Sem página referenciada no artigo

¹⁹ Conforme Vaquinhas (2010, sem página): “Já no século XX, são os romances de Delly, pseudônimo coletivo dos irmãos Jeanne (1875-1947) e Frederic Petitjean de la Rosière (1875-1947), bem como de M. Maryan e Max du Veuzit, também pseudônimos de duas autoras francesas com uma produção romanesca de larga difusão na primeira metade do século XX, que se encontram sob a mira dos censores da literatura juvenil feminina, embora se reconheça serem muito apreciados pelas jovens leitoras das classes médias”.

²⁰ Novamente Vaquinhas (2010, sem página) diz o que segue: No que respeita aos livros recomendados nas revistas atrás mencionadas, os romances sentimentais estão praticamente ausentes. Predominam outros gêneros literários: as biografias edificantes, tanto de individualidades da aristocracia (as rainhas D. Amélia ou D. Leonor, *Branca de Gonta Colaço...*), como de figuras,

práticas de leitura pode ser realizado por diversas óticas, como, por exemplo, questionarmos sobre a receptividade dessas leituras na época, seu público leitor e os espaços para acessá-las, assim como também pensarmos em como os indivíduos leram e se apropriavam dos conteúdos presentes nessas obras.

No entanto, devido à falta de tempo para desenvolver essas perspectivas, buscamos apenas apontar as hipóteses de que a culpa de Clarice sobre suas leituras livres, estava baseada na não correspondência de sua lista para com as leituras indicadas para as moças na década de 1950. Na lista de leituras de Clarice, apenas a obra de Madame Delly corresponde a uma coleção indicada para as jovens. Todos os outros livros, em exceção as revistas, eram literaturas que não sabemos por que ela escolheu ler, poderiam ter sido indicadas pelas revistas que lia ou pela escola que estudava ou ainda porque eram condenáveis suscitaram maior desejo de ler.

Apesar dos resultados obtidos por Vaquinhas (2010), as obras de Madame Delly estavam dentro da coleção “Biblioteca das Moças”, da Editora Nacional. Segundo Miguel e Rial (2013), essa coleção e as fotonovelas são semelhantes aos folhetins, uma literatura popular das mulheres no século XIX, que trazia histórias de amor: “As tramas também se parecem, sendo comum, por exemplo, a história da moça que sofre bastante até finalmente alcançar felicidade ao casar-se por amor, geralmente, com um homem belo e rico” (MIGUEL; RIAL, 2013, pos. 2874). Del Priore (2012) também afirma que, para as adolescentes, essa coleção possuía literaturas com tramas que envolviam a busca por um príncipe encantado, e foram sucesso de consumo do público feminino entre as décadas de 1940 e 1960. Sobre as obras a autora afirma:

Nessas histórias, a heroína era permanentemente possuidora do mais nobre caráter, baseado na moral católica mais rígida. Nos casamentos aí relatados, a mulher era sinônimo de honra na virtude e pureza; e o homem, de honra baseada em seu bom nome. O herói e a heroína eram sempre belos e perfeitos; ela, com sua simplicidade e candura, encantava pela “delicadeza da alma”. Alma que não se “deixava macular por nenhum sopro deletério”. Ele, forte, elegante,

masculinas ou femininas, de uma história mitificada (*Maria, mãe de Jesus, Jesus, Marie Curie, Henrique, o Navegador...*), ou ainda de personalidades abnegadas, fiéis e devotamente católicas (*Maggy* ou, inclusive, individualidades que se destacaram, na Guerra Civil espanhola, do lado nacionalista, como é o caso de *Carlos Maria, marinheiro e aviador...*). Salientam-se, ainda, os livros de poemas marcadamente religiosos, os manuais de civilidade ou as obras de preceitos de orientação moral.

distinto, viril, por vezes arrogante e sedutor, mas, sempre, de muita força de caráter. No casamento, como no namoro e no noivado, a mulher não se oferece, nem mesmo age por si, até por que “inexperiente do mundo”, fica esperando ser descoberta pelo parceiro que a beneficia com sua proteção e uma situação que presente ascensão social. Importante: embora não conheça bem esse companheiro, ela confia, entretanto, na simpatia que este lhe inspira e, com certeza, se transformará em amor. As heroínas “se impõem” e “vencem” por suas qualidades morais, permeadas de valores religiosos (DEL PRIORE, 2012, pos. 4888).

A quantidade de leituras citadas nos diários são parte de uma busca por erudição literária que Clarice primava, mas que também era apresentada como uma maneira de amenizar um sentimento de tristeza:

Não são os romances que fazem a gente se ausentar desse mundo para ir pairar em esferas mais altas? Quando estou lendo esqueço tudo: que a vida é ruim, que eu sou ignorante e não estudo nada, que tenho horror de meu próprio corpo que devia ser melhor proporcionado mas que eu prezo mais que tudo no mundo pela saúde (19 de outubro de 1954).

A dissertação de Simone Regina Ferreira Meirelles (2002) nos proporciona um ponto relevante para pensar o sentimento de Clarice com o consumo literário. Essa autora procurou pesquisar sobre a produção, conteúdo e recepção dos romances sentimentais editados pela Editora Nova Cultural. Sobre as recepções desses romances, ela aponta que as leitoras buscavam nos romances uma fuga da realidade, onde muitas vezes, se imaginavam vivenciando as personagens dentro dessas tramas, e conclui que essa atitude não deve ser interpretada enquanto uma confusão do real e imaginário:

Ver-se ou imaginar-se na personagem do romance não faz da leitora alguém que confunde o real com o imaginário. Querer que a vida seja melhor, imaginar que a vida seja diferente do que é, não significa necessariamente negar o que ela realmente seja, ou ser infeliz com a sua realidade. Seria mais prudente perguntar o porquê da necessidade de fuga, da necessidade da fantasia, do que condenar a fantasia em si (MEIRELLES, 2002, p.138).

No caso de Clarice, identificamos a fuga da realidade pela necessidade que ela tinha em esquecer a angústia com a aparência de seu corpo. E interpretamos que, em contrapartida aos romances - que a faziam esquecer da realidade - os conteúdos das revistas poderiam criar sentimentos de conflitos dela consigo mesma. Ou seja, ao mesmo tempo que os romances permitiam à ela viajar em mundos

“fantasiosos”, as revistas traziam à tona um tipo de mulher que ela não correspondia.

As revistas, de maneira geral e independente do contexto, são veículos de informação que sustentam o mercado de consumo exprimindo em seus conteúdos assuntos sobre moda, padrões de beleza e regras de comportamentos. Para as mulheres leitoras, as revistas foram referências das exigências de sua época, do modelo de mulher socialmente aceitável e de sucesso. Segundo Pinsky (2015), as revistas “mais do que refletir um aparente consenso social sobre a moral e os bons costumes, promoviam os valores de classe, raça e gênero dominantes de sua época” (PINSKY, 2015, p. 609).

Sendo assim, com relação às revistas lidas por Clarice a **Grande Hotel** foi bastante citada. Trata-se de publicação fundada em 1913 e que tinha um estilo de fotonovela. Era veiculada pela editora Vecchi, que passou a se especializar em romances para mulheres, a partir dos anos 1920:

As edições da revista Grande Hotel [...], são voltadas para mulheres de classe média, que fazem parte da vida urbana. Nas fotonovelas temos como cenário das histórias ambientes urbanos onde se desenvolve um roteiro baseado nas relações amorosas entre homens e mulheres. Nos anúncios, temos produtos destinados ao uso das mulheres, como por exemplo, produtos de higiene pessoal e beleza; produtos de uso doméstico (de limpeza e remédios); roupas íntimas etc. Tecendo um panorama geral, a revista está organizada através de duas histórias românticas, os anúncios publicitários e algumas poucas reportagens. Além das fotonovelas, existem em cada edição algumas reportagens sobre receitas culinárias, dicas de moda e beleza, cuidados com os filhos, etc. Lembrando que o foco da revista é a fotonovela e essas reportagens estão inseridas em espaços que parecem sobrar. [...] Os produtos de beleza, por exemplo, passam a ser vendidos com o uso da imagem de artistas de cinema (CHORTASZKO; MOREIRA, 2013, p.3).

A revista o **Cruzeiro** teve sua primeira publicação em 1928 e passou por diversas transformações editoriais e de conteúdo até a década de 1950. Nessa década, a revista teve como capa modelos e mulheres famosas. Algumas seções eram destinadas ao público feminino com temas como o cuidado com lar/família e os relacionamentos amorosos e entre outros assuntos. Pinsky e Ursini (1995) ao falar sobre a imagem da juventude nesta revista afirmam:

Nesta revista, a juventude geralmente aparecia em matérias e artigos amenos tais como cobertura de bailes e de festas escolares, crônicas sobre a diversão nas praias, eventos esportivos, concursos de beleza

e fotos de modelos (moças sedutoras, mas bem comportadas), atividades de rapazes atléticos (cadetes, estudantes brasileiros e americanos), e entrevistas com garotas bonitas e educadas (geralmente de elite). Reportagens sobre jovens rapazes em atitudes de protesto (contra aumentos nas tarifas de bonde, contra arbitrariedades na Faculdade de Direito etc.), apesar de bem raras, também tinham um certo espaço na revista (PINSKY; URSINI, 1995, p.243).

As atividades como bailes, moda, concursos e praia poderão ser percebidas no cotidiano de Clarice no decorrer dessa dissertação. Dentro de algumas seções femininas, Pinsky e Ursini (1995) explicitam a seção chamada “Garotas”, ilustrada por Alceu Penna e com textos de A. Ladino (Edgar Alencar) e de Maria Luíza Castelo Branco. As mulheres dessa parte da revista se caracterizavam como moças de família. Embora seguissem as normas do seu tempo, desafiavam a moral vigente da época através dos trajes e relacionamentos com homens, segundo as autoras as “Garotas”:

Sonhavam com o casamento, preservavam as aparências, eram donzelas e cristãs, respeitavam os mais velhos – mesmo sem gostar muito da ideia – mas valorizavam muito a juventude (especialmente a aparência física e as possibilidades de diversão nessa fase da vida). Como as “moças de família”, as garotas estudavam, liam romances, não pagavam as contas, morriam de medo de ficar solteiras, gostavam de namorar os rapazes, mas evitavam intimidades físicas que iam além de beijos ou abraços. Elas ousavam um pouco em termos de moda (gostavam de short, de slac, de maiô, ostentavam rabo-de-cavalo e podiam até fumar) (PINSKY; URSINI, 1995, p.248).

A revista **Querida**, surgiu em 1954 através da Rio Gráfica Editora. Era uma revista destinada às mulheres, as quais eram retratadas de forma glamourosa, bem vestidas, maquiadas, delicadas, modernas e sob influência da moda e beleza vinda de Hollywood e Paris. Segundo Sabino (2015), em uma perspectiva educativa e de reprovação a certos comportamentos, essas revistas abordavam, por meio de contos e novelas, temas polêmicos como traição e divórcio. Dessa maneira, a revista:

Querida direcionava-se para a mulher casada, adulta e comprometida com as atribuições do lar. Trazia nas capas um discurso persuasivo através das imagens e das chamadas de texto. Estampava a imagem da mulher de classe média branca, elegante, feminina, que espriava sensualidade comportada. Os temas versavam sobre beleza, decoração, culinária, contos e novelas, estas últimas com forte papel persuasivo em relação às condutas que eram adequadas para as mulheres da família burguesa. O objetivo dos temas que compunham as capas de Querida, além de favorecer a

indústria do consumo, era de fomentar os valores, os bons costumes e a moral nos anos 50 e de, sutilmente, reprovar os comportamentos que fugissem aos padrões estabelecidos pela sociedade da época (SABINO,2015, p.186).

Manchete foi uma revista lançada em 1952, publicada semanalmente pela Bloch Editores e tinha como referência de inspiração a revista *Paris Match*, da França. Segundo Aragão (2006): “A intenção era lançar uma revista em estilo inteiramente novo, com alta qualidade gráfica, muitas reportagens a cores, investindo enfaticamente no aspecto visual” (ARAGÃO, 2006, p. 46). Era a segunda melhor revista da época, logo atrás da *Cruzeiro*.²¹ Seu conteúdo estava baseado na fotorreportagem, e por isso a editora investia em bons fotógrafos e um visual que priorizava as cores e a qualidade de imagens. E, por último, a revista **Cinelândia** era direcionada ao cinema brasileiro e hollywoodiano. Continha matérias sobre histórias de atores e atrizes, filmes e lançamentos.

. Diante dos pequenos resumos apresentados, nossas hipóteses para compreender o mal-estar de Clarice estão baseadas nos padrões femininos socialmente construídos na época, cobrados pela sociedade e presentes nessas publicações. Contudo, focamos especialmente em relação à padronização dos corpos e da beleza.

Analisando algumas falas de Clarice, percebemos sua insatisfação devido ao não enquadramento ao ideal de beleza, assim como também suas tentativas de perda de peso. O culto ao corpo embora fosse uma preocupação generalizada na época, era no caso de Clarice, um pouco mais exigido devido seu pertencimento a grupo social que é bastante visível em jornais ou outros meios de comunicação. Ela, diante da visibilidade de sua condição econômica, deveria ser “apresentável” às expectativas de seu grupo, pois esse era divulgado pela mídia local como referência para os demais. Nos trechos abaixo a relação de Clarice com seu corpo se mostra conflituosa, de maneira que talvez influenciasse no seu viver social:

Estou conformada de ter pouco prestígio, muito sono ridículo, e involuntário, muita falta de vontade, muita gordura, muita preguiça, muita ignorância e tudo mais. Sou completamente diferente do que

²¹A importância dessa revista é evidenciada segundo Luca (2011) por que: “O cruzeiro alterou a concepção de revista ilustrada. Os temas tradicionais, como moda, vida social, crônicas, esportes, teatros, cinema, ganharam roupagem mais analítica e o filão das notícias propriamente ditas foi cada vez mais explorado. [...] O cruzeiro constituiu-se em um dos principais veículos publicitários do país, responsável pela introdução de novas técnicas e métodos de propaganda” (LUCA, 2011, p. 68).

desejaria ser quem lesse isto diria que sou cheia de complexos, mas qual não há alguém prevenida de complexos que eu perante os outros eu me acho bonita acho que ser como eu sou está ótimo (19 de outubro de 1954).

Já fizeram muitos dias que levantei da cama. Hoje ferrei-me no colégio. 70 quilos? Que barbaridade. Não adianta fazer regime que ninguém leva a sério. Desde a última vez que escrevi fui a diversas festas. Uma foi a do aniversário de Maria Teresa Castro ela estava um amor, mas foi tudo mal servido. Fany muito exibida nem me reconheceu e não parou de dançar o tempo todo. Eu não dancei nenhuma vez acho que é por que sou muito gorda (25 de maio de 1954).

Não quero chegar no Rio gorda vou fazer uma novena para Nossa senhora para não ser tão sem caráter (25 de maio de 1954).

Hoje pus em dia os cartões de meu aniversário. Repito: tenho que emagrecer com que cara me apresentarei em julho no Rio (28 de maio de 1954).

Engordei muito nesta última semana e se não estou um boto não me chamo Clarice (19 de agosto de 1954).

Estava fumando para emagrecer, vovó chegou e eu meti o cigarro fumegando na bolsinha (5 de janeiro de 1955).

Estou pesando 65 quilos e fiz uma promessa para santo Antônio a fim de obter boa vontade para os estudos. Amanhã fará uma semana que estou num regime 123, o primeiro dia só líquidos, o segundo só legumes e frutas, e o terceiro tudo que eu gostar (28 de janeiro de 1955).

Dizem que estou ficando mais magra tomara que seja verdade (3 de fevereiro de 1955).

Ontem fumei, mas em compensação comi 4 doces de modo que hoje estou privada de alimento (8 de fevereiro de 1955).

Em nossa pesquisa, quando apresentamos no evento 13º fazendo Gênero (2017) uma comunicação sobre a relação de Clarice para com seu corpo, tivemos a oportunidade de ouvir um questionamento até então não pensado: “Será que Clarice era realmente gorda? Não seria apenas um sentimento dela para consigo que necessariamente não correspondia a aparência de ser gorda?” Quando, na História, a gordura passou a ser visto como algo repulsivo e socialmente não bem visto?”

Os questionamentos fizeram sentido quando, ao olhar para nossa relação com o corpo, admitimos que em vários momentos paramos em frente ao um espelho, e tecemos críticas. Em algum momento da vida, nos observando nesse espelho, e soltamos algum comentário devastador. Na maioria das vezes, talvez um:

“como estou gorda, preciso emagrecer”!. É possível que nós tenhamos afirmado isso quando realmente não estávamos tão gordas assim, e muito menos ao ponto de corresponder a esse estigma. O maior exemplo disso estão nas mulheres extremamente magras, que cotidianamente, insistem em entrar em regimes pesados, pois tendo uma visão deturpada de si, não se enxergam enquanto magras, e não percebem sua saúde debilitada pela falta de alimento ou massa corporal.

Figura 2: Histórico escolar de Clarice Tavares Xavier

GINASIO											
Anos	1951	1951	1952	1952	1953	1953	1954	1954	1955	1955	
Série de Ensino	1ª Série	1ª Série	2ª Série	2ª Série	3ª Série	3ª Série	3ª Série	3ª Série	4ª Série	4ª Série	
Periodos Letivos	1º SEMESTRE	2º SEMESTRE	1º SEMESTRE	2º SEMESTRE	1º SEMESTRE	2º SEMESTRE	1º SEMESTRE	2º SEMESTRE	1º SEMESTRE	2º SEMESTRE	
Ciclo e Grau	C.3 G.4º	C.3 G.4º	C.3 G.4º	C.4 G.1º	C.4 G.1º	C.4º	C.4º	C.4º	1º Sec	1º Sec	
Turma	A	A	A	A	A	H	A	A	H	H	
Data do Ex. Méd. Biom.	30.3.51	16.X.51	17.3.52	16.X.52	25.3.53	4-71	25/5	11/10	14/3	14/10	
Idade	11a.10	12a.5m.	12a.10m.	13a.7m.	13a.11m.	13.	15	15	15.9	16.4	
Pêso	60,2	60,5	61	70	69	73,50	72	69	66,500	66	
Estatura	1,54	1,55	1,52	1,53	1,55	1,55	1,55	1,58	1,57	1,59	
Laudo Médico	2 d 6i	3 d	3 d	4 e	Normal	Normal	Normal	Normal	Normal	Normal	
Rubrica do Médico	Dr. Pedro de Medeiros Mitchell					SW	SW	SW	SW	SW	
Anamnese e Registro de Alterações da Saúde	supernutrida e superdesenvolvida										

Fonte: acervo do Colégio São José- Pelotas.

Na tentativa de responder essas questões, o acesso ao histórico escolar do Colégio São José nos proporcionou o desempenho de Clarice na disciplina de Educação Física, onde além de apresentar suas notas nas atividades da disciplina, também constavam sua altura e peso. As medidas desse histórico correspondem aquelas que ela informava no seu diário. Acreditamos que ela ganhava consciência do seu peso pelas medições que o colégio fazia, visto que, o segundo trecho do diário acima referenciado do ano de 1954, corresponde a mesma data e medida de peso que consta em seu histórico escolar.

Para discutir o desconforto de Clarice com sua aparência, é necessário saber que, nem sempre, gordura e obesidade foram vistos pela sociedade com tanta negatividade, e as revistas são as fontes que nos permitiram ter clareza sobre os processos de mudanças. Denise Bernuzzi de Sant'Anna (2012) e Del Priore (2004) ao historicizarem a beleza, afirmam que na Europa, no final do século XIX, os estrangeiros passaram a abominar pessoas gordas. E no Brasil, foi somente no início do século XX, que os brasileiros foram influenciados pelas ideias europeias.

Segundo Sant'Anna (2012), as revistas difundiam os padrões de beleza vigentes, e através desses periódicos, a historiadora verificou ao final do século XIX as primeiras propagandas de produtos incentivando regimes. Esses regimes eram de emagrecimento para pessoas gordas e também de engorde para as pessoas demasiadamente magras. Nessa época, ao contrário dos gordos, os magros sofriam maior discriminação, pois a magreza era sinônimo de doença. No entanto, isso não significa que os gordos eram vistos com bons olhos, como afirma Sant'Anna (2012): “[...] A preocupação com o corpo em particular e a intolerância à gordura já existiam, mas não eram assuntos centrais. A gordura também não era necessariamente sintoma de doença e podia ser exatamente o oposto” (SANT'ANNA, 2012, p. 317).

Sant'Anna (2012) e Priore (2004) nos mostram que as mulheres gordas e morenas eram a maior referência de beleza no século XIX. Segundo Sant'Anna (2012), a revista *Fon fon*, do ano de 1908, foi um exemplar que cita uma coluna social onde o termo “gorda”, era uma das primeiras características dada as mulheres ali descritas como referência de beleza. Já Del Priore (2004), ao consultar a Revista Feminina do ano de 1923, nos surpreende ao mostrar como em um curto espaço de tempo mudanças sobre a gordura ocorreram. Em comparação ao exemplo acima, essa revista já imprimia em suas redações discursos onde a gordura era vista como doença, sinônimo de feiura e velhice. Naquele momento era o início do que foi e continua sendo amplamente difundido: a ideia da manutenção da juventude nos corpos. As revistas de 1950, tais como as lidas por Clarice, continuaram a reproduzir a ideia de ver a magreza associada a essa preservação da juventude, segundo a autora:

A magreza tinha mesmo algo de libertário: leves, as mulheres moviam-se mais e mais rapidamente, cobriam-se menos com vestidos mais curtos e estreitos, estavam nas ruas. O rosto rosado pelo ar livre, pela atividade não se coadunava com o semblante amarelo das mulheres confinadas em casa (DEL PRIORE, 2004, p. 262).

Quais motivos levaram a essas mudanças sobre a gordura/magreza nesse curto espaço de tempo? Sant'Anna (2012) apresenta algumas hipóteses sobre o que desencadeou um novo olhar sobre os corpos gordos. A autora, contextualiza os finais do século XIX, como um momento em que a medicalização do corpo se desenvolveu identificando a gordura excessiva como causa de diversas doenças. Nesse sentido, a alimentação ganhou atenção com relação a saúde. Antes, a

quantidade de alimento ingerido não era vista como causadora da obesidade. Prova disso, é a referência que Sant'Anna (2012) faz sobre as receitas publicadas nos jornais da época: não constavam a quantidade de açúcar ou qualquer ingrediente na feitura das receitas, tudo era indicado de acordo com o “gosto” de quem estava cozinhando. Foi somente depois do descobrimento das calorias que a quantidade de alimento passou a ser direcionado ao público, e o IMC (índice de massa corpórea), como indicador de saúde.

Portanto, antes de 1930, especialmente no Brasil, o culto à magreza não estava em voga, assim como também o peso de uma pessoa não era sinônimo da identidade que ela carregava. O ato de Clarice estar atenta ao seu peso, e a partir disso, depreciar-se ao ponto de transformar sua aparência em uma identidade, nem sempre foi uma verdade na vida das pessoas na História. Um exemplo disso são as balanças de peso descritas por Sant'Anna (2012):

Antes da banalização das balanças Filizola no Brasil, pesar o corpo era um ato raro, ocorria poucas vezes na vida. Por isso era comum não saber com exatidão o próprio peso. “Quanto você pesa?” não era uma questão frequente, nem a sua informação integrava necessariamente a identidade de alguém, pois não habitava o mundo subjetivo, os sonhos ou pesadelos dos brasileiros (SANT'ANNA, 2012, p. 317).

Foi na modernidade que os corpos passaram a ser vistos como objetos de consumo. O poder da imagem tornou -se a maior referência de identidade das pessoas. “Diferentemente de nossas avós, não nos preocupamos mais em salvar nossas almas, mas em salvar nossos corpos da desgraça da rejeição social. Nosso tormento, não é o fogo do inferno, mas a balança e espelho” (DEL PRIORE, 2004, p. 255). A preocupação da beleza associada a medicalização dos corpos caminhou juntamente com a nova posição das mulheres na sociedade. Antes, elas estavam sob um controle social que as aprisionavam ao lar, e com a urbanização, saíram para circularem nas ruas, porém, com um novo controle social: a aparência

O corpo feminino se tornou alvo de discursos amplamente discutidos em todas as mídias. Essa inserção da mulher a novos espaços de sociabilidade trazem uma nova preocupação com o corpo antes impensável. Mara Rúbia Sant'Anna (2005) cita que foram os europeus que começaram a difundir, para as mulheres, a prática dos exercícios físicos em praias, clubes e academias de ginásticas. Sant'Anna (2005), em sua pesquisa sobre o discurso presente na Revista o Cruzeiro

na década de 1950, fez considerações sobre os ideais de beleza da época, onde para além dos cuidados com o rosto e cabelo, a revista explicita que o corpo feminino deveria ter medidas proporcionais sem exagero da magreza ou gordura. No caso das gordinhas, eram aconselhados regimes, boa alimentação e ginástica para tornar eficaz a perda de peso. “Tabelas de peso e medidas, providas da medicina eram apresentadas às leitoras para que essas, encontrando-se, pudessem avaliar seu físico e, claro, observar a urgência de alterar seu peso ou o sucesso de sua boa forma” (SANT’ ANNA, 2005, p. 414). Logo, através de fotos e pelas próprias tabelas de peso, a autora afirma que o padrão de beleza da época correspondia a mulheres encorpadas, cujo o peso ideal de, por exemplo, era de ter 1,60 m. de altura e possuir 54 a 62 quilos.

Sabendo disso e levando em consideração que Clarice lia a revista acima referenciada, se retornarmos ao seu histórico escolar, podemos pensar que ela fazia comparações com as medidas da revista e, por isso, suas reclamações e tentativas de regime tornam-se compreensivas: sua altura em 1954 era 1,55 e seu peso corporal 72 quilos.

Não obstante a isso, outra mídia muito consumida por Clarice e que difundia padrões de beleza era o cinema. Sobre isso discutiremos adiante, mas é relevante citar que as revistas utilizaram as imagens das atrizes de cinema para basear seus ideais. Autores como André Dalben e Carmen Lúcia Soares (2008) afirmam que as atrizes de cinema foram eleitas pelas revistas das décadas de 1920 a 1950 enquanto maiores referências de padrão de beleza, estilo de vida e comportamento da época. Os conteúdos presentes nesses meios de informação sustentaram um controle social e moral dos corpos, consolidando padrões femininos de comportamento, moda e relações amorosas através de modelos e atrizes da época.

Embora os meios de comunicação afetem subjetivamente todas as pessoas, podemos afirmar que, em especial, para as mulheres, a cobrança para com a beleza dos corpos foi mais intensa. Ser gorda era e permanece sendo sinônimo de feiura e fracasso para a vida social, nos relacionamentos amorosos, principalmente em relação à sexualidade. Acreditamos que os padrões vigentes da época, e os discursos presentes nas revistas e no cinema, afligiam Clarice pelo medo da rejeição, da solidão, de falhar na busca por um marido, visto que para época isso era de extrema importância na vida das mulheres.

O desenvolvimento da indústria de beleza e a conseqüente difusão de propagandas desses produtos construíam um mundo de vitrine e imagem em que o fracasso da “beleza” se tornava uma opção. A impossibilidade de ser bonita passou a ser responsabilidade de quem busca tal questão, ou seja, pela falta de dedicação ou vontade, a mulher escolhia ser “feia” ou “bonita”. Por isso, quando Clarice diz: “Sou completamente diferente do que desejaria ser”, e se define enquanto “preguiçosa” ela está sob a luz de tal condição.

Concluimos que embora esses sentimentos descritos por ela pertençam à década de 1950, eles ainda permanecem vivos em nossas mentes. Na medida em que nossa sociedade se torna cada vez mais consumista, temos a todo momento, um bombardeio de conteúdos que apresentam novas maneiras de ser e ter um corpo bonito. A mídia, ao criar novas supostas realidades, nos causam sentimentos de insatisfação constantes, pois cada nova meta é desumana e impossível de ser atingida. Para quem acredita que pode consumá-las, às vezes, a moeda de pagamento custa a própria vida. “Em uma sociedade imagética, em que o sujeito é definido por sua aparência, não há como desconsiderar o sofrimento psíquico decorrente de todas as regulações sociais que incidem sobre o corpo - sobretudo o feminino” (NOVAES, 2011, p. 477).

4 Espaços de Distinção da Elite

Neste capítulo pretendemos apresentar alguns espaços de distinção das elites. A seção, “A educação das mulheres da elite”, foi dedicada ao desenvolvimento de reflexões sobre os espaços de sociabilidade educacionais das mulheres de elite. E a seção, “Viagens no período de férias”, se refere ao período de recesso dessas instituições educacionais. Os veraneios de Clarice e sua família eram desfrutados no Rio de Janeiro, uma cidade que era capital e símbolo de modernidade e lazer das elites desde o século XIX até o período estudado.

4.1 A Educação das Mulheres da Elite

4.1.1 *Tenho feito o possível para estudar piano e desenvolver meu valor*

literário: Escola de Bellas Artes, Conservatório de Musica e Aliança Francesa.

Durante o século XIX era esperado das mulheres de alta classe diversas atitudes que as atribuíssem valores excepcionais; para além da própria castidade (premissa para o casamento), os valores culturais também eram questões notáveis. Segundo Hahner (2012), as mulheres da elite deveriam apresentar para a sociedade, fosse em reuniões familiares ou em bailes sociais, suas habilidades, para que “promovessem o nome da família”. Dentre esses atributos, tocar instrumentos musicais, ter talentos artísticos e conhecimento de línguas eram elementos que mostravam quão refinadas essas moças seriam. Silvia Fávero Arend (2012), ao falar sobre meninas de distintos grupos sociais, explana sobre a educação das moças abastadas:

Ao longo do século XIX, saber tocar um instrumento musical, em especial o piano, tornou-se um imperativo para meninas bem situadas socialmente. Além de introduzir certa disciplina corporal e ajudar a passar o tempo, saber tocar piano seria considerado, na vida adulta, sinônimo de refinamento cultural. Nas cidades, a aprendizagem da escrita e da leitura do vernáculo ocorria com o auxílio de um preceptor, que ensinava as crianças da família e, raras vezes, também com auxílio da mãe. Algumas noções de um segundo idioma, quase sempre francês, eram também sinal de status. Era ideia corrente que tais saberes e habilidades proporcionariam à moça

um “casamento melhor”, ou seja, com um partido de mais posses (AREND, 2013, pos. 1237).

Em Pelotas o mesmo foi apontado por Magalhães (1993). Segundo esse historiador, as famílias de elite do século XIX investiam numa educação dedicada às letras, ciências e artes para seus filhos. Esse investimento educacional era uma forma de demonstrar para a sociedade a distinção cultural do grupo. Para as mulheres, era esperado conhecimentos de bordado, culinária, aulas de pintura e música, além de “leitura de algum romance amoroso e sensual” ²² (MAGALHÃES, 1993, p. 122).

Com relação às línguas, Hahner (2013) e Arendt (2013) afirmam que o francês era um idioma que representava sinal de *status*. Em apresentações à sociedade, as mulheres que tinham conhecimento dessa língua “recitavam poemas ou cantavam trechos do repertório operístico francês ou italiano” (HAHNER, 2012, pos. 992). Na vida de Clarice, o francês é uma língua que estava presente em sua aprendizagem desde cedo. Dentro do arquivo pessoal de Clarice foi localizado um caderno de exercícios de francês datados de 1948 – ano em que Clarice tinha 9 anos de idade.

Os diários indicam que ela continuou os estudos dessa língua na disciplina de francês ofertada pelo Colégio São José e na instituição de línguas Aliança Francesa. Sendo assim, interpretamos o interesse de Clarice por essa língua pelo viés do *status* que esta atribuía às mulheres de elite, e também pela influência europeia na cidade. Segundo Eliane Peres (2002), a língua francesa tinha um valor simbólico importante para Pelotas. O encantamento dos pelotenses para com esse idioma, e com a cultura francesa no geral, pode ser visualmente percebido, por exemplo, na arquitetura da cidade. Peres, ao falar sobre essa preponderância na cidade indica que:

Os jornais pelotenses guardam registros muito interessantes sobre o uso da língua francesa na cidade no final do século XIX e primeiras décadas do século XX. Era comum, em atividades sociais – e certamente na vida familiar –, que a elite fizesse uso do francês. Muitos convites de casamentos, menus de jantares e de casamentos, listas de presentes divulgadas na imprensa, programações de saraus, de concertos, das peças de teatro, eram impressas em

²² Com relação às letras, apresentamos o viés literário que Clarice exercia nas literaturas que lia e também na pretensão de escrever romances.

português e francês ou apenas na segunda língua (PERES, 2002, p. 144).

A afirmação de Peres (2002) entra em consonância com as contribuições de Muller (2010) sobre a sociabilidade pelotense no século XIX. Segundo ela, o intercâmbio cultural entre os filhos das famílias da elite que viajavam para Europa no intuito de estudar, e a presença dos estrangeiros (franceses), implicou em formas de sociabilidade que imitavam a Corte e a maneira de viver dos europeus. Na década de 1950, período que Clarice escreveu seus diários, não encontramos a influência francesa de forma tão intensa, contudo acreditamos que ela, enquanto integrante das elites, continuou o costume de conhecimentos dessa língua. A pesquisa de Patrícia Daniela Maciel (2007), ao dar enfoque para a educação feminina pelotense no século XIX, faz menção ao francês na grade curricular das escolas femininas. Segundo a autora, essas escolas eram, em sua maioria, ministradas por mulheres, algumas delas estrangeiras, além dessas serem diretoras/fundadoras dessas escolas:

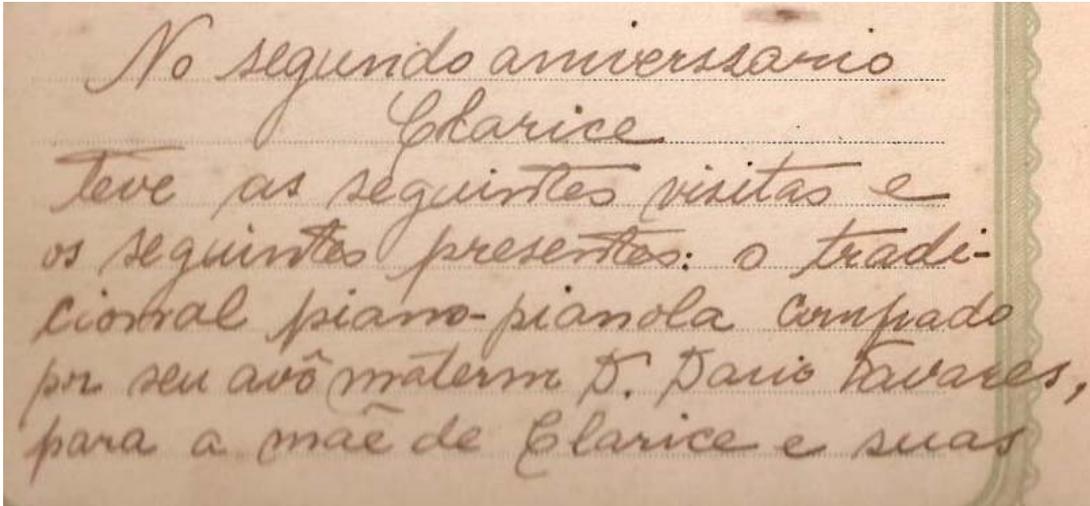
Em Pelotas, além do francês, quase sempre as lições oferecidas pelas professoras variavam entre áreas e atividades relacionadas aos conhecimentos intelectuais, literários e manuais. Além das primeiras letras, que correspondiam ao ensino da leitura, desenho, escrita e contas, havia os conhecimentos específicos para meninas, como prendas, agulhas, ensino de música, canto e piano, juntamente com o ensino de línguas, majoritariamente o francês, e em algumas aulas o italiano, alemão e inglês. Nessa perspectiva, a formação feminina caracteriza-se como um ensino em que as mulheres educavam as alunas para uma formação com conhecimentos gerais, concomitantemente direcionada para uma formação literária e destinada às prendas domésticas (MACIEL, 2007, p. 85).

Embora as constatações da autora se refiram ao século XIX, a educação feminina da elite do século XX procedeu com as mesmas disciplinas referenciadas pela autora. As mulheres de elite permaneceram sendo educadas, sem perder o foco ao que era considerado “natural” à mulher: o lar e a manutenção da família.

Com relação à música, os diários e outras fontes do arquivo pessoal de Clarice indicam que ela tinha incentivo musical desde seu nascimento. Um “diário de bebê”, escrito por sua mãe, relata os presentes recebidos por Clarice nos seus aniversários. Dentre diversas roupas e brinquedos, existe a menção de, aos 2 anos de idade, Clarice ter sido presenteada com um piano. O relato sobre esse presente

diz que o piano era de sua avó, havia sido repassado para sua mãe, e naquele momento estava sendo destinado para Clarice e suas possíveis futuras irmãs:

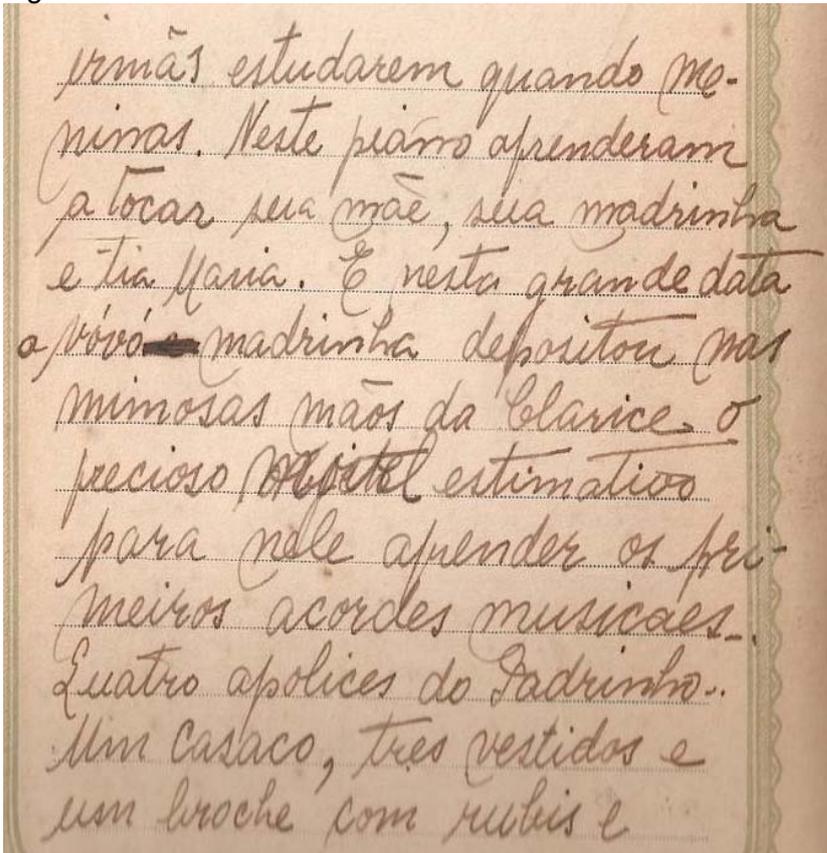
Figura 3: “Diário de Bebê” de Amélia Silva Tavares



No segundo aniversário
Clarice
Teve as seguintes visitas e
os seguintes presentes: o tradi-
cional piano-pianola comprado
por seu avô materno D. Paris Tavares,
para a mãe de Clarice e suas

Fonte: Arquivo pessoal de Clarice Tavares Xavier

Figura 4: “Diário de Bebê” de Amélia Silva Tavares



irmãs estudarem quando mo-
ninhas. Neste piano aprenderam
a tocar sua mãe, sua madrinha
e tia Maria. E nesta grande data
o ~~piano~~ madrinha depositou nas
mimosas mãos da Clarice, o
precioso ~~presente~~ estimativo
para nele aprender os pri-
meiros acordes musicais.
Quatro apólices do Dadrinho.
Um casaco, tres vestidos e
um broche com rubis e

Fonte: Arquivo pessoal de Clarice Tavares Xavier.

Segundo o historiador Magalhães (1993), o piano era um instrumento musical típico das famílias de elite na primeira metade do século XIX, sendo também um patrimônio correspondente às famílias de classe média. No século XIX, Vargas afirma que o piano era valorizado pela sociedade pelotense de tal forma que “era corrente as casas comerciais anunciarem a chegada de novas músicas em partituras, os anúncios de professores de piano oferecendo os seus serviços, além do concerto, afinação, aluguel e venda dos mesmos instrumentos” (VARGAS, 2013, p. 424). Em leilões, a presença dos pianos também não era rara. Se sob a perspectiva da elite, o piano foi o instrumento musical símbolo cultural desse grupo, para as mulheres foi o único a elas permitido desfrutar. Maciel (2007), ao analisar os anúncios das escolas femininas, verificou aulas de piano entre uma das disciplinas ofertadas para as moças da elite. Esses atributos, ao mesmo tempo que enobreceram as mulheres da elite, serviram como um trabalho para elas, e os anúncios analisados pela autora são um exemplo disso. Maciel (2007) menciona os diversos anúncios de aulas particulares de piano ministrado por mulheres. Nos diários de Clarice, não sabemos se suas aulas de piano eram particulares, contudo ela indica presença na instituição Conservatório de Música pelotense:

Tenho feito o possível para estudar o piano e desenvolver o meu valor literário (14 de setembro de 1955).

Nada de mais hoje fui ao *conservatoire de musique* com a Maria da Graça, ela anda de namoro com o Volny. O Luiz Eduardo estava lá, como sempre um amorico (4 de maio de 1955).

A pesquisa de Isabel Porto Nogueira, Maria Letícia Mazzuchi Ferreira e Alex Vaz Cardoso (2007), ao construir a trajetória das mulheres musicistas no Conservatório de Música de Pelotas (década de 1950), compreendeu a relação dessa instituição para com a vida de suas estudantes. Os autores afirmam que o acesso ao Conservatório de Música era difícil para quem pertencia as classes populares, pois além do custo das aulas, era preciso que os alunos e alunas tivessem seu próprio instrumento e prévio conhecimento musical. Em entrevistas com as musicistas dessa instituição, os autores concluem que as relações educacionais entre professores e alunos possuíam elementos de controle dos caminhos que esses alunos deveriam seguir. Acreditamos que esse controle se assemelha ao que indicamos com relação ao colégio São José para com a vida das estudantes:

[...] o professor geralmente preocupa-se com a formação integral do aluno, oferecendo orientação sobre aspectos artísticos diversos, incluindo muitas vezes conselhos sobre o desenvolvimento de seus estudos e sua carreira. Esse contato mais frequente e mais personalizado era também uma instância de controle e conhecimento que o professor adquiria sobre o aluno, conhecimento esse que, de maneira recorrente, chegava até mesmo à família do estudante (NOGUEIRA; FERREIRA; CARDOSO, 2007, p.251).

Para as mulheres, o controle atingia a esfera pessoal. Os autores afirmam que se elas apresentassem desenvoltura na música, os professores tentavam direcioná-las para que evitassem o casamento (em detrimento da carreira musical). Nos diários, as relações de Clarice para com a instituição não exprimem detalhes como esses, e somente apresentam sua preocupação em desenvolver aptidão no piano.

Com relação à arte, os diários indicam que Clarice teve contato com a Escola de Bellas Artes. Magalhães (1993), ao falar sobre a presença da arte em Pelotas no século XIX, conta que exposições de arte eram frequentes na cidade, e as famílias charqueadoras eram frequentemente visitantes e expositores nas salas de arte. Magalhães (1993, p.178-179) cita Leocádia Tavares, tia-avó de Clarice, como uma entre várias mulheres da elite que apresentavam suas técnicas de pintura aprendidas por professores estrangeiros.

Segundo Clarice Rego Magalhães (2008), na década de 1920, o Conservatório de Música implantou o curso de Belas Artes. Esse curso possuía aulas de desenho e pintura, e servia para desenvolvimento das atividades artísticas dos jovens da elite pelotense. Nos diários, Clarice informa quando começou a frequentar as aulas na “Escola de Belas Artes” e o que estava aprendendo:

Na rua nenhum rosto interessante, fomos ver a exposição de pinturas infantis no Grande Hotel. As pinturas eram tão infantis que até pareciam surrealismo de pinturas modernistas (8 de abril de 1956).

Eu estou seguindo sempre de desenho artístico e anatômico. Já fizeram o fêmur e passamos agora a desenhar as costelas da caixa torácica. No artístico estou agora desenhando um violão sobre a cortina (7 de abril de 1956).

Segundo Magalhães (2008), essa escola era gratuita e não gerava lucros, o que fazia com que fosse mantida pela elite apenas como símbolo cultural de distinção. Dessa forma, a “Escola de Bellas Artes” representava para as elites seu refinamento cultural e força da tradição. O conteúdo artístico da escola é um

exemplo da estagnação ao passado de glória pelotense, pois mesmo após a virada do século, não houve uma renovação no conteúdo artístico da grade educacional. A Arte Academicista do século XIX perdurou no século XX enquanto referência para os alunos da instituição, enquanto a Arte Moderna ganhava espaço na escola de Belas artes de Porto Alegre. Magalhães (2008) afirma que em 1937 a escola foi colocada sob direção do município e retomou ao antigo nome - Conservatório de Música -, encerrando então os cursos de desenho e pintura. Por fim, o curso de artes retornou no ano de 1949 “com a fundação do seu curso profissionalizante em artes plásticas, que existe até hoje, a Escola de Belas Artes de Pelotas” (MAGALHÃES, 2008, p.43).

Com relação aos atributos manuais de bordado, corte e costura, Clarice menciona, ao longo dos diários, seu contato com a moda, pois a confecção dos trajés representava boa parte de seu cotidiano. Ela menciona sua inscrição nas aulas da empresa de máquinas de costura chamada Singer:

Já estou frequentando as aulas de corte e costura da Singer, eu agora estou terminando de fazer uma camisinha de lulu para meu irmãozinho que vai nascer em setembro. Depois de amanhã vou comprar mais renda e fustãozinho para o casaquinho (17 de março de 1956).

A dissertação de Raphael Castanheira Scholl (2012) nos esclareceu um pouco sobre a empresa Singer como formação profissionalizante das mulheres. Esse autor buscou saber sobre o perfil das estudantes dos cursos profissionalizantes “Corte e Costura” e “Chapéus, Flores e Ornatos” na Escola Técnica Senador Ernesto Dornelles de Porto Alegre/RS. As memórias de Scholl (2012) sobre sua avó e o conjunto de entrevistas feitas por ele situam os livros de costura da empresa Singer como material base para o aprendizado de costura da época. Segundo os relatos orais colhidos por Scholl (2012), o livro oficial utilizado nas aulas da instituição estudada era da empresa Singer. Ele menciona que essa empresa: “[...] mantinha também, junto as suas lojas ou pontos de venda de seus produtos, escolas que promoviam os cursos de Corte e Costura ou Bordado à Máquina” (SCHOLL, 2012, p.23).

A pesquisa de Edna Maria Fernandes dos Santos Nascimento (2016) indica que ter uma máquina Singer e conhecimento de costura atribuía valores de modernidade para as mulheres. As propagandas das máquinas Singer da revista “O

cruzeiro” do ano de 1940 foram as fontes que a autora utilizou para compreender tal fato. Ter essa máquina, juntamente ao aprendizado de costura, era a principal mensagem que essas propagandas remetiam como valor para uma “boa dona do lar”. Ao ter a máquina e saber costurar, essas poderiam não somente resolver os problemas de casa, mas também fazer dessa atividade um ganho extra para economia da família. Segundo Nascimento (2016), as propagandas desenhavam a mulher de tal maneira: “A mulher é bela, cintura de vespa, estereótipo de beleza da década de 40, mas, diferentemente das roupas e adornos deslumbrantes das atrizes, veste-se com discrição e tem dotes que a referendam como uma boa dona de casa: sabe costurar, prática que propicia a economia familiar” (NASCIMENTO, 2016, p. 1178).

A prática da costura, como trabalho doméstico que atribuía valor à mulher moderna, também foi abordado por Dyeinne Cristina Tomé e Maria Cristina Gomes Machado (2013). As autoras fazem reflexões sobre a relação das mulheres com seus guarda-roupas, em especial à montagem dos enxovais de noivado. Tomé e Machado (2013), ao mencionarem a relevância do enxoval para vida da futura esposa, explanam que os manuais de civilidade e etiqueta exprimiam a importância do papel feminino no lar, e a costura estava entre uma das atividades que não corrompia essa ideia: “[...] Nesse trabalho, a mulher não precisava se ausentar da esfera privada”. Essa valorização da costura como uma atividade econômica feminina foi explicada pelas autoras através do contexto da década de 1950. Segundo as autoras, após a guerra, houve um movimento que incentivava o retorno da mulher ao lar para que essas reassumirem “seus postos de mãe e esposas” (TOMÉ; MACHADO, 2013, pos. 1718).

Nesse sentido, o simbolismo dos enxovais das noivas foi discutido pelas autoras como um ato que reafirma as mulheres ao lar e ao casamento. Em nossa pesquisa, quando Clarice menciona estar montando roupinhas para seu novo irmão, podemos relacionar ao mesmo simbolismo da montagem dos enxovais das noivas. Para Tomé e Machado (2013) as roupas: “Confecionados à mão pelas próprias meninas e demais mulheres da família, essas peças traduziam o rito de passagem que transformava as filhas meninas em mulheres, donas de suas próprias casas” (TOMÉ; MACHADO, 2013, pos. 1832).

Logo, embora a confecção das roupas do novo irmão não corresponda a uma passagem direta para o papel de mãe ou esposa, poderia significar a familiarização

que desde cedo as mulheres deveriam ter com as miudezas do íntimo e do doméstico. A sua entrada no curso da Singer não somente serviria para esse fim, mas também era um elemento educacional da mulher moderna que, sem romper com a família e o lar, se inseria gradativamente no mercado de trabalho.

4.1.2 *Das três virtudes teológicas a que eu mais possuo é a esperança e a que eu mais aprecio é a Fé, sendo a caridade uma das minhas poucas qualidades: Colégio São José, filantropia e religiosidade*

Com a relação à educação de Clarice, os diários apresentam sua rotina em detrimento de uma educação formal típica da elite. O início da escrita de seu diário foi consumado não somente pela sua passagem das 15 primaveras, mas também pelo que Clarice afirma ser sua libertação dos “dois anos e meio de prisão voluntária”. Para compreender essa passagem, descobrimos, em conversas informais e através do histórico escolar que, anteriormente aos anos de 1954, ela estava no internato “São José”²³ localizado na cidade de São Leopoldo.

Durante nossas idas nos arquivos da Biblioteca Pública de Pelotas, no dia-a-dia de pesquisa, entramos em contato com a pesquisadora Débora Clasen de Paula (2008). Ela, convivendo juntamente aos arquivos dos jornais pelotenses para feitura de sua pesquisa, encontrou nos periódicos do jornal “O Nacional” do dia 10 de março de 1891 uma notícia²⁴ sobre as filhas de um comendador estarem partindo de Pelotas para estudarem em um internato em São Leopoldo. Paula (2008), ao nos passar essa informação, nos proporcionou pensar na hipótese de que a educação da região São Leopoldo/Porto Alegre poderia ser uma referência para as elites, de tal forma que, em 1950, a família de Clarice havia feito sua matrícula no internato São José daquela cidade.

Hahner (2013), ao delinear as condições de vida e educação das mulheres de elite do século XIX, menciona que os colégios internos representavam, para a

²³ O Colégio São José foi o primeiro estabelecimento fundado no Brasil pelas Irmãs Franciscanas da Penitência e Caridade Cristã da Terceira Ordem Regular de São Francisco de Assis. Procedentes da Alemanha, chegaram em São Leopoldo no dia 2 de abril de 1872. **Fonte:** http://www.saojosesl.com.br/submenu_single.php?idSubMenu=28&nmMenu=INSTITUCIONAL Acesso em 19.out.2017.

²⁴ “Partidas’ filhas do comendador Ribas para estudar em São Leopoldo” (jornal O Nacional, 10 de março de 1891).

educação das mulheres, um elemento de distinção: “As ‘melhores famílias’ empregavam tutores particulares ou mandavam suas filhas para internatos de freiras, especialmente os dirigidos pelas Filhas da caridade de São Vicente de Paula, que haviam chegado ao Brasil na metade do século XIX” (HAHNER, 2013, pos. 1024).

Logo, estudar em um internato, tanto para as filhas do comendador no século XIX, como para Clarice no século XX, tem valor de distinção na educação das elites. Nos diários, após “os dois anos e meio de prisão voluntária” na instituição que citamos, Clarice foi matriculada também em um colégio religioso. Segundo Angela Beatriz Pomatti e Lorena Almeida Gill (2012, p.86) o colégio São José, localizado na cidade de Pelotas, foi fundado em 19 de março de 1910 por irmãs da Congregação de São José da França; sua educação era voltada apenas para meninas, somente vindo a oferecer uma educação mista após a década de 1970. A dissertação de Rita de Cássia Grecco dos Santos (2012) nos ajuda a compreender esse universo educacional na qual Clarice estava imersa, pois a pesquisadora fez um panorama completo da educação que essa escola oferecia. Dentre os apontamentos da autora, o que citamos em nossa pesquisa é apenas as relações dessa escola para a formação educacional das moças. Santos (2012) afirma que a escola era composta e dirigida por irmãs que tentavam direcionar a formação das estudantes/internas para a prática de virtudes de uma boa moça de família. No entanto, a partir de 1930, a modernização empurrava a sociedade a inventar gradativamente novos moldes educacionais femininos, onde o lar não correspondia mais como um espaço suficiente das mulheres ocuparem. Logo, sendo essa uma escola elitista, a autora ressalta que:

Embora as classes dominantes da época desejassem modernizar-se, temiam a modernidade com relação à educação de suas filhas, pois tinham que educá-las de acordo com as exigências do mundo moderno, mas levando em consideração que esta educação não poderia subverter a posição de subalternidade e de “fragilidade” das mulheres (SANTOS, 2012, p. 82).

Segundo Santos (2012), a escola priorizava uma formação dentro dos preceitos e valores do cristianismo, onde a importância do casamento deveria ser o objetivo de vida para as moças. Com relação ao assunto, Clarice comenta em seus diários sobre as aulas da irmã Teodorina. A pesquisa de Santos (2012) não nota a

presença dessa irmã dentro do quadro de educadoras do período de 1950. Contudo, as considerações de Clarice confirmam esse ideal educacional:

A irmã Teodorina está nos preparando para a aula sobre o matrimônio e diz asneiras sem fim! Ontem a Teodorina arrancou a Elaine do meu arquivo em compensação a Beatriz me deu uma charilyn espetacularrissima para por numa divisão de arquivo. Ainda bem que a Teodorina não viu as poesias que havia no arquivo (6 de abril de 1955).

Hoje a Irma Ilda Maria resolveu dar um toque psicológico na sua liçãozinha botou no quadro um pontinho riscou alguma coisa dizendo que era trajetória enfim a história se resume num homem que fez uma trajetória que não queria. Deu-me vontade de dizer que isto não será certo, pois senão todos seriam perfeitos ficando as nossas condições de humanos no chinelo (26 de setembro de 1955).

A escola, ao cumprir uma educação rígida para moldar as moças ao destino do casamento, investia em uma forte fiscalização da liberdade das estudantes internas. No trecho acima, onde Clarice fala sobre seu arquivo pessoal, não conseguimos informações consistentes sobre a existência de um arquivo dentro do colégio, apenas sabemos pelos apontamentos de Santos (2012) sobre a forte fiscalização das irmãs com questões pessoais das alunas. As leituras e correspondências eram exemplos de individualidades que a escola não deixava de verificar:

O requinte do disciplinamento atingia até a fiscalização das correspondências e das leituras, podendo certas obras serem parcialmente censuradas, ou até mesmo proibidas. O Art. 54.º não deixava margem para dúvidas: “Cartas, pacotes e outros objetos que forem mandados às alunas, deverão passar pelas mãos da Diretora: não é permitido usar livros que não tenham sido apresentados e aprovados” (SANTOS, 2012, p. 129).

Quando dissertamos sobre as leituras de Clarice, ela menciona sentimentos de “culpa” por suas “leituras livres”. Dessa maneira, se a educação feminina da época impunha restrições a certos tipos de leituras para mulheres, confirmamos aqui com as contribuições de Santos (2012), que a escola fiscalizava não somente as leituras como também o que as alunas escreviam (Clarice menciona os poemas). Segundo Santos (2012), a escola mantinha uma postura onde:

A rotina de audiência diária à missa convertia-se num rígido programa com dupla finalidade, conversão à fé católica e disciplinamento do comportamento. Posto que, ao reafirmar a obediência ao Sagrado, também forjava-se a necessidade de cultivar

uma postura ideal e/ou idealizada de aluna do Colégio São José – de uma menina dócil e bem comportada (SANTOS, 2012, p. 117-118).

Foi somente a partir da década de 1960 que esse projeto educativo feminino repressor começou a mudar. Segundo a autora, as próprias alunas já não estavam dispostas a viver naquele silenciamento. O movimento feminista e as relações entre estado e igreja ajudaram nessa guinada educacional para que gradativamente houvessem mudanças:

Ademais, entre as décadas de 1910 e 1960 ocorreram mudanças substanciais na dinâmica das relações sociais, tais como o desenvolvimento e fortalecimento do movimento feminista, um forte tensionamento nas relações entre Igreja e Estado no Brasil, em virtude da Ditadura Militar, bem como notáveis modificações dentro da organização eclesial em função do Concílio Vaticano II, que acabou apontando novas diretrizes de ação para a Igreja Católica (SANTOS, 2012, p. 151-152).

Dessa maneira, diante dessa nova perspectiva da mulher na sociedade, a inserção no mercado de trabalho pode ser verificada nos diários enquanto algo que Clarice também almejava. Ela demonstrava interesse e preocupação em prestar vestibular após a formatura no colégio São José:

Vestibular

Agora estou parando na casa da Clécia e hoje de manhã fui fazer as matriculas no S. José. Não sei se me arrisco a fazer vestibular, pois tenho bastante coisa para a 2º época (16 de fevereiro de 1956).

Eu ando pensando em me meter na enfermagem, já que meu destino é melhor que seja encerrado mesmo (16 de abril de 1956).

Andei cantando a mãe para ver se ela deixa eu ir para enfermagem, mas acho pouco provável (17 de março de 1956).

Santos (2012), apresentou em sua tese, um número expressivo de mulheres que seguiram a vida acadêmica após o fim dos estudos no colégio São José. Em entrevistas com as ex estudantes do colégio, a pesquisadora lembra que o foco educacional era formar as moças para serem do lar ou docentes. Esse caminho era oferecido no Curso Normal, e esse direcionamento profissional foi apontado pela autora como “feminização do Magistério”, que atribuía às mulheres os talentos “vitais” e “biológicos” de saber cuidar e educar.

Contudo, não era uma obrigação integrar o Curso Normal, havia a possibilidade de cursar o Científico. Esse direcionava as moças para outras

profissões além do lar e docência. Santos (2012), ao apresentar os nomes das meninas que estudaram nessa escola, contemplou a época em que Clarice estudava na instituição. Embora seu nome não conste na lista produzida pela autora, há diversos nomes de meninas que tinham contato com Clarice na vida social fora da escola.

Santos (2012) expõe que essas meninas, depois de formadas, atingiram um bom *status* profissional. A maioria delas seguiu a carreira da docência ofertada pelo Curso Normal, com exceção de Nailê Russomano, que seguiu a área jurídica, talvez vinculada a uma trajetória familiar que se apoiou nesta seara profissional. No caso de Clarice, buscamos entrar em contato com a escola São José para ter acesso ao seu currículo escolar e verificamos que suas notas a levaram a diversas reprovações, mostrando que até o ano de 1957 ela ainda estava cursando o Científico. Clarice expressa nos diários suas dificuldades, de modo que precisava concluir exames em diversas matérias. Em uma conversa informal com uma das irmãs de Clarice, soubemos que ela não se formou juntamente com suas ex colegas no pretendido ano (1955). Em entrevistas e conversas informais com as senhoras que contatamos durante a pesquisa, soubemos que após a formação de Clarice no Colégio São José, ela mudou-se na década de 1960 para o Rio de Janeiro para ingressar na faculdade de Serviço Social.

Refletindo sobre a educação que Clarice recebeu nessas instituições educacionais, gostaríamos de falar sobre sua inserção nos espaços filantrópicos e religiosos, bem como interpretar o título que imprimimos nessa seção, *“Das três virtudes teológicas a que eu mais possuo é a esperança e a que eu mais aprecio é a Fé, sendo a caridade uma das minhas poucas qualidades”*. Acreditamos que, além do incentivo dessas instituições em promover papéis sociais que não corrompiam os das mulheres, ambientes como igrejas e instituições assistencialistas também promoviam práticas aceitáveis para um “modelo ideal de mulher abastada” que servia para ser evidenciado publicamente para a sociedade.

Se fizermos uma retrospectiva do século anterior ao que Clarice vivia, o cotidiano das mulheres resumia-se na enclausuramento ao lar. Os espaços religiosos, como a igreja, são os primeiros que, diante de uma moral cristã, dão sustentação para que essas não somente se dirigissem a igreja para cumprir os preceitos cristãos, mas também incentivavam que recebessem educação (em instituições religiosas). Dessa maneira, “A caridade, prática incentivada pela Igreja

católica para promover um modelo feminino de resignação e sacrifício, propiciou às mulheres de classe alta oportunidades de atuação social e de contato com o mundo para além das paredes do seu lar ” (HAHNER, 2013, pos. 976).

Sob o preceito cristão, a manutenção da função social da mulher servia para que essas prezassem a família, e a caridade era uma atividade que não perturbava essa função. Com relação à igreja, segundo Hahner: “A própria instituição reservava alguns papéis ativos para elas ao incentivar que praticassem a filantropia. Com isso, algumas delas puderam criar associações de apoio a orfanatos e escolas para meninas pobres nas cidades sem afrontar os conservadores.” (HAHNER, 2013, pos. 856).

Para as mulheres da elite, ser uma boa cristã era um elemento de distinção para alcançar o matrimônio com um bom partido. Também servia como propaganda da família para a sociedade afinal, o *status*, posição social, e prestígio da família, se mantinham ou se alavancavam com a imagem das mulheres. Diante disso, a filantropia foi uma prática representada como um modelo feminino das elites. “Depositada nas mãos das mulheres da elite urbana a missão regeneradora da sociedade, caberia a estas, através do exemplo e da filantropia, resguardar os valores cristãos” (FREIRE, 2006, p. 110).

As elites figuravam publicamente o modelo de bom católico. Em nossa pesquisa, os jornais de Pelotas apresentavam nas colunas sociais, as famílias da elite presentes em missas, novenas, e atividades filantrópicas. A família de Clarice era um exemplo dessas famílias citadas nas colunas sociais. No jornal “A Opinião Pública”, no dia 13 de maio de 1954, encontramos sua presença no Instituto São Benedito, uma instituição filantrópica que acolhia meninas desamparadas e era patrocinada principalmente pela elite.

Sobre as relações de Clarice com a filantropia, o jornal “A Opinião Pública”, no dia 5 de julho de 1954, mostra sua participação na inauguração de uma instituição de caridade para crianças pobres. Seu cargo era o de tesoureira. Ademais, algumas passagens do diário sugerem sua relação com outras mulheres

desse grupo social que praticavam caridade como, por exemplo, Yaya Xavier ²⁵e Olga Fetter:

Não vou ao chá de beneficência organizado pela dona Olga Fetter em campanha pró sopa escolar. Pelo que vejo nem as compensações vitais e a oportunidade de encontrar alguém não me concedem. Creio que talvez Deus manda estas coisas para me castigar de faltar os meus deveres religiosos e ao mesmo tem me beneficiado fazendo com que eu me volte para o meu próprio eu e me resolva a pegar na pena para escrever (15 de julho 1956).

Hoje me acordei como de costume às 11 horas com a mãe, o pai e as duas irmãs e mais o cachorro e o gato e o rato e o piolho, invisíveis por que não os há por aqui. Mas Deus escreve direito por linhas tortas que uma das suas vontades foi que eu hoje ficasse em casa perdendo um programão: das 11 ao meio dia missa, das 2 às 4 cinema, das 4 às 4 e meia voltas, a praça deve estar cheia de gente com este calor, e das 5 às 7 chá dançante no clube brilhantes em benefício da sopa escolar (15 de julho de 1956).

Ontem fui na casa de Yaya Xavier por que ela estava de aniversário. Depois fomos na Maria Cecília²⁶ visitar a vó dela que estava de aniversário dia 22 se não me engano (25 de novembro de 1954).

Embora o *status* econômico fosse proveniente do marido, as associações filantrópicas, em sua grande maioria, tinham as mulheres como representantes: “Embora praticada por homens e mulheres, a filantropia se apresentava como atividade essencialmente feminina, vinculada a sua natureza em geral, e em particular a sua condição maternal” (FREIRE, 2006, p. 102). Essa condição atribuída à mulher explica o motivo pelo qual as associações femininas quase sempre atendiam crianças desamparadas ou famílias desestruturadas (função depois designada às assistentes sociais).

Ana Paula Vosne Martins (2015), ao falar sobre a filantropia, faz uma retomada do passado e nos possibilita compreender o processo histórico de naturalização da filantropia enquanto uma prática feminina. Segundo essa autora, desde o século XVIII, na Europa, as mulheres buscaram na crítica iluminista e na religião os argumentos para a defesa de suas capacidades morais e intelectuais onde, através da fé, utilizaram a caridade como ação pública: “Em decorrência desta

²⁵ Verificamos o nome dela nos jornais de 1954 enquanto uma pessoa presente nas missas. Em conversa com as senhoras que entrevistamos elas citaram Yaya como uma mulher mais velha que elas que fazia caridade.

²⁶ Maria Cecília Aramaldi aparece também na inauguração e membro da instituição de caridade em que Clarice estava participando.

paisagem emocional que começa a se descortinar no século XVIII, algumas mulheres de classes médias usaram a seu favor qualidades que até então eram menos valorizadas pelo discurso racionalista, como a bondade” (MARTINS, 2015, p. 18). A bondade, que até então era considerada virtude, passa a ser cada vez mais associada a uma qualidade feminina. Esse processo de naturalização da bondade, juntamente com apoio da igreja, ofereceu às mulheres do século XIX a base de sua defesa para se organizarem nas questões sociais de caridade. Por isso, segundo a autora:

A ideologia de gênero formulada naquele contexto de aburguesamento da sociedade e da cultura não pode, portanto, ser vista somente pelo prisma do enclausuramento das mulheres em seus lares e no exercício da maternidade, embora ele tenha sido um fato e uma realidade opressiva para a maioria das mulheres (MARTINS, 2015, p. 18).

A posição dessas mulheres nas ações filantrópicas se tornou um meio em que elas se colocavam como agentes sociais. Algumas delas, perceberam que este poderia ser um caminho promissor para pôr em prática suas ideias reformistas. Logo, através da filantropia, as mulheres colocavam seu reconhecimento diante da sociedade, justificando uma “utilidade social”. Porém, como alerta Ana Paula Vosne Martins (2015), a filantropia nem sempre deve ser tratada como uma forma de conquista por status de classe, ela também serviu para tirar as mulheres de seus lares, de forma que propiciaram novas experiências com as quais elas não tinham contato: “as muitas atividades que envolviam este tipo de trabalho voluntário estão na origem de uma nova experiência nesse espaço intermediário entre o público e o privado e, posteriormente, na organização das profissões da assistência social, como a enfermagem e o serviço social” (MARTINS, 2015, p. 26).

Se considerarmos que essas atividades propiciaram experiências que colocaram as mulheres no mercado de trabalho, é compreensível que Clarice tenha feito graduação em Assistência Social, diploma esse que possibilitou sua inserção em um emprego no INSS, assim como também a profissão de docente da maioria das mulheres da geração de Clarice.

Sobre as associações filantrópicas, interpretamos a inserção de Clarice nesses espaços não somente como uma maneira de ampliar sua rede de sociabilidade dentro da elite, mas também como uma estratégia para se colocar em âmbito público. Larissa Patron Chaves (2013), ao estudar as pinturas de

beneméritos das Sociedades Portuguesas de Beneficência, explica que o poder simbólico da elite para essas associações de caridade era estampado para que a sociedade pudesse perceber seu poder: “Não há caridade efetuada se ela não pode ser mostrada para o público Não há assistência se ela não ficar evidenciada pelo poder que emana, pelo ato concedido, e conseqüentemente pelo que representa” (CHAVES, 2013, p. 9). No caso de Clarice, os jornais, ao mencionarem seu nome, construíam esse poder simbólico das mulheres da elite. Na passagem abaixo, temos uma reportagem de jornal que Clarice colou em seu diário:

Glamour Girl- Muito entusiasmo e tudo para assistência social

Faz conversa a nossa enquete bem para escolha da Glamour Girl da cidade, em festa beneficente às menores desamparadas a ser realizada por este cronista em outubro próximo. Votem todos, e auxiliem a nossa campanha de assistência social. No jornal da Tarde há uma urna de votos. Posso adiantar as moças que estão sendo votadas, pois os leitores só tem falado bem delas... Nailê Russomano de Mendonça Lima, Gislaine Schoroeder (em grande evidência), Lêda Fernandes, Loila Weimar, Edelma Zabaleta, Heloisa Helena Sampaio, Inês Soares...e outras... e outras

Srta. Clarisse Xavier - muito simpática, e muito atenciosa no ambiente. Desgosta de gente faladeira, acha ótimo o mambo, gosta de escrever cartas, sendo, pois sua atividade predileta a troca de correspondências. Sua cor o vermelho. Seu destino a Faculdade de Direito, o resto... são tantas coisas, pois não. Contou na nossa lista dos sete melhores partidos para 55 o que fez muita conversa. É muito morena ²⁷e de uma simplicidade que vale por uma bem posta coluna social. É filha do Sr. e da Sra. Dr. João Xavier (Diário de Clarice Tavares Xavier, 9 de maio de 1956).

Essa reportagem configura a função dos cronistas para com as elites, pois imprimem os atributos pessoais de Clarice e os anseios sociais característicos de seu grupo. A reportagem traduz o quanto a sociedade pelotense visava a atenção das moças de elite para a prática da filantropia. Referenciando-as de acordo com suas famílias, não apenas propagandeavam a aquisição econômica da família, como também colocavam essas moças em “listas de partidos”, uma forma de mostruário

²⁷ A reportagem indica o fenótipo de Clarice que podemos interpretar de diversas maneiras. Por um lado, essa narrativa pode ser a tentativa do cronista em descrevê-la para um público que não tinha acesso ao seu visual. Nesse período não era comum existir muitas fotografias nos periódicos. Por outro lado, também podemos pensar sobre os aspectos raciais entre as elites. Nesse caso, pensamos que devido a posição econômica alta de Clarice sua cor da pele não se tornava um fator excludente para seu círculo de sociabilidades, visto que ela permanecia em contato com ambientes que a elite branca circulava.

para matrimônios com homens ricos. Marina Pelissari (2012) discute em sua dissertação, a função dos cronistas com as elites nos jornais riograndinos. Em nossa pesquisa, não nos detemos nesses termos, mas às contribuições dessa autora servem para nos ajudar a compreender coluna social anteriormente referenciada:

As entrevistas parecem um recurso que as cronistas encontraram de fazer o público conhecer melhor pessoas que elas consideravam importantes, seus gostos e suas personalidades, que os entrevistados são representantes da elite da cidade, sendo frequentemente citadas em outras crônicas, ou pessoas de projeção estadual ou nacional. Percebe-se com isto uma forma de explicação das práticas sociais e culturais desses membros da elite, que é registrada e pode ser perpetuada pelo jornal e pela cronista como uma forma legítima de representação. É uma seleção do que é interessante mostrar aos outros sobre esta elite, reforçando seus pontos altos e distinção (PELISSARI, 2012, p. 59).

Em suma, a filantropia significa uma forma de poder, onde a aquisição econômica expressada pela bondade católica mostra as relações hierárquicas que esses possuem diante daqueles que não fazem parte desse grupo. Nesse sentido, as entidades assistenciais funcionavam como um meio para que esse tipo de demonstração e ação. No caso de Pelotas, embora as propagandas filantrópicas estivessem estampadas nestes jornais e circulassem entre os setores letrados da sociedade pelotense, para as famílias da elite local, era importante terem os seus membros mencionados nas páginas de colunistas sociais, de maneira elogiosa, pois o comportamento exemplar das moças podia agregar um valor simbólico à família, permitindo à mesma uma maior e melhor inserção nos círculos de sociabilidade reservados aos setores mais abastados, favorecendo alianças políticas e possíveis casamentos entre os seus herdeiros.

4.2. Viagens no Período de Férias

4.2.1 *Terminei a temporada no Rio, estava ocupada demais para escrever: A Capital como Lazer da Elite*

Como dissertamos até aqui, Clarice frequentava diversas instituições educacionais característicos da elite. Após o término do ano letivo nesses espaços, chegava o momento em que ela e sua família viajavam com destino ao Rio de Janeiro para veranejar: “Daqui a 3 dias partiremos para o Rio de Janeiro onde iremos

gozar as férias, pena que eu leve uma companhia bem desagradável: os livros de latim” (21 de dezembro de 1955). Os relatos anteriores indicam que Clarice não foi aprovada em Latim no Colégio São José, logo precisou viajar acompanhada dos livros da disciplina.

Durante a pesquisa descobrimos os motivos pelos quais Clarice tinha contato com essa cidade. Em conversas informais com os membros da família de Clarice, e também pelas narrativas contidas nos diários, a família de Clarice possuía residência própria no Rio de Janeiro devido a laços familiares naquela cidade:

Mamãe parte com o papai terça para o Rio, pois o João Gilberto terminou o tratamento de sono que estava fazendo e necessitava bastante da assistência do Papai e da Mamãe (17 de março de 1956).

João Gilberto era o irmão mais velho de Clarice, e durante esse período, estava cursando faculdade de Medicina no Rio de Janeiro. A materialidade com imóveis no Rio de Janeiro e relações de parentesco de Clarice deviam-se ao passado de sua família. Sabemos que era um hábito das famílias de elite, sobretudo aquelas com ascendentes na política, frequentarem periodicamente o espaço urbano carioca. Esse hábito pode ser verificado na dissertação de Paula (2008) que, ao analisar as cartas da Baronesa (Amélia) para suas filhas, relata um velório no Rio de Janeiro que descreve a expressiva quantidade de pelotenses por lá: “Quasi toda colônia Rio Grandense compareceu. Foi esta, uma nota triste, para os hóspedes d'este hotel, que está cheio de pelotenses” (PAULA, 2008, p.48 - Carta da Baronesa, Rio de Janeiro, 14 de julho de 1909).

No passado, o Rio de Janeiro foi um polo de encontro das elites brasileiras, tanto pelo viés político, devido ao seu histórico enquanto capital do império, como também o local onde houve investimentos da corte para um melhor usufruto do espaço, que até então era precário. Logo, tornou-se um cartão de visitas para todas as elites regionais do Brasil. Conforme demonstrou Jonas Vargas (2013), a família Tavares possuía significativa vinculação com o Rio de Janeiro, seja pelo fato de ocupar importantes cargos na política central, seja pela notável acumulação de títulos de nobreza, conferidos pelo Imperador ainda no século XIX.

No século XX, e especialmente na metade dessa década, as elites continuaram a manter contato com o Rio de Janeiro, não mais em um sentido político, mas agora para usufruir de divertimentos. O Rio foi a capital do Brasil até os

anos 1950, e as famílias de maior riqueza, poder e prestígio social provavelmente tinham na cidade um espaço de lazer e sociabilidade muito mais distinto e atrativo que os seus locais de origem. A cidade do Rio de Janeiro era considerada, durante esse período, a melhor cidade: disponibilizava todos os lazeres e meios de consumo do mundo civilizado, e Clarice menciona esse apreço à cidade sempre que a temporada de veraneio estava próxima:

Isso que é cidade onde ninguém se preocupa em comer, dormir e fazer necessidades biológicas só em se divertir. Vida ativa, clubes, bailes, competições, etc (10 de junho de 1954).

Julia O'Donnell (2013), antropóloga que estuda o cotidiano da elite em Copacabana (1950), nos ajudou a esclarecer que os locais de lazer e sociabilidade de Clarice no Rio de Janeiro se configuram como espaços de sociabilidade da elite carioca. Segundo O'Donnell (2013) a praia, a missa e os clubes eram espaços de costume da elite cilense²⁸. E no caso de Clarice, sua estadia no Rio de Janeiro se configurava nesses três espaços:

Arrumei-me e fui à missa das onze na igreja Nossa senhora de Copacabana, fomos a praia todos tomar banho nas águas verdes da Guanabara. Telefonei a Yara Maria e combinamos ir na quinta da Boa Vista²⁹. Andamos na montanha Russa muitas vezes no chicote Maluco e Americano no Auto-Pista fiz um fiasco sem igual peixadas em todo mundo. Saímos dali 6 e pouco andamos, andamos e andamos todo mundo a lamentar-se e nós a fazermos escravos de jó e a contar gato pelado. Encontramos com a mamãe e fomos jantar na “Cantina Capri” e depois fomos ver “A rainha do ferro Velho” no Serrado³⁰ com Eva Tudor” (10e junho de 1954).

Quarta-feira

Compras. Fomos ao Fluminense tomar um banho de piscina uma maravilha depois fomos ver no Ipanema ver “A Rainha de Sabá” com Leonora Rufo (10 de junho de 1954).

Na obra de O'Donnell (2013), a igreja, enquanto um espaço de sociabilidade da elite carioca, se torna relevante pela sua própria localidade. Sua proximidade às residências dos cileneses proporcionava o conforto para essa elite ir e vir de suas casas até as missas expondo seus trajes chiques. Embora a prática da religiosidade

²⁸ Elite pertencente a Copacabana.

²⁹ Parque municipal no Bairro Imperial de São Cristóvão, localizado na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro.

³⁰ Teatro Serrador, na Rua Senador Dantas, 13, ao lado da Cinelândia, no Centro do Rio.

católica fosse um valor importante para as elites, O'Donnell (2013) enfatiza que ela não era suficiente para a diferenciação que esse grupo buscava diante dos outros:

Apesar de constituir um elemento central à construção daquele discurso identitário, a ida à igreja não representava um distintivo daquelas famílias frente ao quadro abrangente das elites cariocas. Era, assim, no espaço da praia que a aristocracia da CIL exercitava seu diferencial, marcando lugar nos mapas espacial e social da capital republicana (O'DONNELL, 2013, pos. 2010).

A praia, enquanto um espaço de distinção social, foi o local que a elite carioca se apoiou. Segundo O'Donnell (2013): “A praia entrara, definitivamente, para o rol dos espaços privilegiados da sociabilidade elegante, rivalizando em pé de igualdade com os mais tradicionais pontos de rendes-vous carioca (como o Jockey, a avenida Central ou até mesmo o Teatro Municipal)” (O'DONNELL, 2013, pos. 2053). Antes da praia se tornar um espaço de lazer, existia um discurso médico que abominava os banhos de mar. A justificativa para isso estava na insalubridade da água e as doenças que esse contato poderia manifestar em quem se banhasse. “A partir de 1930, a tendência era enfatizar, no tempo livre, a prática de atividades de “grande alcance moral e higiênico”, com destaque em lazeres que envolvem um estilo de vida saudável. É quando os banhos de mar e os esportes ganham mais atenção” (O'DONNELL, 2013, pos. 3000).

A evolução de estudos científicos desassociou o banho de praia como perigoso para saúde e difundiu o incentivo do banho de sol e mar como positivo para as pessoas. “A partir de então, frequentar praias para entrar na água passaria a ser uma nova possibilidade de convívio social, usufruída também pelas mulheres” (O'DONNELL, 2013, pos. 3000).

As revistas cariocas ajudaram essas associações sobre a praia como espaço de lazer, e em especial como espaço das elites. Através de fotografias, o footing propagava a ideia de passear também nas ruas da praia ou sob a areia. O'Donnell (2013) cita, por exemplo, a Revista da Semana, como uma entre as principais difusoras da propaganda da praia como espaço da elite Cilense. Esse periódico era uma entre várias revistas Clarice lia, e somente tivemos informações sobre essa revista através da pesquisa de O'Donnell (2013). Sobre as revistas cariocas e suas publicações sobre a praia, a autora afirma que:

Não menos revelador é fato de, naquela década, não haver revista moderna carioca que de dezembro a março não publicasse ao

menos uma foto de grupos elegantemente reunidos na areia, em situação de sociabilidade e sem alusão a banho de mar (O'DONNEL, 2013, pos. 2035).

Quando falamos sobre o conteúdo das revistas lidas por Clarice, explicitamos como esses meios de informação eram capazes de divulgar padrões de beleza e comportamento femininos. Devido a esse ser um ambiente de grande exposição do corpo, as revistas indicavam os tipos aceitáveis de corpos e trajes para socializar nas praias. Para as mulheres da elite, se a ida a igreja era uma grande exposição de elegância dos seus melhores trajes, na praia o corpo esbelto era uma premissa:

Com uma rede de sociabilidade marcadamente remetida ao espaço praiano, os aristocratas de Copacabana atentavam para as “boas qualidades plásticas”, que se traduzia tanto na adesão aos trajes da moda quanto na atenção à construção de corpos igualmente legitimados pelos padrões internacionais de saúde e de beleza (O'DONNEL, 2013, pos. 2393).

Segundo Miguel e Rial (2013) no século XIX “os banhos de mar femininos eram cercados por regras que iam desde a definição dos trajes de banho (compostos por camisa e calça) até a de horários específicos para a atividade” (MIGUEL; RIAL, 2013, pos. 3000). Já no período de Clarice, a aceitação aos trajes de banho se tornam mais flexíveis, sem, no entanto, extinguir certas restrições: aquelas que utilizassem vestes fora do padrão difundidos pelas revistas eram “acusadas de escandalizar as pessoas de bem”

Meses antes do veraneio no Rio de Janeiro, Clarice inscreve nos seus diários preocupações com seu corpo. Esses sentimentos aumentavam sempre que as férias no Rio de Janeiro se aproximavam, de maneira que ela iniciava regimes mais rígidos ou apelava para a dimensão espiritual: “Não quero chegar no Rio gorda vou fazer uma novena para Nossa senhora para não ser tão sem caráter” (25 e maio de 1954).

As constatações de O'Donnell (2013) sobre o discurso da moda e dos corpos nas revistas cariocas, em especial aqueles lidos por Clarice, nos ajudam a confirmar o que já discutimos anteriormente - o impacto da mídia sobre a beleza e como isso afetava a autoestima das mulheres. A autora fala que eram sugeridas pelas revistas práticas desportivas para o alcance de um modelo de corpo essencialmente influenciado pela cultura do cinema americano:

Não mais exclusivamente ligados aos ditames da higiene, a educação física e os esportes passavam a ser consumidos como elixires de beleza e modernidade, capazes de lançar seus adeptos às

glórias do progresso. Dez minutos de ginástica diária, ao sol, dá as moças de Copacabana esta plástica venusina: as moças eram incentivadas a fazer exercícios não apenas pela boa saúde, mas também por que a harmonia do corpo passava a indicar status (O'DONNELL, 2013, pos. 2408).

Além da praia e da missa, os clubes sociais também eram locais da elite carioca. Sobre essas associações, Claudia Mattos (1997) explana que o quadro social desses ambientes era composto por famílias, e os frequentadores geralmente os jovens. Nesse sentido, o clube Fluminense é a associação que Clarice frequentava no Rio de Janeiro. O nome correto dessa associação foi denominado por Mattos (1997) como “Fluminense Football Club”, e sua origem tem relação ao esporte:

Um clube fino e requintado no qual as melhores famílias da cidade podiam se confraternizar, desfrutando de uma belíssima sede com salões decorados com imensos vitrais franceses, e assistindo ou praticando um esporte saudável e civilizado vindo da Inglaterra (MATTOS, 1997, p. 50).

Segundo O'Donnell (2013), os clubes sociais no Rio de Janeiro possuíam “uma identidade fortemente ligada ao mundo praiano”. Sobre as associações dessa cidade, não nos deteremos com profundidades, pois são os clubes sociais pelotenses os espaços de maior contato de Clarice. Nossa intenção em falar sobre o Rio de Janeiro como espaço de sociabilidade e lazer de Clarice tem o objetivo de apontar que, para além dos espaços sociais das elites da cidade de Pelotas, viajar e passar temporadas nessa cidade compunham um valor também associado a uma elite pelotense. Veranejar no Rio de Janeiro era uma demonstração de que esses tinham condições de se locomover e hospedar em uma cidade referência na época, prevalecendo os mesmos hábitos de outrora e frequentando espaços referenciados ao mesmo grupo social.

5 Sociabilidades nas Associações Recreativas

No dia 9 de maio de 1954, Clarice completou quinze anos: “Hoje coroando com êxito os esforços de mamãe, dei no palácio do Comércio um chá em honra de mim mesma. Pois bem o mereço sem dúvida alguma, não somente pelo fato de os meus méritos naturais o reclamarem, como pelos meus dois anos e meio de prisão voluntária.” Se o ciclo de 15 primaveras foi o primeiro passo para trazer a materialidade da escritura dos diários, também significou o início da vida social de Clarice na sociedade pelotense. Neste capítulo apresentaremos que após o *debut*, sua vida social aumentou, trazendo para seu cotidiano bailes, concursos de beleza, desfiles de moda, bailes de carnaval nos Clubes e nas ruas da cidade.

Dessa maneira, interpretaremos os bailes nos Clubes sociais como espaços de lazer das moças de elite. Essa nova realidade na vida de Clarice imprimia uma série de cobranças/expectativas da sociedade para com ela; exemplo disso foi a continuação de seu relato sobre seu aniversário. Clarice, após narrar os convidados presentes na ocasião, concluiu afirmando: “Esforcei-me para me portar bem. Procurei agradar aos velhos por que aos moços é perigoso”. Os sentimentos de Clarice nesses espaços serão situados de acordo com as angústias que ela sentia durante as tentativas de criar relacionamentos amorosos.

5.1 Vivo sonhando com o baile da primavera, pois vou debutar: os bailes sociais e as mulheres nesses espaços

A vida social das moças na década de 1950 começava quando essas completavam 15 anos. “Aos 14 ou 15 anos muitas meninas participavam dos bailes de debutantes onde eram oficialmente ‘apresentadas a sociedade’” (AREND, 2013, pos. 1339). Esse momento significava a passagem da infância para a mocidade, e o baile representava uma maneira formal das “famílias de bem” apresentarem suas filhas. Para as elites, debutar em um Clube social onde a classe econômica das famílias era elevada, representava “uma oportunidade para cada menina mostrar seus atributos, sua beleza, sua educação, sua simpatia e sua riqueza, ou seja, sua forma diferenciada de ser” (PELISSARI, 2012, p. 78).

O objetivo das mulheres, nesse contexto, era casar o mais rápido possível. Para as elites, era de extrema estima que essas moças tivessem contato com homens de *status* social equivalente ou superior. Para a família burguesa, “o casamento entre famílias ricas e burguesas era usado como um degrau de ascensão social ou uma forma de manutenção do *status*.” (D'INCANO, 2015, p. 229). Dentro de um núcleo familiar, mesmo que os homens fossem os provedores e figuras principais dessa instituição, eram as mulheres, através de sua conduta, que atribuíam valor à posição social desses homens – isso significa que os comportamentos e valores culturais de uma mulher precisavam ser desenvolvidos e preservados na passagem da infância para mocidade.

Embora o matrimônio fosse visto como destino natural para as mulheres, não significa que essa passagem ocorria de forma tranquila. Dias após completar as quinze primaveras, Clarice colocava em voga o que esse momento repercutia para si: “Custo acreditar que 15 anos sempre significa alguma coisa, acho que ei de me sentir sempre uma criança grande (13 de maio de 1954). Dessa maneira, não é estranho verificar que, para Clarice, o baile da primavera tornava-se um momento importante, pois agora, mais do que antes, ela estava não apenas disponível e habilitada a ter uma vida social mais movimentada, como também tinha o objetivo de construir uma relação amorosa. Uma passagem do diário mostra que no ano de seu aniversário ela não debutou em um Clube social:

Foi-se o baile da primavera e eu não debutei. Que dia bom deve ser o do nosso *debut* porém daqui que chegue o meu muitas águas hão de rolar e certos exames hão de passar”. A minha perdição é dormir e ler pois faz com que eu me ausente deste pobre mundo que tanto precisa de mim (19 de agosto à 25 de setembro).

Quatro páginas antes de Clarice falar sobre o não-*debut*, ela menciona primeiramente a dúvida sobre a possível morte do seu tio: “Tio Antônio estava muito doente, tenho medo que ele tenha morrido, se é que morreu?” (19 de agosto de 1954). Mais tarde, sem informar com exatidão a data, anuncia a morte de seu tio, relatando seus sentimentos por ele e fazendo uma descrição de sua personalidade. Acreditamos que Clarice não debutou em 1954 em decorrência do falecimento de um membro da família. Contudo em 1955, de acordo com uma entrevista com Lucia Helena Brauner, o *debut* de Clarice aconteceu. Lucia Helena era amiga de Clarice no período em que o diário foi escrito. Segundo ela, ambas as famílias eram amigas

e tinham apreço pela amizade das duas. Na época em que Clarice tornou-se Rainha do carnaval do Clube Brilhante, Lúcia Helena fazia parte de sua corte. As fotografias aqui presentes foram doadas por essa senhora, e é por essas fontes que tivemos a oportunidade de acessar ao passado e ver quem eram os rostos presentes no Bloco de carnaval de Clarice, assim como também os trajes e fantasias que vestiam nessas festividades. Lucia Helena foi uma de nossas entrevistadas que mais colaborou com a pesquisa; abaixo podemos ver um folder do *debut* do Clube Brilhante de 1955, doado por ela, em que o nome de Clarice consta:

Figura 5: Folder das debutantes do Clube Brilhante, outubro de 1955



Fonte: Arquivo pessoal de Lucia Helena Brauner.

O Souza do Brilhante convidou-me para debutar e eu vou. Mamãe tem a ideia de me fazer debutar no Clube Comercial. Estou louca que chegue o dia, pois tenho certeza que ele estará lá (21 de agosto de 1955).

Baile da Primavera- Cheguei 10:30 fui tirar as fotografias. No começo não dancei, mas logo chegou o Juca, dancei até as 2:30 até que Georgete se agarrou nele. E fiquei e fico com tanta raiva que nem posso escrever (sem data).

Debutar em clubes como Brilhante, Comercial e Diamantinos correspondia a associações das elites da cidade. Sobre os clubes Brilhante e Diamantinos, discorreremos adiante quando falarmos sobre o carnaval, pois essas associações tiveram maior ênfase em nossa pesquisa nessa festividade. No que tange ao Clube Comercial, o autor Álvaro Barreto faz menção a essa associação como uma entre os “mais prestigiados recintos da cidade” (BARRETO, 2011, p. 241). Nos arquivos

pessoais de Clarice encontramos uma fotografia sobre o momento da valsa de seu *debut*. As fotografias estarão presentes nessa dissertação no decorrer dos assuntos tratados; elas nos serviram como fonte histórica e “gatilhos de memória” na feitura das entrevistas. Sobre a fotografia como fonte histórica, Ana Maria Mauad (1996) indica que a metodologia histórica-semiótica para o tratamento de imagens deve ter um olhar crítico. Essas fontes devem ser interpretadas como um produto social que tem o intuito de comunicar significados, “dentro desta perspectiva, a fotografia pode, por um lado, contribuir para a veiculação de novos comportamentos e representações da classe que possui o controle de tais meios, e por outro, atuar como eficiente meio de controle social, através da educação do olhar” (MAUAD, 1996, p.11)

Figura 6: Valsa do baile de debutantes do Clube Brillhante



Fonte: Arquivo pessoal de Clarice Tavares Xavier, data não informada.

“Depois de sua apresentação as debutantes dançavam a primeira valsa com seu pai oficializando a passagem para a vida adulta. Após esse momento, o baile seguia animado pela orquestra e os convidados também poderiam dançar e se divertir” (PELLISSARI, 2013, p. 77). Essa descrição se aplica ao momento da foto acima. Na imagem, o par à direita, cujo homem está de costas, é o pai de Clarice dançando com ela. Nos relatos de Clarice sobre esse dia, ela demonstra a ansiedade de encontrar “ele” no baile. Percebemos que, ao que tudo indica, após a

valsa, sua empolgação foi logo descartada quando Georgete dançou com seu amado. Segundo relatos orais, dançar com alguém tinha um grande peso para a autoestima de uma moça. Pelissari (2012), ao dissertar sobre os bailes da elite em Rio Grande na década de 1950, também exprime que esse ambiente era uma importante forma de sociabilidade para construção de relacionamentos:

O baile era o momento de exibir-se, era o evento para a qual deviam ser usadas as melhores roupas e o penteado da moda.; no qual os homens poderiam mostrar sua distinção no trajar e as mulheres sua elegância e beleza; onde os namorados aproveitavam a oportunidade de conversar mais de perto; onde o rapaz tirava a moça para dançar e conversava com ela mostrando seu interesse [...] (PELISSARI, 2012, p. 72).

Diversas outras passagens dos diários mostram que as paixões são voláteis e ao mesmo tempo intensas. Elas nascem e morrem na medida em que acontecem encontros nos bailes sociais, principalmente através das danças. Sempre que um festejo estava próximo de acontecer, nascia a esperança de encontrar algum flerte ou conhecer uma nova pessoa. As paixões de Clarice são diversas no decorrer do diário, e em outros trechos que apresentaremos, o leitor perceberá o interesse dela em diferentes nomes, assim como também novas decepções ao ver seus flertes dançando com outras moças:

Onde estará Juca meu amor extinto. Tenho saudade do tempo que passava cuidando os quilos e com o coração doente por causa dele, pelo menos meu coração estava cheio do que agora... de uma vez por todas com um jato de água fria. A Bere estava gostando dele e eu comecei a olhar para o Ortiz, com este a paixão durou 2 ou 3 dias e eu desconfiava que a Liliana estava atralhando. Acontece que nós somos 2 tipos completamente diferentes, eu sou gorda e ela é magra, eu sou morena e ela é loura e claro que o tipo dela é mais favorável que o meu e por isto no baile infantil do Brilhante eles estavam agarradinhos, ela venceu por isto já me declaro vencida. Hoje estou com queda ... no entanto devo garantir que no mesmo baile não chorei como quando com o Juca. Hoje sem nenhum interesse amoroso encerra-se o ciclo. Sempre venho esperando do que gostar porém estas ilusões deram ... e mesmo assim me agradam pois fico ignorando mais ainda as diferenças que existem entre os temperamentos daqui de casa e a falar a verdade modéstia parte eu sou a mais certa de todas estas confusões (26 de dezembro de 1955).

O baile de São João foi mais ou menos bom, atualmente não estou interessada especialmente em nenhum rapaz em particular. O Jorge que durante algum tempo teve a minha predileção ardente, vi que a força do hábito é maior que muitos sentimentos, pode ser até que eu não esteja bem fusta, talvez ele goste mesmo da Liliana. Quanto ao

Álvaro Jaime, está mais que antipático, aliás eu acho até prejudicial eu não estar interessada por ninguém porque o amor é tão necessário ao coração quanto a comida ao estômago (06 de julho de 1956.)

De amores vou mal, gostei tanto do Jorge e do Juca e como não fui correspondida creio que meu coração secou. Andei tentando com José Luiz Mendonça, porém ainda não me manifestei, e também o Marcelo que já foi namorado da Edelma Zabaleta (15 de julho de 1956).

Nas falas de Clarice, é explícito os rápidos descartes quando suas paixões não são correspondidas. Se o romance com Juca lhe causava saudade de suas preocupações com a aparência (os quilos), com Ortiz parece que o sentimento não prevalecia. Esse sentimento tão intenso vivido pela juventude pode ser historicamente datado e denominado como “amor romântico”. No romantismo, “o amor parece ser uma epidemia. Uma vez contaminadas, as pessoas passam a suspirar e a sofrer ao desempenhar o papel de apaixonados. Tudo em silêncio, sem ação, senão as permitidas pela nobreza desse sentimento novo: suspirar, pensar, escrever e sofrer” (D'INCANO, 2015, p. 234). Logo, a impossibilidade de dançar com seus amores tornava distante os romances tão sonhados. E é notório perceber a importância do ato de dançar para essas aproximações, “[...] O conteúdo da música, escolhida e cantada, quanto a maneira de dançar - negando e consentindo - podia traduzir sentimentos. Era possível, portanto, comunicar nessas oportunidades afetos e gestos amorosos” (DEL PRIORE, 2012, pos. 2002). Dessa maneira, visto que o baile era o momento propício para exercer e construir essas relações, Clarice expõe os problemas com sua autoimagem. Devido ao seu padrão de beleza não corresponder ao ideal da época, existia uma constante preocupação em não “fazer renda”. Esse termo era usado para toda moça que não fosse chamada para dançar durante os bailes. Fazer renda era um estigma que ninguém gostava de carregar. Abaixo temos as falas em que ela expressa isso:

Passei o dia a me preparar para o baile do Ano novo. Maria da Graça resolveu ir ao baile. Pouco antes do baile o Bonery foi nos visitar, já tenho certeza de não fazer renda. Fiquei pulando duas horas no fim das quais quedei mais cansada que a burrica da fábula. Dancei um pouco com o Bonery e tirei retrato com o pai e a mãe (1º de janeiro 1955).

O baile esteve bom, pois dancei quase toda noite. Primeiro comportei-me bem e depois a carraspana a cabeça comecei a falar

demais. Dancei com um tal de Hipólito feio, mas na falta de hoje (4 de dezembro de 1954).

O baile de Aleluia foi um verdadeiro fracasso, mas eu dancei todo o tempo com um tipão alinhado Moacyr Santos estuda geografia e História na faculdade de Filosofia e trabalha nos correios e telégrafos. A primeira referência eu espalhei a segunda não (7 de abril de 1956).

Anteontem fui a uma reunião no Clube. Estava um espetáculo. Dancei todo o tempo com um homem feio ainda não estou em forma pra caçar um bonito, preciso emagrecer uns 10 quilos até o baile da primavera (19 de agosto de 1954).

Como já afirmamos, as passagens acima mostram que era preocupante “fazer renda” durante os bailes, de tal forma que dançar com qualquer moço seria mais reconfortante que ficar sozinha. Podemos analisar que os homens com os quais ela dançou não eram exatamente os perfis de pretendentes que buscava. Por questões econômicas, fica explícito que o estudante de História e Geografia era interessante por ser uma pessoa em busca de qualificação na universidade, porém não era vistoso dizer que trabalhava em um emprego não muito digno aos olhos do grupo social que ela estava inserida:

O bom partido era o rapaz honesto e trabalhador, capaz de manter a família com conforto. (...) Uniões em que houvesse diferenças de classes, problemas familiares e dificuldades financeiras não tinham garantia de dar certo, nem com muito amor (DEL PRIORE, 2012, pos. 4943).

Também havia aqueles que não correspondiam ao ideal de beleza que ela gostava. Denise Bernuzzi de Sant'Anna (2014), ao explicar sobre homens belos e homens feios conclui que a beleza em um homem correspondia à virilidade e masculinidade: “o homem belo rima com a imagem de um ser fogo” (SANT'ANNA, 2014, pos. 1097); “o homem belo devia expressar uma boa dose de rudeza e destemor diante das forças da natureza” (SANT'ANNA, 2014, pos. 1105). Os homens feios seriam aqueles que não possuíam harmonia em seus traços, mas tornavam-se mais feios se não tivessem masculinidade: “O homem feio tende a ser centenas de vezes pior se o seu corpo mostrar fraqueza” (SANT'ANNA, 2014, pos. 1121). O charme e talento seriam as armas que esses homens deveriam usar para compensar a falta de beleza, tornando-se, assim, “feios charmosos”: “densidade de um passado vislumbrada no modo de olhar; no gesto de levar o cigarro à boca, no

ligeiro toque dado ao chapéu e na elegância impecável da vestimenta” (SANT'ANNA, 2014, pos. 1147).

A ideia do sucesso de Clarice para “caçar” homens bonitos estava unicamente garantida a partir do seu esforço para “emagrecer”. Como já discutido sobre a autoestima de Clarice, vemos aqui que “a feiura masculina usufruiu de maior aceitação do que a feminina” (SANT'ANNA, 2014, pos. 1113). Sant'Anna (2014) mostra que haviam maneiras de os homens contornarem a feiura através de atitudes. No entanto, para as mulheres, “as relações amorosas passam, pois, por excessivos cuidados com a aparência, o peso, a beleza, a maneira de vestir” (DEL PRIORE, 2012, pos. 5290). Logo, se sua aparência não correspondia aos padrões estéticos femininos, os pretendentes charmosos ficariam apenas em seu imaginário. Para mudar esta realidade, seria necessário que emagrecesse e se enquadrasse nos padrões de beleza ideais para então arranjar um homem atraente.

Sobre os bailes, outras passagens dos diários nos dão noções de como essas festas aconteciam. O Clube Diamantinos tinha referência de ser um ambiente que oferecia bailes dançantes com variados estilos musicais. A pesquisa de Pelissari (2012) informa que em Rio Grande muitas orquestras internacionais visitavam a cidade. Em Pelotas não temos informações sobre quais grupos musicais animavam os clubes sociais. Abaixo Clarice nos informa as orquestras internacionais que visitavam a cidade, assim como o estilo desses grupos musicais. Novamente percebemos que ela prezava em dançar com alguém nessas festividades:

[...] Sábado fui a uma reunião no Diamantinos fiz renda e tomei um porre. Saímos cedo por que o papai e eu estávamos resfriados. O Carucio dançando agarrado com a Fany e a Helena Lozano com o maluquinho (Osório) e a Marey desolada num canto invejando minha renda e minha mocidade (26 de outubro de 1954).

Ontem fui ao baile nos Diamantinos com meu casaco de pele, meu vestido azul marinho, minha amiga Heloisa e meu pai. Dancei um pouco como o pai e fui para o mostruário, porém tão ... não me tiraram, estava me acompanhando a mesma “magrinha” do Comercial. Ele estava lá, porém não me tirou. No fim finquei o olho num e ele me tirou. Dancei com ele até o fim do baile. Depois fomos buscar os casacos e foi um fubá medonho, pois misturaram os casacos de tal modo que de todos os jeitos alguém tinha de procurá-los. Achei o meu e finalmente vim para casa. A orquestra de mulheres cubanas era muito barulhenta, mas boa no seu gênero. As moças eram quase todas mulatas de cabelo liso. Usavam o cabelo lá em cima numa cola que começava por uma trança dava um nó e caía sobre os ombros. A magrinha que era cantora de boleros tinha uma malha loura e as suíças cortadas. Todas carregavam os olhos de

pintura até o ultimo. O Brody estava lá com uma guria que eu não conheço (22 de agosto de 1955).

Segunda feira o baile foi ótimo, fui com a Gislaine e o papai. Dancei bastante graças a Deus. Saímos as 5 com as pernas a dor a beça. O show constava com uma cantora que cantou um tango, um mambo e um bolero e uma bailarina espanhola. A orquestra era Los Calejales e tocava muito bem. A outra orquestra era típica e portenha e por isto encheu-nos de tangos e milongas (2 de maio de 1956).

Sobre as regras de comportamento desses ambientes, existem poucas menções de Clarice a respeito disso. No relato acima vemos que ela “tomou um porre” em um baile no Clube Diamantinos – existem outras passagens do diário em que ela também diz ingerir bebida alcoólica nas festas. Essa atitude estava na contramão de um comportamento de “moça de família”. Apesar disso, Clarice tentava manter bons comportamentos com os moços que flertava, e no excerto a seguir temos um exemplo disso: “Hoje me encontrei com o Brody no Clube Comercial, ele queria pegar minha mão, mas eu não sou boba. Dureza, minha filha. Só deixo o gostinho” (21 de abril de 1955). Del Priore (2012) indica que era de responsabilidade das moças evitar contatos mais íntimos com os rapazes. Permitir avanços masculinos poderiam destruir a reputação de uma moça, pois os homens lembrariam dessas atitudes para rotular as moças, e serviriam de assunto para fofocas e possíveis descartes em relacionamentos sérios.

Nos bailes, evento sociais ou encontros com os rapazes, era uma norma que as moças fossem acompanhadas pelos pais ou com algum amigo íntimo da família. Não era permitido que fossem sozinhas, e era necessário que se mantivesse o ambiente familiar respeitoso. Pinsky (2014) menciona essas moralidades ao explicar sobre o comportamento das moças de família: “Conforme determinam seus pais ou responsáveis, em ocasiões como bailes, encontros, viagens, passeios, a ‘moça de família’ deve estar acompanhada por um parente ou ‘alguém de confiança’ (vizinhos, tias, amigas de mãe) que garanta sua reputação” (PINSKY, 2014, pos. 798). Dançar com os rapazes também tinha certas restrições. Del Priore (2012) menciona que as revistas femininas da época criticavam lazeres como cinema e os bailes, pois eram momentos propícios para “danças que permitem que se abusem das moças inexperientes” (DEL PRIORE, 2012, pos. 4895).

Em suma, o que nos propomos a mostrar aqui são os primeiros contatos da vida social de Clarice após as quinze primaveras e o baile de debutantes. Suas memórias estiveram majoritariamente descritivas sobre os moços que ela estava

interessada e seu sucesso ou insucesso em dançar nos bailes. Na seção a seguir, permaneceremos falando sobre esses ambientes, contudo dissertando sobre os bailes de carnaval nos Clubes e também nas ruas da cidade.

5.2 *Eis que desprezei meu diário durante esse tempo todo. Durante todo esse tempo estive preocupada com a corte, tenho saído todos os sete dias com a Heloisa para tratar de coisas a respeito de fantasias: O carnaval de rua e nos bailes sociais*

Durante os carnavais, os dois principais clubes sociais da época eram Diamantinos e Brilhante. Segundo Álvaro Barreto e Fernanda Oliveira da Silva (2012), o Clube Diamantinos foi fundado em 8 de abril de 1906 por membros do Clube Caixeiral. Inicialmente, devido à falta de uma sede própria, as atividades do Clube aconteciam em diversos lugares. Em 1917 o clube conquistou sede própria, localizada na Rua Gonçalves Chaves, nº. 956, finalmente inaugurada em 15 de novembro de 1941. O Clube Diamantinos teve seu reconhecimento na cidade de Pelotas especialmente por causa do carnaval. O principal objetivo do Clube era o carnaval e sua importância quanto a isso se deveu a uma renovação do carnaval como:

Atividades desenvolvidas no período extra-folia, intensificadas a partir de dezembro, mas mantidas o ano todo, estava a coroação da Rainha, recepção ao Rei Momo, passeios burlescos nos finais de semana anteriores ao Carnaval e apresentações de músicas em salões e teatros da cidade (BARRETO; SILVA, 2012, p. 80).

Segundo Barreto (2012), o Clube Brilhante era a principal agremiação rival do Diamantinos. Sua fundação data de 12 de março de 1911 por sócios do Clube Caixeiral. Seu surgimento se deveu a um conflito com o Clube Carnavalesco Diamantinos. “Por isso, o nome remete à ideia de um “diamante lapidado” (BARRETO, 2012, p. 78). Igualmente ao Diamantinos, esse clube também tinha objetivos carnavalescos e promovia bailes e desfiles com carros alegóricos no centro da cidade. Embora tivessem ajudado na consolidação do carnaval, suas atividades tiveram maior enfoque em bailes de salão e na festa de coroação da Rainha. A partir de 1942, o Clube deixou de ser exclusivamente carnavalesco e atingiu um patamar

alto na sociedade pelotense ao investir em uma sede com infraestrutura para esportes e lazer.

Os diários de Clarice indicam maior circulação no Clube Brilhante devido ao fato de que ela foi nomeada pela direção do Clube como Rainha do Carnaval. O carnaval era um dos momentos do ano em que a preocupação em criar fantasias acontecia com maior intensidade. Os diários mostram que ela permaneceu, do ano de 1955 até 1956, com o título de Rainha do carnaval do Clube Brilhante – logo, esse título fez com que sua participação em diversos clubes se tornasse obrigatoriamente mais recorrente do que o usual. Sobre sua nomeação, Clarice relata o dia em que houve o desfile para concorrer à coroa de Rainha da Primavera. Segundo ela, Nailê Russomano foi escolhida com o Rainha da Primavera, e ela convidada pela direção do Clube Brilhante para ocupar o cargo de Rainha do Carnaval:

Logo nos momentos mais felizes sempre esqueço o meu diário. Meu vestido que o Tod fez estava mui lindo, fiz uma grande pose ao passar, mas chegaram a elegeram a Nailê Rainha da primavera dos Brilhante mas me convidaram para Rainha do carnaval, o que foi muito melhor. Depois houve a festa da Nailê muito farta e bonita (23 de outubro de 1955).

Lucia Helena relatou que a escolha da Rainha da Primavera acontecia mediante uma votação dos sócios do Clube, e que no caso Nailê teria sido a mais votada das candidatas. O estudo de Sant'Anna, ao dissertar sobre os concursos de títulos em Clubes afirma que:

Geralmente, as candidatas eram votadas por seus colegas mais próximos, para um certame mais amplo que ocorria acompanhado de bailes, jantares e outras festividades, onde, mais que a escolha de uma Rainha da categoria, eram estreitados laços de coleguismo, entre os presentes (SANT'ANNA, p.2005, p. 475).

Portanto, se pressupormos que Nailê foi escolhida mediante esses atributos, temos em Clarice uma nomeação que não aconteceu pelo voto, mas sim pela vontade do Clube Brilhante em convocá-la como Rainha do carnaval. Dessa forma, é possível que esse convite tenha ocorrido em decorrência das relações pessoais de Clarice com a direção do Clube e também pelo seu prestígio social. O convite dos Clubes para Rainha também acontecia diante da certeza de que essas moças teriam condições econômicas e tempo para se dedicar na representação do Clubes nos

eventos sociais. Essas festividades envolviam um gasto econômico com roupas e deslocamentos que a própria moça titular deveria arcar.

Sobre essas coroações, encontramos nos arquivos de Clarice fotos desses momentos. As duas fotografias abaixo são referentes à coroação de Clarice como Rainha do carnaval do Clube Brilhante. Essa cerimônia acontecia na presença das antigas rainhas, princesas e duquesinhas, onde essas passavam para as novas coroadas o título. Como podemos ver na primeira foto, Clarice está recebendo a coroa da antiga Rainha. Na sua frente está a duquesinha, que representava um título para as crianças, e nas laterais estão os homens devidamente trajados de terno e as mulheres de vestido branco, que representam a corte formada por Clarice. Na segunda foto, temos como de costume a valsa com algum membro da diretoria do Clube. A valsa representava as boas-vindas à nova Rainha e marca a passagem desse novo título à moça. Na última foto, estão alguns dos integrantes da corte de Clarice após a coroação da mesma. Podemos notar que os vestidos das moças não são iguais, mas seguem os padrões da moda “New Look Dior”: vestidos acinturados que valorizam as curvas e o busto.

Figura 7: Coroação de Clarice ao título “Rainha do Carnaval” do Clube Brilhante



Fonte: Arquivo pessoal de Clarice Tavares Xavier, sem data informada.

Figura 8: Valsa de coroação do título “ Rainha do Carnaval” do Clube Brilhante



Fonte: Arquivo pessoal de Clarice Tavares Xavier, data não informada.

Figura 9: Corte de Clarice Clube Brilhante



Fonte: Arquivo pessoal de Clarice Tavares Xavier, data não informada.

Sobre essas cerimônias, tivemos a oportunidade de esclarecer como funcionavam as coroações desses títulos com Carmem Machado dos Santos. Essa

senhora de 75 anos de idade, professora aposentada e mãe de 3 filhos, ao contar sua história de vida, relatou ter conhecido Clarice devido a sua amizade com a irmã da mesma. Elas possuem uma diferença de 3 anos de idade e vivenciaram os mesmos espaços sociais sobre os quais iremos dissertar aqui. Carmem era sócia do Clube Diamantinos e ao contar suas vivências, relatou sobre os títulos sociais que recebeu como “Rosa Diamantina” e “Duquesinha”. Durante a entrevista, Carmem mostrava fotos de recordação da época em que fora nomeada a esses títulos. O ato de pegar as fotos para lembrar as coroações é parte do “gatilho de memória” que a fotografia proporciona. Essa é uma técnica metodológica do pesquisador que trabalha com História oral e foi abordado por Paulo César Boni (2014), em um livro que reuniu pesquisadores que expõem suas experiências através da utilização da fotografia. Esse ato de rememorar o passado através das fotografias é também explanado por Kossoy (2002):

Quando apreciamos determinadas fotografias nos vemos, quase sem perceber mergulhando no seu conteúdo e imaginamos a trama dos fatos e as circunstâncias que envolveram o assunto ou a própria representação (o documento fotográfico) no contexto em que foi produzido: trata-se de um exercício mental de reconstituição quase que intuitivo (KOSSOY, 2002, p. 132).

Esse exercício de imaginação, explanado por Kossoy (2002), foi realizado durante a entrevista com Carmem. O relato abaixo é um exemplo de que a fotografia serviu para que ela pudesse reconstituir como eram as coroações que ela vivenciou. Sobre a troca de títulos, ela explicou como funcionavam as cerimônias:

Isso aqui, quando me fizeram o convite, essa moça aqui era Rainha, então foi na casa dela onde eu estava que me fizeram o convite. Aqui foi uma menina que foi Duquesinha antes de mim e ela já morreu, ela era médica agora, já morreu, era uma pessoa muito querida, muito querida. Era daquele castelo Simões Lopes que tão reformando agora...Então tinha festa nos Clubes quando a gente chegava sabe, tinha uma série de cerimônias que a gente tinha que participar. Ah, faziam discursos de recebimento, de receber a gente, discurso de despedida... Ó, essa menina foi antes de mim, então ela tava fazendo um discurso se despedindo do título de Duquesinha e passando pra mim entendesse? Era muito cerimonioso a coisa. Ó, aqui antes de ser Duquesinha, olha meu tamanho, eu fui Rosa Diamantina. Era um título também que davam na primavera. Tu tinhas um ano esse título de Rosa Diamantina até tu passares pra outra. Aí eu recebi o título de Rosa Diamantina primeiro, antes de ser Duquesinha (Entrevista realizada no dia 15 de março de 2017 com Carmem Machado dos Santos).

O mesmo ato de rememoração a partir das fotografias aconteceu durante a entrevista com Lucia Helena Brauner. Ela nos apresentou, durante a entrevista, sua caixa de lembranças sobre a época em que ela era da Corte de Clarice. Dentro de seus pertences, ela encontrou um recorte de jornal que relata uma festa de carnaval. Embora este recorte não possua data nem referência de qual jornal foi retirado, acreditamos que o relato do cronista sobre a cerimônia de carnaval coaduna com as descrições feitas por Carmem. Na crônica, o Clube Brilhante anuncia a festa de carnaval mencionando a presença de todas as Rainhas e ex-soberanas dos “aristocráticos clubes” da cidade para recepcionar a Rainha do carnaval. Ao fazer menção de Clarice, eles narram de forma nostálgica sua roupa como “um riquíssimo traje e luxuoso manto recordando as áureas épocas do carnaval de outrora que tanto enalteceu e dignificou a cidade”. Acreditamos que o manto descrito nessa crônica seja o que aparece na foto de coroamento de Clarice. A crônica menciona o nome de todas as moças da corte de Clarice e que podem ser identificadas nas fotos: Maria Helena Brod, Maria Huabert, Lucia Helena Brauner, Regina Iruzum Cavalheiro, Terezinha Pizarro, Neusa Silveira, Maria Edith Neves, Cleusa Sehurch, Arita Lange, Léa Brod, Ligia Averbuch e Clarice Averbuch. “

Finalmente logo à noite, abrir-se-ão as portas da sede do veterano e querido Clube Brilhante, para acolher os foliões, que tomarão parte no grandioso baile a ser realizado nos seus magníficos salões, distinta e carnavalescamente decorados e iluminados com mutações de cores. Para esta festividade com grande entusiasmo entre os que gostam de “infezar até o sol raiar” em ambiente de muita alegria. Para este grandioso baile a parte musical foi entregue a um grande conjunto de músicos capacitados, que não deixará nenhum folião parado pelo canto da magnífica sede do Clube esmeraldino. A diretoria resolveu num gesto todo especial consentir que os dignos associados compareçam de “camisa esporte, porem de mangas compridas- para poderem assim se divertir mais, pois a presente estação e mesmo em bailes em plena época das folias carnavalescas, o que está sucedendo nas grandes capitais. A nota atraente da festa, será a presença graciosa e gentilíssima soberana do Club- Clarisse Tavares Xavier, elemento de grande projeção em nosso alto meio social, que ostentará riquíssimo traje e luxuoso manto recordado as áureas épocas do carnaval de outrora, que tanto enalteceu e dignificou a nossa cidade. Farão parte da sua grande côrte 12 gentis àias que se farão acompanhar dos respectivos pares, cuja nominara é a seguinte: Maria Helena Brod, Maria Huabert, Lucia Helena Brauner, Regina Iruzum Cavalheiro, Terezinha Pizarro, Neusa Silveira, Maria Edith Neves, Cleusa Sehurch, Arita Lange, Léa Brod, Ligia Averbuch e Clarice Averbuch. O porta estandarte será o distinto jovem Amilcar Aranalde. A Rainha será conduzida ao Clube num grandioso préstito, vindo à frente a banda de clarins, que

executaria Marcha triunfal da Aida. Num gesto de verdadeira elegância, estarão presentes a esta magnífica noitada, além de todas as ex-soberanas e Rainha da primavera esmeraldinas, todas Rainhas de nossos aristocráticos Clubes, como sejam Diamantinos, Caxeiral, Centro Português e Espia só, que serão finalmente recepcionadas pela diretoria do Clube Brilhante (Recorte de jornal doado por Lucia Helena Brauner - sem data informada).³¹

É possível ver as exigências dos trajes da diretoria do Clube Brilhante para com seus associados no baile: “Camisa esporte, porém com mangas compridas - para poderem se divertir mais, pois a presente estação e mesmo em bailes em plena época das folias carnavalescas o que está sucedendo nas grandes capitais”. Pelissari (2012), ao analisar as crônicas dos jornais de Rio Grande, faz apontamentos sobre como os costumes das capitais serviam de modelo para as festividades da cidade, e na crônica acima podemos verificar o mesmo: “É possível perceber na fala da cronista a visão dessas cidades como lugares desenvolvidos, modernos e com uma vida social que servia de referência” (PELISSARI, 2012, p. 123).

Ser nomeada a um título desses envolvia responsabilidades para participação nas festas comemorativas que aconteciam nos Clubes de Pelotas e também cidades vizinhas. Carnaval e Festas juninas, por exemplo, eram datas em que as moças deveriam formar suas cortes para os bailes, assim como também levá-las para visitar os bailes de outros Clubes. Ter um título de Rainha envolvia dedicação para que nesses festejos elas e sua corte, acompanhada de fantasias, animasse as festas. Carmem, quando foi Duquesinha do Clube Diamantinos, precisou formar um bloco composto por meninas e meninos, e esses deveriam ir fantasiados de acordo com a temática que fosse estabelecido por ela. No quadro abaixo imprimimos trechos dos diários que indicam as confecções de fantasias de Clarice. Não podemos afirmar que esses relatos correspondam especificamente à formação das fantasias da corte, mas gostaríamos de usar como exemplo de como esses festejos traziam movimentação na rotina:

³¹ A notícia aqui referenciada foi transcrita integralmente como no jornal original da época. A gramática está correspondente a época.

Tabela 2: Bailes citados nos diários

	Ocasião
Tenho que emagrecer até dia 20, pois haverá um baile de grito de carnaval nos diamantinos. Acho que vou fazer um vestido bem decotado e encarnado e ir. Escolhi duas amostras de fazenda (5 de janeiro de 1955).	Baile de Carnaval/ Clube Diamantinos
Hoje bati a cidade a pé. Mandei fazer uma fantasia de baiana (19 de janeiro de 1955).	Baile de carnaval
A Ely está fazendo um arranjo na minha antiga fantasia de folia. Da saia sairá uma cigana. Comprarei os colares sexta-feira (28 d janeiro de 1954). Hoje comprei os apetrechos para minha fantasia de cigana. Depois de amanhã é o baile do Laranjal Praia Clube (3 de fevereiro de 1955). Ontem fui ao baile a fantasia que havia no Laranjal Praia Clube, ali que “houve”. Fui vestida de cigana; no começo tudo ok , depois perdi a faixa da cintura e os meus brincos de argola (6 de janeiro 1955).	Baile carnaval/ Laranjal Praia Clube
Hoje comi bem, fiz a prova da última fantasia. A Leda Gervini resolveu fazer a fantasia igual assim ficamos sendo 4 em vez de 2. Eu a Gislayne, a Malcon e a Leda.	Baile carnaval
Faltou fazenda para os babados tenho ainda que comprar o colar, a pulseira e as medalhinhas para o lenço da cabeça. Mamãe mandou um telegrama avisando que chegará sábado e mandando reservar 2 mesas para o baile de sábado. Eu quis cumprir minha obrigação mas a vó rabujou tanto que eu não pude sair nem para as compras nem para a mesa que ela pretendia custar o preço arcaico de 100 (15 de fevereiro de 1955).	Baile carnaval
Amanhã farei a primeira prova da minha fantasia. hoje dei inúmeras voltas para vovó (14 de fevereiro de 1955).	Baile carnaval
Hoje passei o dia na casa da Neda a bordar as cartas da minha fantasia. Ficaram uns amores (10 de fevereiro de 1955).	Baile carnaval

No quadro acima, Clarice menciona que além do clube Diamantinos, ela estava preparando uma fantasia para ir ao Laranjal Praia Clube. Sobre essa associação, não foi localizado referência bibliográfica sobre sua fundação. Durante nossa pesquisa nos periódicos do arquivo da Biblioteca Pública pelotense, encontramos três notas sobre essa associação no jornal “A Opinião Pública”: a primeira do dia 16 de junho de 1954 anuncia a fundação do Clube juntamente com a

nominata dos quadros de direção³²; a segunda, do dia 21 de junho de 1954, apresenta uma fotografia da associação; e, a terceira, fala sobre a inauguração da sede provisória do Clube. Sobre as fantasias da corte de Clarice, durante nossa conversa com Lucia Helena ela apresentou algumas fotografias. Na primeira foto não conseguimos identificar a temática da fantasia, mas percebemos a disposição dos meninos e meninas entre Clarice. Essa posição centralizada tem o intuito de dar entonação de quem é a Rainha da corte. Na segunda foto ela também está entre os rapazes e as moças, e tratam-se de fantasias para festa junina.

Figura 10: Festa Fantasia Clube Brilhante



Fonte: Arquivo pessoal de Clarice Tavares Xavier, data não informada

³² A nominata de direção do clube tem o pai e o tio de Clarice como fundadores da associação.

Figura 11: Festa junina Clube Brilhante



Fonte: Arquivo pessoal de Clarice Tavares Xavier, data não informada.

Retornando nossas explanações sobre às funções de Rainhas ou Duquesas, percebemos nos diários e entrevistas que também existia o costume de viajar para Rio Grande no intuito de festejar o carnaval riograndino apresentando a corte. Segundo Pelissari (2012) “as elites das duas cidades trocavam convites para as suas festas e frequentavam a vida social da cidade vizinha” (PELISSARI, 2012, p.143). Carmem relatou sobre suas viagens à Rio Grande. Através de fotografias, ela mostrava os salões lotados e sua corte devidamente fantasiada Os Clubes organizavam suas respectivas excursões para ir nesses bailes. Clarice relata sobre uma excursão para Rio Grande onde, sem declarar os motivos, seu pai não a permitiu participar. Os relatos de ambas descrevem esses momentos:

Ontem o Litero tomou ônibus e foi ao Rio Grande para o baile da SAC. Eu cheguei até conseguir lugar, porém o papai não deixou de modo que a minha fantasia ficará intacta até o próximo carnaval, foi uma pena por que todos nós estávamos em grande animação (13 de fevereiro de 1956).

Nós íamos até Rio Grande, esse baile foi em Rio Grande, nós levávamos toda a corte, esse monte de gente de ônibus, lotávamos os ônibus e íamos pro baile Rio Grande. Isso aqui foi um grupo

quando eu era Duquesinha que nós fomos a Rio Grande a um baile... Rio Grande nos convidava muito pra ir porque nosso grupo era muito grande, aquele entrava no salão e era aquele um monte de gente, uma atrás da outra assim, desfilando pelo salão né? Então a gente ia de ônibus, aquilo era muito divertido. Mas era uma diversão muito sadia na nossa época (Entrevista realizada no dia 15 de março de 2017 com Carmem Machado dos Santos).

A SAC (Sociedade Amigos do Cassino) é mencionada na pesquisa de Pelissari como um Clube da elite riograndina onde geralmente se ofereciam eventos nos veraneios, recebendo as elites vizinhas em épocas que essas veraneavam na praia. As descrições de Clarice sobre como eram os bailes de carnaval são poucas, e foi a partir de bibliografias que conseguimos imaginar essas festividades. As descrições de Barreto (2011) sobre os carnavais dos anos de 1910 mostram que essas festividades permaneceram semelhantes em 1950. Os carnavais nos Clubes continuavam a ser apenas frequentados por um seleto grupo de pessoas que se associavam a esses Clubes. Esses bailes tinham exigências para que os sócios fossem devidamente vestidos de acordo com as normas da festa: no caso do carnaval, era esperado que todos fossem fantasiados: “era comum que os salões fossem tomados por grupos com fantasia padrão, os blocos de salão [...]” (BARRETO, 2011, p. 242). Pelissari (2012) também menciona a exigência das associações recreativas para com o uso adequado das roupas no carnaval. As fotos da corte de Clarice são um exemplo dessa afirmação, assim como também as passagens que evidenciamos, as quais relatam a descrição de Clarice sobre as fantasias dos blocos presentes nas festas.

Carnaval 1º dia: Fui ao baile do Clube Comercial com meu bloco, que contava com 4 gurias: eu, a Gislaine, a Dilce e a Leda. O Clube Litero foi de Nações Unidas. A Cláudia de Tio Sam, A Elizinha de Baiana, a Ana Maria de russa, A Nailê de chinesa e a Maria Laura Freitas de africana, a Theresinha Freitas de espanhola. Pulei todo o tempo com a Maria da Graça (Carnaval de 1955).

2º dia : Fui ao baile infantil dos Diamantinos pulamos na área, pois no salão os maiores não podiam ficar. Ele chegou a ficar perto de mim. Tomara que ele não note que eu gosto dele. De noite fui ao baile no Brilhante com a Maria da Graça pulamos o frevo que não foi brincadeira, mas estava doente e de vez em quando tinha que parar. Às três horas papai quis ir a na porta. Encontrei o Brody de barba crescida que recém vinha chegando. Dei uma volta no salão com ele e depois fui para o carro e vim para casa (Carnaval de 1955).

3º dia: Fui ao baile no Clube Brilhante (infantil) e de noite no Clube Comercial. La estava o Brody, mas já me enchi dele estou cheia. Para todos efeitos se ele telefonar não estou (Carnaval de 1955).

O “Brody” percorre intensamente as narrativas de Clarice e, para quem lê o diário, ficam claras as fases de encantamento com o rapaz, a idealização de encontrá-lo em todos os lugares públicos e bailes da cidade. A descrição da festa de carnaval do Clube Comercial pode ser visualizada na fotografia abaixo. Lucia Helena não nos deu certeza sobre o ano do retrato, contudo a imagem ilustra como eram os bailes de carnaval nos Clubes. Podemos verificar que as mulheres estavam fantasiadas cada uma em sua temática, e os homens vestindo terno.

Figura 12: Baile de Carnaval Clube Comercial



Fonte: Arquivo pessoal de Lucia Helena Brauner.

Além dos bailes nos Clubes sociais, os diários de Clarice indicam sua participação no carnaval de rua pelotense. As contribuições de Barreto (2011) sobre o “Grande Carnaval” nos clubes e nas ruas da cidade em 1930 tem consonância com nosso período. Segundo ele, o carnaval pelotense era “um festejo inspirado nas cidades de Veneza, Nice e Paris, promovido pela elite urbana, a partir de seu próprio imaginário, no qual apenas ela podia preponderar” (BARRETO, 2011, p. 223). A forma com que a elite buscou construir uma distinção social com relação ao resto da população se fez através de espaços restritos aos demais, como por exemplo, os bailes de salão nos Clubes sociais, préstito³³ e corso. Nos diários vemos Clarice descrever essas comemorações nos meses de fevereiro:

Vi o desfile das escolas de samba General Telles, Academia do Fica Aí, Bloco do Diabo, Amigos do luar, Amigos da Alegria, Mario Serrano e outras que de hora não me lembro, mas todos congratulando etc e tal uma Pepsi Cola (29 fevereiro de 1956).

Hoje andei no corso com a Maria da Graça, perdi a missa. De tarde às 2 horas fui ver “O marido de mamãe” depois girei pela Quinze fomos no Guarany, porém não havia sessão das 4. Voltamos fui até a Maria Cecília dei uma espiada bati um papinho. Lá estavam Clóvis, a Suzana, a Therezinha e os pais dela. Depois fomos até as cadeiras onde mamãe nos esperava. Fiquei sabendo que o nome dos simpáticos é Ortiz. O corso estava bonzinho, cheirei um pouco de lança perfume e vi que de fato faz efeito. Chico, o Zé Antonio, a Maria da Graça, o Daniel, a Berê e eu vamos levar a Leda até a cadeira dela quando a escola de samba nos pegou embaixo do trono do rei momo, que por acaso estava a beijar uma mulatinha. Lá pelas tantas começou o batuque e cada um de nós fugiu como pode. Nossa entrada nas cadeiras também foi cheia de peripécias (27 de fevereiro de 1955).

No primeiro trecho do diário, Clarice menciona os desfiles, grupos carnavalescos ou blocos. Exceção à escola de samba General Telles e Academia do Fica Aí, os outros nomes referenciados são blocos de carnaval. Os blocos se caracterizam como “grupos marcados pela ausência de preocupação com o luxo das vestimentas ou o enredo a desenvolver, mas caracterizados pela verve cômica e

³³Barreto (2011) afirma que o préstito era o momento em que as elites desfilavam em carros alegóricos luxuosos com o princípio pedagógico de: “trazer alegorias suntuosas, elaboradas com requintes artísticos, marcadas pela elegância, o que mostraria a superioridade cultural de seus promotores, e ao mesmo tempo, traria erudição ao povo, assim como regras de comportamento bem estabelecidas ” (BARRETO, 2011, p. 236).

satírica, perceptível em suas fantasias, atitudes, musicalidade e denominação” (BARRETO, 2011, p. 87). Não existem referências bibliográficas sobre esses blocos devido a inconstância de permanência desses grupos nos carnavais. A descrição de Clarice sobre o rei momo foi originado pelo Clube Diamantinos em 1907. Segundo Barreto (2011), a comemoração:

[...] Constava de um passeio burlesco, realizado nos primeiros dias do ano, ocasião em que Momo instalava-se na sede do Clube para comandar a folia. Esta modalidade tinha todos os elementos dos demais passeios, acrescida de algumas peculiaridades: a encarnação de Momo realizada por um sócio, que inclusive fazia pronunciamentos bestialógicos ao povo de Pelotas; a representação dos papéis femininos, como os da esposa e da Filha, por homens travestidos; a utilização de um carro alegórico para recepcionar o convidado (e que seria depois incorporado ao préstito) (BARRETO, 2011, p. 246).

No segundo trecho do diário, Clarice fala sobre o corso. Esse representava os desfiles realizados por carros, onde as pessoas andavam fantasiadas pelas ruas da cidade enquanto outras assistiam os desfiles sentadas em suas cadeiras. As ruas da cidade eram isoladas de acesso ao tráfego de automóveis para que esses desfiles acontecessem. Durante o desfile, as pessoas confraternizavam fantasiadas, jogando entre si serpentinas, confetes e lança-perfume. No relato, Clarice fala sobre cheirar lança-perfume: sabemos que esse foi proibido para venda e utilização somente em 1961, logo, na época em questão, o uso era recorrente e não era considerado uma droga. Carmem relata que o lança perfume não era utilizado para cheirar, mas sim para expressar interesse em alguém. Segundo ela, nos carnavais, os moços miravam jatos de lança perfume nas moças com quem eles pretendiam flertar. Por vezes, alguns eram maldosos ao atirarem esse líquido diretamente nos olhos das moças. Por isso, segundo Carmem, era comum que elas usassem óculos de plástico para protegerem seus olhos:

O uso do lança perfume era pra atirar nas moças, por exemplo, os rapazes atiravam nas moças aqui, atiravam aqui, dava aquele friozinho da lança perfume...às vezes por malvadeza tinham uns que atiravam nos olhos, aí ardia que era uma desgraça né? Mas nós tínhamos óculos especiais, os óculos plásticos pra usar quando tinha muita lança perfume. Mas quer dizer, a maioria era pra brincar, pra tu atirar na guria que tu tava querendo namorar, ou no guri que tu tava querendo namorar... (Entrevista realizada no dia 15 de março de 2017 com Carmem Machado dos Santos).

Os diários de Clarice também apresentam o cancelamento do carnaval de rua do ano de 1956. Segundo ela, nesse ano, o carnaval de rua foi suspenso por causa de uma enchente que atingiu a cidade. A enchentes eram e ainda continuam sendo um dos maiores problemas sanitários da cidade de Pelotas. Nos diários ela relata os impactos da enchente:

O carnaval gorou devido a uma grande enchente que invadiu quase que totalmente o Fragata. A praça do Pavão estava só com as árvores de fora mas agora já baixou mais. As águas alcançaram a usina até o meio o que cortou a luz da cidade ficando impedido os bailes a noite e o carnaval de rua das 7 horas. Os cinemas, as geladeiras, os motores de água, as prensas, as padarias e os açougues pararam também para nos dar a ideia do quanto vale a civilização (13 de fevereiro de 1956).

Lopes (2007) situa que, nos anos de 1951 a 1955, também houve enchentes na cidade, mas que a enchente do ano de 1956 foi a de maior destruição. Ademais, o autor cita uma passagem do jornal :”Pelotas foi assolada pela mais violenta inundação que sua história” (LOPES, 2007, p.83, conforme o Diário Popular, de 13 de fevereiro de 1956). O autor afirma que essa enchente atingiu diversos bairros e praças da cidade que foram completamente tomados pela água, inclusive atingindo estabelecimentos comerciais, industrias e a usina da cidade, causando falta de energia por dias. Os motivos da cidade possuir problemas de saneamentos e escoamento de água são atribuídos às questões geográficas, pois a região, sendo totalmente plana, dificulta a circulação de água e esgoto. Também houve negligências de investimento público em obras de saneamento e canalização. Segundo Lopes (2007), essas obras estavam previstas no Plano de Saneamento do escritório Saturnino de Brito no ano de 1947, porém não foram realizadas.

5.3 A Maria Helena Oliveira tirou o prêmio da fantasia mais fina. Um homem esquisitíssimo o da mais exótica: concursos de beleza e moda

Festas a fantasia, concursos e desfiles de moda eram outras festividades que aconteciam nos clubes sociais e que são mencionadas por Clarice em seus diários. Inicialmente, quando localizamos menções sobre festas a fantasia, havíamos pensado que correspondiam aos bailes de carnaval, pois como foi possível ver, as festividades com fantasias correspondiam às datas comemorativas

como carnaval ou festa junina. Abaixo, temos o relato de Clarice sobre uma festa a fantasia que antecede o carnaval. Barreto (2011) explana a existência de festas como essas, independentes de datas comemorativas como as que mencionamos anteriormente:

Ontem fui ao baile a fantasia que havia no Laranjal Praia Clube. aliás que “houve”. fui vestida de cigana; no começo tudo ok depois perdi a faixa da cintura e os meus brincos de argola. Pulei como uma maluca o meu cretinho estava lá e quando tocava o frevo se atirava dum jeito gozadíssimo me dir-se-ia que encontrava prazer em ficar cansado até o extremo. Ainda se houvesse lança perfume para se aspirar ainda passava. Os guris já estavam com as camisas molhadas e as gurias com suas respectivas blusas. A Maria Helena Oliveira tirou o prêmio da fantasia mais fina. Um homem esquisitíssimo o da mais exótica. Pulei bastante com a Berê, o Gilson e um guri louro que apareceu lá. Quando já estava mais tarde o José Carlos Brody me tirou para dançar e começou umas bobagens tocava a marcha. Foi uma jura que eu fiz de nunca mais amar, e ele perguntava se era verdade, e depois pegava a minha mão, apertava-a e dizia que eu estava ficando muito bonitinha. Depois fomos para uma mesa conversar ele perguntou se eu ia ao cinema e qual era o número do meu telefone. Ha! Se fosse o Vitória!! Ou então o P. mas ele só gosta de canção o que que posso fazer (6 de janeiro de 1955).

Não temos maiores informações sobre esses concursos de fantasia, contudo são indicativos de que as confecções de roupas eram uma constante para quem frequentava os clubes sociais. Não obstante, temos os relatos sobre desfiles de moda. Pelissari (2012) afirma que “esses desfiles aconteciam em bailes, festas essas com um caráter mais formal, mas também em jantaras e reuniões dançantes em ‘boites’ ou até durante o dia, em chás nos salões dos clubes” (PELLISSARI, 2012, p. 86). Nos diários não temos informações sobre os detalhes de organização desses desfiles, apenas há a menção sobre eles:

Ontem houve desfile de modas no Caixeiral³⁴ fui com a Heloisa e meu vestido azul marinho e branco, estava um peixe embora um pouco inchada pelo incômodo (14 de setembro de 1955).

Anteontem desfilei num desfile de modas, promovido pelo Laranjal Praia Clube. (...) O Montlinha esteve lá e adorou o desfile. No

³⁴ Segundo Dutra e Pinheiro (2016) o Clube Caixeiral foi fundado em 1879 "pela luta comum de caixeiros pelotenses, que conquistaram o direito de descanso nos domingos e feriados. O prédio possui três andares e é um marco na arquitetura eclética de Pelotas" (DUTRA; PINHEIRO, 2016, p. 98). Nas narrativas de Clarice esse espaço não é muito frequente, sendo apenas abordado aqui através dos desfiles de moda e carnaval.

concurso de mais requebrada do cão e da Beatriz ganhou a Ana Maria Diniz. (4 de fevereiro de 1956).

O incômodo de Clarice refere-se à menstruação. Notamos que ela menciona o vestido com que foi vestida nessa ocasião; acreditamos que ir em eventos como esse implicava em ir bem vestida. Juscelina Bárbara Anjos Matos (2008) ao explicar sobre os desfiles de moda no clube social de Vitória da Conquista (BA), afirma que para assistir esses concursos as mulheres deveriam usar vestuários luxuosos. Além disso, “o concurso não era acessível à todas as moças da sociedade. Era a elite econômica da cidade que era destinada. Compor todo o visual para participar do evento requeria um custo alto, que muitas não tinham acesso” (MATOS, 2008, p. 7). Sobre o desfile de moda no Laranjal Praia Clube, Clarice relata que não compareceu ao ensaio do desfile por que preferiu ir ao cinema, e logo após o evento sua irmã lhe disse que as pessoas não gostaram da apresentação. Durante a pesquisa, não nos detivemos em nos aprofundar sobre os concursos de beleza ou desfiles de moda, contudo, nossa entrevista com Carmem trouxe algumas informações sobre esses eventos, que em conjunto com algumas referências bibliográficas, trouxeram para a pesquisa hipóteses sobre o que esses desfiles significavam. Retomando a entrevista de Carmem, enquanto ela procurava suas fotografias da época em que era Duquesinha do clube Diamantinos, encontrou um retrato onde uma moça estava em posição de “modelo”. Naquele momento ela nos explicou a fotografia, afirmando ser um desfile de moda organizado por ela e sua turma de amigos:

Era um grupo nosso e esse grupo, que fazia parte a Valesca, a Lizarde, a... Lúcia Helena eu acho... chamava “clube dos Trinta”, nós éramos trinta pares, não eram namorados, eram trinta rapazes e trinta moças. Então nós organizávamos festas, éramos nós que organizávamos. Então isso aqui foi um desfile que nós organizamos numa parte que havia aqui no esporte clube Pelotas que era o tênis, onde jogavam tênis. Ali tinha uma parte e eles nos alugaram e nós organizamos uma festa de desfile de moda. Nós procuramos roupa para desfilar, nós fazíamos a festa, e olha ali a minha mãe bem sentadinha aqui ó (Entrevista realizada no dia 15 de março de 2017 com Carmem Machado dos Santos).

As pesquisas consultadas que tinham como temática o estudo de moda explicitam que eventos como esses eram geralmente organizados pelas elites. Pelissari (2012), ao explicar sobre as festas da elite de Rio Grande, menciona que a década de 1950 teve expressiva realização de concursos desse tipo, dentre os quais

a autora cita o “Miss Rio Grande”. A autora afirma que esses eventos eram muito bem destacados nas colunas sociais, e eram organizados pelos membros da elite daquela cidade, sendo as concorrentes moças pertencentes a esse grupo social. Nos diários de nossa pesquisa, o mesmo foi verificado. Clarice informa os nomes das concorrentes dos concursos de Pelotas. Estas moças, assim como as de Rio Grande, também pertenciam a uma classe econômica abastada:

Hoje, haverá no clube Comercial, um baile para coroação de Miss Pelotas, as concorrentes: Hildinha Matos (Laranjal Praia Clube), Tany Leite (Campestre), Stella Mares (Professoras), Débora Azunus (Conservatório), Marylena (Cacheiral), Loila Weimar (Diamantinos) e outras mais que agora não me passam pela cabeça (21 de abril de 1955).

Saiu a Stella Mares de Miss Pelotas, ela porém não quer desfilhar de maiô pois é filha de Maria, então para que se meteu, que gente boba, como se a aparência fosse tudo quanta [...] a que lá por da dentro está se (...) de pecados. Deus julga a todos sem regra geral, cada um pelas suas fraquezas, pelo seu meio, pelas suas ambições. Não devemos esquecer que Deus é também um pouco humano, ou melhor que o homem é um pouco divino (22 de abril de 1955).

Pelo o que podemos observar no relato de Clarice, a moça ganhadora do título de Miss Pelotas se negou a desfilhar devido a vergonha com seu corpo (em maior exposição em uma roupa de praia). Sobre os concursos de miss, Mara Rúbia Sant'Anna (2005) afirma que os primeiros aconteceram a partir do início do século XX. Os concursos aconteciam localmente, tal como Clarice relata em sua escrita sobre a escolha da miss Pelotas. Posteriormente, havia o Miss Rio Grande do Sul e depois as misses de todas regiões do país concorrerem a Miss Brasil na cidade do Rio de Janeiro. No relato de Clarice, podemos ver também que cada concorrente era representante de uma associação recreativa da cidade. Sant'Anna (2005) faz referência a relação entre as associações e misses quando menciona a alegria que pairava nas cidades quando suas concorrentes eram eleitas miss Brasil. Exemplo disso é a notícia exposta pela autora sobre o retorno à Pelotas da miss Brasil (1960) Vera Maria Brauner Menezes: “Num carro coberto por serpentinas, ao lado do prefeito e do presidente do Laranjal Praia Clube, a moça que vai a Long Beach representar a beleza nacional teve recepção triunfal em Pelotas” (SANT'ANNA, 2005, p. 480, citando a partir de O cruzeiro, 15.jul. 1961, p. 16).

Como já afirmamos, não nos aprofundamos nos aspectos dos concursos e desfiles de moda em Pelotas, no entanto gostaríamos de, nesse momento,

apresentar algumas hipóteses que podem ser pensadas sobre esses eventos. Matos (2008), ao entrar em contato com o arquivo fotográfico de um Clube social, localizou diversas fotografias que indicavam concursos de beleza e desfiles de moda nesse Clube. Após acessar os jornais da cidade, a autora verificou a presença da empresa de tecidos Bangu como promotora de alguns desfiles de moda na cidade. O objetivo desses eventos era fazer com que as roupas produzidas pelas concorrentes fossem apresentadas como propaganda dos tecidos da empresa: “Os desfiles da Bangu começaram no país nos anos de 1950 com objetivo de divulgar e propagar a qualidade do produto nacional e incentivar o seu consumo” (MATOS, 2008, p. 9). A mesma empresa foi localizada por Pelissari (2012) em Rio Grande. Através de fotografias dos frequentadores dos bailes da cidade, a autora também faz menção sobre os desfiles promovidos pela mesma empresa. Segundo Sant’Anna (2005) a Bangu criou, a partir desses desfiles, um concurso para o título de “Miss Bangu”:

A empresa criava, a cada ano, novas tendências em tecido, os quais eram em sua maioria, em algodão. Com o apoio de cronistas sociais, senhoras das elites locais, e Clubes recreativos, a Bangu levava a diferentes cidades brasileiras seus desfiles, que ocorriam com a participação das jovens da cidade, que tinham condições e interesse em participar do mesmo. (SANT’ANNA, 2005, p. 476).

Embora não exista detalhes nos diários de Clarice sobre quem promovia os desfiles, temos a hipótese de que alguma loja de roupas da cidade participava desses concursos, tal como o Bangu fazia nacionalmente. Também temos a hipótese de que esses eventos tinham caráter filantrópico. Durante nosso contato com Lucia Helena Brauner ela nos apresentou um recorte de jornal onde menciona a organização de um evento social feita por “grupos de jovens da alta sociedade”. Essa informação pode ser associada ao que Carmem fala sobre sua participação na organização do desfile de moda. O recorte da coluna social apresentado por Lucia Helena tem como título “Vermuth dansante”, e Clarice é citada como Rainha do Carnaval; isso significa que a coluna social está situada no período que estamos abordando. Na descrição dessa crônica, o evento tinha como objetivo repassar a venda dos ingressos para o Asilo de Idosos da cidade de Pelotas. No texto não há menção sobre algum desfile de moda, apenas se tratava de um concurso que coroava um título “miss simpáticos” para os rapazes e as moças. Essa reportagem nos dá indícios da relação que poderia existir entre desfiles/concursos e filantropia:

Organizado por um grupo de jovens de nossa alta sociedade, realizou-se na tarde de domingo no salão do Clube Brilhante, agradável “Vermouth dansante”, em benefício do Asilo de Mendigos. A filantropia iniciativa veio provar o agrado com que o mundo social acolhe essa simpática ideia das tardes dominicais bailáveis. Estiveram presentes figuras mais representativas, numa festa de grande animação e elegância, dentro de um espírito dos mais salutareos, de cordialidade e alegria. Sob todos aspectos perfeita, a recepção. Senhoritas de nossa melhor sociedade, recebendo os convidados, não descuraram em momento algum de suas atribuições, contribuindo, assim, para o ótimo desenrolar. Presentes, como havíamos anunciado previamente, as senhoras Clarice Xavier e Yolanda Oliveira, Rainhas, respectivamente, do Carnaval e dos Esportes, em todas as oportunidades, dedicaram-se a propiciar um ambiente dos acolhedores. Cercada de grande expectativa realizou-se a escolha dos “mais simpáticos”. A senhorita Liliane Schild consagrou-se no setor feminino. Atenciosamente, anuiu em colaborar para o êxito do certame (cuja renda reverteria, também em benefício do Asilo de Mendigos), o jovem José Fonteli, escolhido como o “mais simpático”. Comentadíssima, D. Light, A “Dama de negro” primou pela ausência, das 18 às 21:30 horas aproximadamente, obrigando o uso de lampiões, para que continuassem as danças. O conjunto “Blue Store”, na parte musical, mostrou, mais uma vez, que, em favor, se constitui em um dos harmoniosos grupos rítmicos da cidade, seguida dos melhores preceitos de melodia [...] musica gaúcha-Pinguinho e Walter Broda. Como era de esperar um número de sócios bem maior que o usual se fez presente aos salões associação da praça Cel. Pedro Osório, contribuindo para a maior animação dos serões de inverno (Recorte de jornal doado por Lucia Helena Brauner. Nome do jornal não informado - 5 de agosto de 1956).

Acreditamos que talvez a escolha do Mister e da Miss Simpáticos estivesse também atribuído a um desfile em que esses se destacavam. Notamos também que a crônica acima tem semelhança com a descrição de Pelissari (2012) sobre os eventos de moda e beleza serem realizados em um caráter normal, a tarde e também com reuniões dançantes. Sobre o caráter filantrópico do evento Renata Vellozo Gomes (2007), é outra referência sobre a relação com os desfiles de moda. A autora fez um estudo sobre o cotidiano cultural dos cariocas na década de 1950 através dos cinejornais da série “Cine Jornal Informativo” (1950). As imagens desses periódicos revelaram desfiles de moda em Clubes sociais da cidade que objetivavam angariar verbas para apoiar associações filantrópicas:

Os desfiles beneficentes no Copacabana Palace mobilizavam a alta sociedade carioca e faziam parte de um calendário tradicional de eventos na cidade. A venda dos ingressos para o chá seguido de desfiles era revertida para as instituições de caridade e entidades assistidas pelas senhoras da sociedade, um aspecto do trabalho de filantropia que elas promoviam, enfatizando o fato de que o Rio ditava a moda então (GOMES, 2007, p. 44).

Gomes (2007) ainda menciona que esses desfiles contavam com uma plateia que se vestia impecavelmente, e as modelos que desfilavam eram também moças da elite. Após o desfile, o salão ficava disponível para uma festa animada por músicos e conjuntos musicais, tal como indica a reportagem da “Vermuth dansante”. Embora o evento em que Clarice havia participado não tenha sido comentado por ela nos diários, gostaríamos de mencionar o concurso “Glamour Girl”, que já foi citado em nossa pesquisa quando dissertamos sobre as relações de Clarice com associações de caridade. O concurso “Glamour Girl” aparece nos diários em um recorte de jornal que menciona a participação de Clarice através de uma entrevista em que o cronista descreve seus atributos para merecer o título. O enunciado da crônica “‘Glamour Girl’- Muito entusiasmo e tudo para assistência social” também não menciona desfiles de moda para escolha da “Glamour Girl”. Contudo, os pré-requisitos do concurso evidenciavam a importância de existir, nas moças da alta sociedade, atributos de beleza e boas atitudes. Sobre esse concurso Sant’Anna (2005) esclarece:

Desde 1950, era a escolha da “Glamour girl”, um concurso de nível nacional, tendo diversas etapas regionais e eliminatórias antes da grande final no Rio de Janeiro. O título em inglês já denuncia a origem dos critérios para eleger a Rainha do certame. Entre as provas desse concurso estavam a dança de salão com um jovem e sessão de fotografias (SANT’ANNA, 2005, p. 474).

Nossa tentativa nessas explicações foi a de tentar observar que os desfiles de moda poderiam ter sido promovidos por lojas da cidade ou grupos que pretendiam fazer caridade. Os desfiles e concursos revelam que a elite, além de demonstrar sua distinção pela condição econômica de investir na confecção de roupas, também promovia sua distinção construindo uma autoimagem enquanto benfeitores. Em suma, a relação entre moda e filantropia “por um lado, evidencia a atração que os desfiles faziam, garantindo o público do evento, por outro dizem das preocupações morais de uma elite que encastelada em suas torres de virtude buscava justificar seus momentos de auto-adulação, amenizando o pecado da vaidade pela virtude da caridade” (SANT’ANNA, 2005, p. 562).

6 Sociabilidades e Lazer na Cidade

Para falar sobre os espaços de lazer e sociabilidade em Pelotas é necessário saber como a cidade se constituía em na década de 1950. Em um panorama nacional, as cidades do país passavam por um período de modernização, gradual industrialização e êxodo rural. Essas mudanças traziam uma nova realidade urbana que introduzia diferentes maneiras de viver, morar e se relacionar. Pelotas, nesse período, possuía uma área física de 2.997 Km² e 127.641 ³⁵habitantes. Esse montante de habitantes estava distribuído em 78.014³⁶ residentes na zona urbana e 49.627 na zona rural. Esses dados, se comparados com os anos de 1940, mostram que além da população da cidade ter crescido, as disparidades entre o número de residentes na área rural e urbana estavam maiores em 1950. Esse aumento habitacional urbano desenvolvia uma “nova ideologia urbana, na qual os altos edifícios se impõem no cenário da urbe, como os ícones máximos do processo de modernização e indicativos de prosperidade” (LOPES, 2007, p. 38). Em níveis econômicos, a cidade tinha um reconhecimento regional devido a sua vasta concentração de estabelecimentos comerciais e qualificações profissionais:

Conforme noticiava o jornal Diário Popular, Pelotas ganhava a cada dia, posição maior de “destaque no conceito das cidades gaúchas e brasileiras”. Por causa de seu desenvolvimento econômico, a cidade crescia e se embelezava, adquirindo os aspectos característicos das grandes metrópoles (LOPES, 2007, p. 37).

Nos jornais, esse processo modernizador era noticiado em discursos de orgulho e preocupação diante da reputação da cidade. O primeiro baseava-se na influência de Pelotas sobre a região sul – pela cidade ser um reconhecido centro cultural, com ensino superior, e serviços especializados para a população. E o segundo, em contrapartida, via nesse exacerbado crescimento urbano novos comportamentos que por vezes não eram exemplares para a imagem da cidade. Segundo André Luiz Borges Lopes (2007), o jornal Diário Popular fazia inúmeras críticas ao tráfego de automóveis, pois estes causavam inúmeros acidentes de trânsito. Segundo as crônicas consultadas pelo autor, havia sete mil automóveis em

³⁵FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA. De província de São Pedro à Estado do Rio Grande do Sul. Censos do RS: 1803-1950. Porto Alegre: FEE-RS, 1981 p.173.

³⁶FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA. De província de São Pedro à Estado do Rio Grande do Sul. Censos do RS: 1803-1950. Porto Alegre: FEE-RS, 1981 p.175.

circulação. O aumento da circulação de carros e também de pessoas nas ruas levaram a prefeitura investir em obras de pavimentação das vias principais para a melhoria do tráfego urbano:

[...] todas estas mudanças que são introduzidas e que visam disciplinar o trânsito dos condutores de veículos e dos pedestres interferem no fluxo e nos deslocamentos dos usuários da cidade. Elas têm como premissa maior, dirigir e normatizar o cotidiano e os hábitos dos habitantes da urbe, visando enquadrá-los em uma nova concepção de cidade e de espaço (LOPES, 2007, p. 51-52).

Para a grande maioria da população trabalhadora, as mudanças na cidade apenas propiciaram melhorias para as elites. Por exemplo, a locomoção na área central da cidade era precária para aqueles que não possuíam renda suficiente para adquirir um automóvel. Segundo Leni Dittigen de Oliveira (2012, p. 37), os bondes elétricos eram o principal transporte público do início do século, tendo sido introduzidos em 1915 após a companhia *Ligth & Power of Rio Grande do Sul* iniciar a instalação de luz elétrica na cidade. Em 1955, os bondes foram totalmente erradicados e substituídos por linhas de ônibus. Lopes (2007) indica que a extinção dos bondes ocorreu devido à uma série de crises da empresa de energia elétrica. As constantes quedas de energia dessa empresa foram também um dos fatores que prejudicaram a economia da cidade durante o processo de desenvolvimento industrial. Nesse caso, a ausência de bondes deixou os trabalhadores em situação precária para a locomoção, e as linhas de ônibus que vieram substituir os bondes foram insuficientes para o número de pessoas que circulavam na cidade.

O que pretendemos dizer com isso é que o crescimento da cidade nesse período trouxe mudanças na malha urbana pelotense, cujos investimentos públicos apenas proporcionaram qualidade de vida para aqueles que residiam na área central. Os diários de Clarice pouco falam sobre questões políticas e de desenvolvimento da cidade – ela também não expressa qualquer dificuldade que tenha enfrentado para circular ou usufruir dos espaços que a cidade proporcionava. Percebemos que, em seu cotidiano, ela circulava pelas áreas centrais a pé, e quando não podia, possuía um automóvel para transportá-la: “Fomos passear de automóvel como sempre eu imperceptivelmente cochilei. Esse sono é a praga da minha vida.” (25 de maio de 1954). Dessa maneira, é necessário enfatizar que o espaço urbano e os hábitos na cidade podem ser pensados em diferentes óticas a

partir do grupo social ou etnia. Dessa maneira, nos propomos nesse capítulo a abordar os espaços urbanos expressos por Clarice em seu diário.

6.1 Fui no cinema das 3 horas. Levamos um logro e tanto só havia uma propaganda do Banco Agrícola Mercantil. Depois fomos a Vienense e papamos um sanduíche Vienense: Cinema e footing

A modernidade e o crescimento urbano, ao criar uma diversidade de espaços de lazer e sociabilidade, traziam para os indivíduos uma vida mais movimentada do que nas décadas anteriores. “Muitas das distâncias entre homens e mulheres diminuem com as transformações urbanas: novas formas de lazer, novos pontos de encontro surgem nas cidades. Modificam-se regras e práticas sociais que vão do convívio nas ruas ao relacionamento familiar” (PINSKY, 2014, pos. 202). Essas transformações concedem para as mulheres maior liberdade de movimento na cidade, onde o poder aquisitivo para usufruir dos consumos configura as disparidades entre os que irão circular nesses espaços com maior frequência. Nos diários percebemos que o centro da cidade era um espaço constante de sociabilidade e lazer de Clarice: O *footing*, cinema, compras, missas e cafés são lazeres urbanos usufruídos por ela.

De maneira geral, os lazeres urbanos eram desiguais para homens e mulheres, não somente em número, mas também na liberdade para usufruí-los: “Para saírem de casa, essas mulheres deveriam ter uma razão e um destino predeterminado e estar sempre acompanhadas, seja pelo marido, pai, irmão, irmã ou, até mesmo, por uma criança que denotasse estarem envolvidas em alguma atividade honesta” (MIGUEL; RIAL, 2013, pos. 2917).

Miguel e Rial (2013) mencionam que é possível classificar os lazeres em “coisas de mulher” ou “coisas de homem”. Essa diferenciação proposta pelas autoras caracteriza o que as mulheres faziam em seu tempo livre, e o mesmo será verificado aqui a partir das narrativas de Clarice. O que percebemos nos diários é que os espaços de lazer da cidade serviam como formas de se fazer ser vista. Circular pelos diversos ambientes da cidade proporcionava oportunidades para estreitar distâncias entre as pessoas, geralmente no intuito de fazer surgir algum relacionamentos amoroso: “Graças a urbanização, as antigas formas de namoro,

assim como velhas regras de decência e recato, são substituídas ao longo do tempo por outras, mais íntimas, e a iniciativa da escolha do cônjuge se transfere dos pais para os próprios interessados”(PINSKY, 2014, pos. 719). Nesse sentido, Clarice, por vezes, deixava explícita sua vontade de querer ver suas paixões quando circulava pela cidade: “Estou louca pra ver uma pessoa na rua mas a pessoa parece que não quer sair da toca. Veremos se até a noite terei alguma novidade” (7 de dezembro de 1954).

Sabendo que Clarice tinha boa condição econômica para usufruir dos espaços de consumo que a cidade oferecia, vamos começar falando sobre seu lazer mais recorrente: o cinema. Não nos detemos a citar diretamente as falas de Clarice sobre cada relato das sessões de filmes pois acreditamos que a leitura ficaria repetitiva. O cinema como espaço de lazer já existia em Pelotas desde 1896. Segundo João Manuel dos Santos Cunha (2012) foi nesse ano que aconteceu a primeira projeção de imagens em movimento na cidade. “Ainda que não se possa considerar que a sessão de 1896 marcasse a instalação da primeira sala permanente de exibição de filmes na cidade (...) a data serve como marco inaugural de uma atividade comercial que iria rapidamente se desenvolver pelos próximos anos” (CUNHA, 2012, p. 69). O desenvolvimento do cinema em Pelotas foi constante, de forma que, em 1930, já existiam mais de dez salas para o público pelotense, sendo nesse mesmo ano a transmissão do primeiro filme sonoro. O apogeu cinematográfico aconteceu na década de 1950, pois a perspectiva lucrativa que esse lazer trazia chamou atenção dos empresários locais. Nesse período, diversas salas foram construídas e novas tecnologias de som e imagem foram instaladas para transmissão de filmes de sucesso mundial. Nos diários, Clarice se mostra frequentadora assídua de duas salas, o “Cine Capitólio” e o “Guarany”: essas eram as salas mais populares da cidade, embora existissem muitas outras. Segundo Cunha (2012):

Nos anos 1950, o público lotava as salas já tradicionais — Cine-Theatro Guarany (1921), Cine-Theatro Apollo (1925), Cine-Theatro Avenida (1926), Cinema Capitólio (1929), todos construídos por Francisco Santos, bem como o Cine-Theatro São Raphael e o aristocrático e já tradicional Theatro Sete de Abril - e prestigiava o aparecimento de novos locais, como o Cine América e o Cine-Rádio Pelotense (CUNHA, 2012, p. 70-71).

Durante nossa pesquisa nos jornais “A Opinião Pública” do ano de 1954 constatamos que os cinemas tinham sessões com público alvo diferentes, como por exemplo, salas localizadas em bairros afastados do centro (Cinema do SESI) para um público mais humilde, e sessões chamadas “Dia das Moças” nos cinemas Capitólio, Avenida e Apolo ou “Clube das moças” no Cine Fragata. Esses últimos eram destinados ao público feminino, “os filmes especialmente escolhidos para essa sessão eram leves, não proporcionavam questionamentos acerca dos modelos tradicionais de família, e com a mensagem ‘juntos por amor’, reforçavam a ideia de relacionamentos únicos e eternos” (MIGUEL; RIAL, 2013, pos. 2933). Não sabemos se Clarice frequentava apenas as sessões para mulheres, ela apenas relata seu cotidiano informando sua frequência em duas sessões por dia: às 14 horas e às 16 horas, totalizando 35 títulos de filmes. Sobre os filmes citados por ela iremos, ao final do capítulo, explorar sua influência nas narrativas pessoais de Clarice.

O cinema era um lazer possível para aqueles que tinham condições econômicas para pagar: esse espaço, além de entreter o público com tramas tipicamente hollywoodianas, também servia como uma oportunidade para os flertes e inícios de namoro: “as trocas de olhares, os encontros de casais, os namoros e as conversas se constituíam em um tipo de sociabilidade nos espaços do cinema [...]” (FERREIRA, 2012, p. 5). Durante nossas entrevistas, todas as senhoras relatavam que ir ao cinema envolvia muita diversão; o relato abaixo nos transmite um pouco sobre como era essa atividade:

A gente ia ao cinema [...] todos os domingos ia na matinê de tarde e muitas vezes de noite. [...] mas o certo era o da tarde que eu imagino que devia ser duas horas, mas eu não tenho bem certeza do horário. Lá a gente ficava numas filas imensas que dobrava a quadra, o Capitólio era o mais procurado, mas o Sete de Abril, o Guarani e depois surgiu o América... A gente continuava com aquele sistema de ficar nas filas de cinemas e no Capitólio principalmente que virava a quadra as bixas que a gente chamava, imagina hoje em dia [...] não era a fila, era “tá na bixa? guarda lugar pra mim?”. Não me lembro de haver desordem de alguém chegar e dizer “tu tá passando na minha frente”, nunca me lembro de acontecer isso... A gente ficava nessas filas durante muito tempo e aí a gente olhava pro fulano e pro ciclano e eles às vezes saíam da fila e vinham pra conversar um pouquinho, mas tinha que voltar porque o amigo tava guardando lugar... E até que a gente entrava no cinema, no Capitólio. Eu não consigo me lembrar aquelas coisas que ficam à volta, em cima, não é na plateia, é... [...] que a gente chamava, mas tem um nome especial, agora não me lembro... os camarotes!. Eles ficavam lá olhando pra baixo, a gente ficava flertando, a gente usava muito isso de flerte, e de repente se flertava muito ali na saída do cinema

eles vinham “posso te acompanhar?” era isso que chegava, “posso te acompanhar?” e aí o “posso te acompanhar?” já era o início de namoro (Entrevista realizada no dia 28 de março de 2017 com Lucia Helena Brauner).

Nos diários, constatamos que Clarice pouco fala sobre seus flertes no cinema. Suas idas ao cinema algumas vezes eram acompanhadas das amigas, isso por que, segundo os relatos de Lucia Helena, não era permitido frequentar as sessões sozinha ou na companhia de um homem. Estar as sós com um homem era, para qualquer ocasião, uma atitude ruim para a reputação das mulheres. Acreditamos que o cinema, por ser um ambiente escuro, era propício para cair em “erros”; logo, ir acompanhada trazia um senso de segurança para a reputação das moças. Del Priore (2012) ao explicar sobre a educação feminina na década de 1950, diz que as “moças de família” deveriam evitar qualquer tipo de contato mais íntimo com os homens: “os avanços masculinos, abraços e beijos deviam ser firme e cordialmente evitados; a moça tinha que impor respeito” (DEL PRIORE, 2012, pos. 4852)³⁷. No entanto, isso não impedia que durante os filmes acontecessem contatos entre homens e mulheres. Nos trechos abaixo temos exemplos disso:

Resolvi me afastar da Maria da Graça porque é como diz a mamãe, nada lucro com a companhia dela. Ela no cinema anda de abraços com o Wolny é gurria sapeca, sempre foi coisa perigosa, fiz as queixas que podia para a tia Ofélia e me retirei. Nunca mais me meterei na vida dela, e se esborrache e cave com a mão. Eu por mim prefiro andar só do que mal acompanhada (13 de maio de 1955).

Durante este período de férias meu programa escasso como todos era o seguinte: Rine e cinema. Dia de semana durante esse período andei com a Maria da Graça. O último domingo de férias fomos juntas ao cinema. Eu ela e Selma,, Encheu de tal forma a plateia que fomos forçadas a subir os camarotes. A antipatia em pessoa que eu não sabia o nome juntamente com a burrice em pessoa combinaram que podíamos ir com eles para o camarote. O filme que levava era com Dóris Day e o narigudo cantor de jazz. Eu procurava prestar atenção aos filmes pois a antipatia que para o pior dos pecados é irmão do Nelson a todo custo queria pegar a mão da Selma (12 de julho até 15 de agosto de 1955).

³⁷ Embora fosse de responsabilidade da moça manter esse afastamento dos homens, existe uma passagem do diário que pode ser interpretada como um desabafo de que Clarice estivesse sendo abusada por alguém no cinema, ou de que ela estava flertando alguém que desejava: “ Cinema: Procura-se uma estrela. Fiquei lá atrás a espera da Yara Maria sofrendo a mão boba só que não era mão” (10 de junho de 1954).

Podemos notar que embora a regra de conduta fosse evitar contatos mais íntimos, as tentativas de aproximação eram possíveis e a amiga de Clarice rompeu com as normas de comportamento ao ficar de abraços com um flerte no cinema. Clarice julgou sua amiga sob uma ideia de reputação que deveria ser intacta e vigiada, não somente optando por se afastar da amiga como também informando aos familiares do acontecido. Embora os flertes começassem durante as sessões dos filmes, vemos que a saída do cinema e os espaços em torno desses estabelecimentos também propiciavam a continuação desses contatos. O ato de ir ao cinema era parte de um processo sucessivo de flertes que aconteciam no centro da cidade. Algumas passagens do diário sugerem um trajeto pela cidade que também foi mencionado durante as entrevistas que fizemos:

Dormi até tarde e fui ao cinema das duas horas com a Beatriz no Capitólio ver “O homem dos papagaios” e as quatro no Guarany ver “Sentinelas do deserto”. Dei uma volta na 15 e vi o Luiz Eduardo, ele deixou o bigode crescer um pouco. Chiquinho me encontrou e deu parabéns pela colaboração para com a “culturaarte”. Vim para casa, jantei e fui a missa das 8 horas (3 de outubro de 1954).

Bem agora posso descrever rapidamente meu domingo: missa da 11 na catedral, cinema das 2 “O mundo se diverte” pela 2ª vez 4 horas “Peter Pan” e “Aves aquáticas”, viemos depois para casa comer e dormir. Agora tenho passado quase diariamente pela casa do Juca e nem sinal dele, o pior é que meu amor por ele passou e isto está me fazendo perder a elegância e aquele choro tão agradável que dá no coração dos que amam (26 de outubro de 1955).

Esses passeios pela cidade eram um hábito da juventude para flertar e configuram-se em sociabilidades características do espaço urbano desde 1930. Nos relatos de Clarice, esses passeios aconteciam a rua XV de Novembro, praças e também após a saída da missa. Segundo Miguel e Rial (2013), a denominação para esse passeio é *footing* e foi um costume europeu introduzido no Brasil na primeira década do século XX, tendo auge entre os anos de 1930 a 1960. Devantier (2013) situa esses passeios em Pelotas principalmente na rua XV de Novembro e no entorno das praças centrais³⁸. Lucia Helena afirma que havia um trajeto feito onde era de costume que as moças andassem em grupos, circulando pela rua XV de

Novembro, evitando passar em frente o Café Nacional ³⁹(atual Café Aquários) , e seguindo até a praça Coronel Pedro Osório⁴⁰:

Praça Coronel Pedro Osório, mas lá dentro da praça pouco se andava, E ela é redonda né? Mas é naquela parte que vai da Félix da Cunha à Quinze que ia todo mundo por um lado e voltava pelo outro. Então a gente, por exemplo, tinham os guris que a gente estava interessada, passavam pela gente e nós sabíamos que iríamos até a esquina para fazer a volta e se encontrar de novo. Então de vez em quando acho que furavam e voltavam de novo, mas o certo é que ia todo mundo caminhando por um lado. Agora quando sobrava um banco se sentava porque eram poucos bancos que tinha... Depois às vezes atravessava a rua e ia na Quinze, e era na primeira quadra da Quinze (Entrevista realizada no dia 28 de março de 2017 com Lucia Helena Brauner).

O *footing* na rua XV de Novembro era “ocasião para o flerte, para trocas de olhares, gestos e códigos; [...] representou para as moças uma primeira oportunidade de ver e ser vista [...] (DEVANTIER, 2013, p.113)”. Essa rua era a principal da cidade e representava um espaço de circulação de códigos, práticas culturais e sociabilidades, se tornando um símbolo de referência de Pelotas – era considerada “vitrine de uma urbe moderna e civilizada” (DEVANTIER, 2013, p. 58), e também lugar de concentração de estabelecimentos de consumo como: “joalherias, salões de beleza, casas de modas, casas de calçados, pelarias, confeitarias [...] ateliês fotográficos, livrarias [...], cinemas [...], bazares, restaurantes e hotéis (DEVANTIER, 2013, p. 36). [...]

Como dito anteriormente, o desenvolvimento da cidade em 1950 fez dessa rua um espaço de grande circulação de pessoas: nos jornais, o aumento do trânsito de veículos e pedestres expressava o medo que a urbanização pudesse afetar os

³⁹ Segundo Devantier (2013), foi em março de 1942 que ocorreu a abertura do Café Nacional. Este estabelecimento, localizado na esquina da rua XV com Sete de Setembro, foi retratado pelos jornais da cidade como um ambiente modernizante. Atualmente, esse estabelecimento se chama café Aquarius, e é famoso por ser um espaço de sociabilidade masculina. Ainda que representasse um viés modernizador, para as mulheres era um local de assédio sexual e. Em entrevista com Lucia Helena ela relata que era aconselhável evitar passar na frente do estabelecimento para não sofrer com os assédios. Após esses anos o local tornou-se mais homogêneo, porém Lucia Helena ainda sente como se ela não devesse cruzar aquela parte da rua.

⁴⁰ No que se refere a praça enquanto espaço de sociabilidade Muller (2010) explorou os usos desses espaços no século XIX. Segundo a autora, a praça Coronel Pedro Osório ⁴⁰é desde 1832 um lugar de sociabilidade para festas religiosas, procissões, sermões e festas cívicas, como a comemoração do sete de abril, sete de setembro e dois de novembro. Muller (2010) afirma que passeios nessa praça não eram comuns nesse século, sendo apenas comuns na virada para o século XX, o que confirma a chegada do *footing* em Pelotas no período que antes mencionamos.

costumes desse espaço tradicionalmente representativo da riqueza pelotense. Para manutenção desse simbolismo de civilidade e modernidade, as mídias locais condenavam pessoas e comportamentos que pudessem desvirtuar sua elegância, exemplo disso eram as intenções das autoridades em proibir a circulação de trabalhadores nessa rua e também menções aos “moços bonitos” que faziam algum tipo de “algazarra” em público. Logo, transitar pela XV de Novembro não era comum ao que não correspondiam a um grupo social elevado, que através de seu comportamento e elegância se fazia visível para a sociedade. “A Rua XV estava para a circulação do mundo elegante, fazendo-se ainda a devida diferenciação da classe dos ‘não elegantes’, e que deveria exibir as melhorias dignas de uma cidade progressista” (DEVANTIER, 2013, p. 58).

Percebemos, durante a entrevista com Lucia Helena Brauner, a importância de se fazer ser vista nas ruas da cidade. Ela, ao apresentar um diário fotográfico em memória do romance com seu ex marido, relata a forma como eles se conheceram: ele estava passeando na rua XV de Novembro quando avistou na vitrine de uma loja de fotografias um retrato de Clarice ao lado de Lúcia Helena. A nossa surpresa durante a pesquisa foi desvendar que o ex marido de Lucia Helena se chamava Luiz Carlos Brody - O “Brody” é uma das paixões de Clarice dentro do diário: as narrativas dela mostram que eles tiveram um romance com um repentino término. Assim, o tão imaginado rosto de Brody foi desvendado. A fala de Lucia Helena nos indica que estar visualmente presente na rua XV de Novembro era importante para as moças de elite serem notadas pela sociedade, especialmente pelos rapazes. A fotografia exposta na vitrine despertou em Brody a curiosidade de saber quem era a moça (Lucia Helena) ao lado de sua ex namorada (Clarice). Em um baile no clube Brilhante, Brody pode pessoalmente ver a moça da fotografia, ele se aproximou de Lucia Helena durante o sarau e pediu sua mão para uma dança, após dançarem três músicas o romance entre os dois iniciou.

Figura 13: Primeira página do diário fotográfico de Lucia Helena para seu ex Marido.



Fonte: Arquivo pessoal de Lucia Helena Brauner.

Embora o namoro tenha começado através de uma dança, foi pela foto na vitrine da loja que o interesse de Brody em Lucia Helena surgiu. Podemos afirmar que para as moças da elite, era de suma relevância serem vistas em lugares exemplares da cidade, fosse nas colunas sociais dos jornais, nos clubes sociais ou então nas vitrines da Rua XV de novembro. Nas narrativas de Clarice tirar retratos em eventos sociais era comum. Em determinado trecho do diário ela exprime preocupação na demora em receber seus retratos e menciona os que estavam expostos na loja do fotógrafo: “o cuíca até agora nada dos meus retratos, o da Ilizinha de Madalena e o da Therezinha Boning de Verônica estão ótimas em exposição nas vitrines da Krentel” (8 de abril de 1956). A exposição de fotografias das moças da sociedade nos espaços públicos pode ser compreendida pela definição que Mauad (1996) atribui ao significado da fotografia “como eficiente meio de controle social, através da educação do olhar” (MAUAD, 1996, p. 11).

Embora o *footing* fosse um simples ato de passear, possuía comportamentos adequados. O flerte deveria acontecer sob “um contato discreto constituído por troca de olhares, gestos de cabeça e sorrisos comedidos. Nesse momento, era importante evitar mostrar-se excessivamente disponível” (PINSKY, 2014, pos. 9934). Os hábitos

e comportamentos das moças de família nos ambientes públicos estavam sempre sob atenção de todos. Isso significa dizer que possíveis deslizamentos de comportamento feminino em público poderiam circular nas rodas de fofoca, colocando em risco a reputação da moça. Nas passagens a seguir temos exemplos de Clarice flertando e também a atenção da família para seus comportamentos. No primeiro exemplo, Clarice recebeu uma advertência de sua mãe ao descobrir que ela passeou na rua com Brody; no segundo, vemos ela flertando com o namorado de alguma moça:

Ontem na frente do Café Nacional estavam o Luiz Eduardo, o Aluizio e o Bigio. Porém nada de novo aconteceu. Encontrei o namorado de Gilca Zumillo e sequei até ficar bem sequinho (15 de abril de 1955).

Encontrei-me com José Alberto, a mamãe não quer que eu ande com ele na rua e eu cometi a asneira de seguir a risca o que ela disse. Quero ser rica, viajar, e ser elegante e nada faço para isso creio que encarno o tipo típico brasileiro quer a que tudo me sonha nas mãos (30 de maio de 1955).

Ter um encontro na rua era um ato deselegante para uma moça na década de 1950. Estar sozinha com um rapaz era uma atitude condenável. Para atingir esse nível de contato era necessário atravessar várias etapas onde nem o namoro permitia que os amantes ficassem a sós. Os contatos entre homens e mulheres deveriam acontecer em companhia de alguém da família, fosse no cinema ou em casa. Podemos também interpretar a proibição desse contato de Clarice com o rapaz perante as diferenças econômicas de ambos. Quando Clarice diz “Quero ser rica, viajar e ser elegante e nada faço para isso...”, ela pode estar insinuando que Brody não seria um homem capaz de oferecer esse tipo de vida que ela almejava.

A elegância atribuída a esses passeios ia além dos bons comportamentos e maneiras de agir. A boa aparência era outro elemento importante para o *footing*. Era de costume que nesses passeios se usasse a melhor roupa para mostrar sua distinção. Nos diários Clarice demonstra preocupação em emagrecer para aparecer publicamente e conquistar seus flertes. Os trechos que ressaltamos abaixo são exemplos disso. No primeiro ela relata uma briga com sua mãe que resultou em um castigo. Apesar disso, ela interpreta esse castigo como uma oportunidade para evoluir e alcançar o sucesso de seus objetivos: ganhar experiência para os estudos e melhorar sua aparência na esperança de conquistar o “Juca”:

Hoje tem evasão ao meu espírito de porco pois a mãe estava mexendo com ele. Tenho a impressão que ela está querendo me

castigar, me fará muito bem. Pegou todos os meus vestidos, sapatos e miudezas e meteu tudo em duas malas que eu não sei onde meterá, coitada! Não fará bem ao seu sistema nervoso deixar uma pessoa predestinada como eu no chinelo. Em todo caso eu bem estou precisando de um tempo de exclusão, pois assim para não cair no tédio eu terei que me voltar para os estudos e para a literatura desenvolvendo bastante minha capacidade de estudo, e durante qualquer seja o tempo em que ela guarde as tais malas eu estudarei, escreverei não sairei de casa e não comerei. No fim deste tempo eu estarei mais estudiosa e com a pele melhor. Tirarei umas férias da 15 e quando aparecer o Juca se espantará com a minha beleza e a minha magreza vindo diretamente para mim enjoado de qualquer guria que ele esteja de olho. Se a mamãe fizesse tudo isto sem encher o dia com remorsos e desgostos isto seria proveitoso para ela e para mim (26 de setembro de 1955).

Hoje na praça estava o meu Juquinha por quem eu tenho que emagrecer um pouco. Se ele gostasse de mim que maravilha (1º de outubro de 1955).

No último trecho vemos a preocupação de Clarice com seu peso – assunto que já foi explorado em outros momentos dessa pesquisa. Contudo, é necessário lembrar novamente que nessa época, em grande parte das vezes, a felicidade de um homem estava para o sucesso profissional, e para a mulher a conquista do seu par afetivo. E a beleza, nesse sentido, se tornava fundamental. A pele bonita que Clarice almejava alcançar é uma entre as várias propagandas de beleza da época que atribuíam felicidade à uma boa aparência:

Na publicidade do Pond's, a mágica, que todo produto cosmético prometia, era de tornar a mulher numa outra, parecida aquela que depunha a favor da marca, mas que manteria conquistado ou conquistaria um marido e a felicidade para si, pois com uma pele impecável seria mais feliz, bela e distinta, tal como aquelas mulheres 'admiráveis' (SANT'ANNA, 2013, pos. 325).

Sant'Anna afirma que: “Coube aos anúncios dos diferentes produtos divulgar suas existências, mas, muito mais, agenciar a possibilidade ao consumidor e a consumidora, numa ação de emulação entre o seu corpo e aquele outro visto, descrito e garantido”. (SANT'ANNA, 2013, pos. 370). Essa emulação entre si e outro foi muito bem explorada e difundida através das propagandas de produtos e do cinema. Ambas mídias difundiam um discurso de associação entre felicidade, beleza e consumo que influenciou em um estilo de vida ainda hoje existente. A busca de Clarice pela beleza mostra que além dos regimes para perder peso ela destinava todas suas economias para manutenção de sua aparência, e sua circulação na cidade também estava em função disso.

“A distinção feminina, por sua vez, estava ligada à constituição de uma feminilidade que dependia da forma elegante de se vestir [...]” (SANT'ANNA, 2013, pos. 389). Logo, se o *footing* era um passeio em que a distinção se fazia através da elegância do trajés chiques, outros espaços sociais em que Clarice circulava cobravam diferentes roupas e comportamentos que deveriam corresponder a um modelo de mulher socialmente aceitável. Portanto, a seguir falaremos sobre o consumo para os cuidados de si, que também se configuravam como um lazer das mulheres

6.2 Amanhã vou bem cedo por que além de fazer as compras quero ainda dar uma olhada na praça: A moda como consumo e lazer

Se antes as mulheres da elite saiam para compras destinadas às necessidades do lar, na virada do século XX, o fazem na intenção de se transformarem em mulheres modernas. As mulheres, ao ultrapassarem os espaços privados para ocupar o público, tem, a partir dessa exposição, uma atenção e cobrança da sociedade com os cuidados da aparência. A sociedade de consumo que surgia no início do século investia especialmente para as mulheres um mercado de propagandas de produtos de beleza, roupa e utensílios domésticos. Sair as compras significou não somente deixar o lar, mas dar poder de decisão sobre o que elas pretendiam consumir. Segundo Miguel e Rial (2013) “a associação entre lazer e consumo ganha contornos bem nítidos no início da metade do século XX” (MIGUEL; RIAL, 2013, pos. 3096), e para as mulheres, o consumo tornou-se um “programa feminino”:

Além das compras, cuidar da aparência entra no rol das atividades comumente associadas ao “lazer feminino” e ligada ao consumo de produtos (cremes, perfumes, xampus, maquiagem, esmaltes, roupas, sapatos, acessórios, etc.) e serviços (salões de beleza, spas, aulas de ginástica, massagens, tratamentos etc). Moda e beleza tem lugar cativo nas propagandas voltadas ao sexo feminino (MIGUEL; RIAL, 2013, pos. 3096).

Nos diários de Clarice, percebemos sua preocupação com a aparência devido sua circulação nos espaços de sociabilidade que abordamos até aqui. Sant' Anna (2005), ao fazer um estudo sobre a aparência em Florianópolis na década de 1950, dissertou sobre como a imagem serviu como estratégia de poder das elites para com o resto da sociedade. A modernidade implicou em uma valorização da

imagem criando uma rede de consumos para sustentação das aparências e, dessa forma, a elite, em uma perspectiva de distinção instituiu padrões de elegância e beleza e os difundiu através de espaços sociais e de meios de comunicação:

[...] A moda é o que impulsiona os sujeitos a tomarem da aparência como o lócus de investimento e constituição da distinção social, que mais do que uma distinção entre as classes sociais é processo identitário, de si consigo mesmo e de si para com o outro; é a possibilidade de ser numa sociedade regida pelo mito da imagem (SANT'ANNA, 2005 p. 122).

Juscelina Bárbara Anjos Matos (2009) também discute a modernidade como um período onde a crescente urbanização da cidade expressou novos espaços de sociabilidade e um novo modo de viver em público preocupado com as aparências. Segundo a autora, os antigos espaços de sociabilidade como a casa e igreja foram sendo substituídos por cinemas, praças, clubes e teatros: “A intensificação da vida social com o surgimento desses espaços de lazer e sociabilidade provocou maior circulação de pessoas, requerendo maiores cuidados com a aparência, influenciando, assim, o consumo de moda [...]” (MATOS, 2009, p. 43).

Rui Jorge Moraes Martins Junior (2010) ao utilizar a moda como foco de análise das mulheres de elite de Belém mostra que os trajes eram importantes diante de um cuidado ao ser visto. Através de indicações sobre os espaços de sociabilidades femininos o autor mostra que, para cada ocasião, a roupa tinha uma específica atenção, transformando então o guarda roupa em um espaço repleto de diferenciados trajes. “Eram necessárias roupas para os bailes, para os passeios públicos, para as compras, para as missas dentre outros. Tais práticas não são tão novas, mas os usos das modas modernas visando abranger o espaço público representavam mudanças na sociabilidade” (JUNIOR, 2010, p. 63).

Em nossa pesquisa, os diários evidenciam que Clarice circula na cidade no intuito de se fazer ser vista, mas também para consumir. A confecção de roupas é majoritariamente seu foco de atenção de gasto econômico. Em suas narrativas percebemos que as relações com as roupas acontecem através de um processo criativo. Na fluidez do cotidiano, de acordo com expectativa de surgir novos bailes, casamentos ou festas havia a preocupação em criar o desenho de um vestido, ir à loja de tecidos, comprar o material, contatar uma costureira para confeccionar o vestido, fazer a prova da roupa e finalmente usá-lo para a ocasião que ele foi especialmente feito:

Tabela 3: confecção de vestimentas para bailes

	Ocasão	Característica
Tenho que emagrecer até dia 20, pois haverá um baile de grito de carnaval nos diamantinos. Acho que vou fazer um vestido bem decotado e encarnado e ir. Escolhi duas amostras de fazenda (5 de janeiro de 1955).	Baile de Carnaval/ Clube Diamantinos.	Vestido bem decotado e encarnado.
Hoje bati a cidade a pé. Mande fazer uma fantasia de baiana (19 de janeiro de 1955).	Baile de carnaval	Fantasia de baiana.
A Ely está fazendo um arranjo na minha antiga fantasia de folia. Da saia sairá uma cigana. Comprarei os colares sexta-feira (28 d janeiro de 1954). Hoje comprei os apetrechos para minha fantasia de cigana. Depois de amanhã é o baile do Laranjal Praia Club (3 de fevereiro de 1955).	Baile carnaval / Laranjal Praia club.	Fantasia de cigana - colares, faixa cintura e brincos de argola Costureira: Ely.
Faltou fazenda para os babados tenho ainda que comprar o colar, a pulseira e as medalhinhas para o lenço da cabeça. Mamãe mandou um telegrama avisando que chegará sábado e mandando reservar 2 mesas para o baile de sábado. Eu quis cumprir minha obrigação, mas a vó rabujou tanto que eu não pude sair nem para as compras nem para a mesa que ela pretendia custar o preço arcaico d 100 (15 de fevereiro de).	Baile carnaval.	Babados, colar, pulseira, medalhinhas, lenço na cabeça.
Amanhã farei a primeira prova da minha fantasia. hoje dei inúmeras voltas para vovó (14 de fevereiro de 55).	Baile carnaval.	Provar a fantasia.

Cheguei a ir até a costureira, mas o vestido ficava num despropósito, levava 5m de tule e 5 1/2 de filó, 1/10 de organza e 5 m de tafetá. Nós calculamos, ia para ai por dois contos e tanto, arranjamos uma desculpa e nos desatamos do compromisso. Quanto á mim já botei as fazendas na D.Graziela e hoje fiz a primeira prova (04 de fevereiro de 1956).	Carnaval/ Bloco.	Tule, Filó, Organza e tafetá. Costureira: Graziela.
Amanhã haverá reunião no clube comercial, irei com meu vestido verde filé, pois o de nervuras não deu certo e não ficará pronto pra amanhã (26 de outubro de 1954).	Baile no clube Comercial.	Vestido verde fliné.
Dia 4 no clube haverá um baile meu vestido de nervuras já está quase pronto. Hoje creio que experimentarei (25 de novembro de 1954).	Baile.	Vestido de nervuras.

As narrativas de Clarice nos levaram a abordar a relação entre roupas e espaços de sociabilidade em duas perspectivas: a primeira, pelo viés de perceber a moda como elemento constitutivo da sociabilidade pois perpassa as exigências de traje de cada espaço; e a segunda, onde a moda é um consumo associado ao lazer feminino e que também possibilita uma sociabilidade feminina. A roupa como elemento constitutivo da sociabilidade pode ser vista no quadro acima, pois a confecção das roupas era destinada para os espaços sociais, possuindo maior incidência em datas comemorativas como o carnaval. Acreditamos que diferente dos espaços de sociabilidade públicos, os clubes sociais, por serem mais formais imprimiam exigências de elegância nos trajes de forma mais intensa que outros espaços.

Os pesquisadores que utilizam a moda como uma fonte de estudo têm consenso em pensar a roupa como um documento histórico. Segundo Michelle Kauffmann Benarush (2013), “a roupa, quando vira memória, evidencia trajetórias cotidianas e propõe reflexões que devem ser comparas as suas representações textuais e imagéticas” (BENARUSH, 2013, pos. 918). Nos diários, além das narrativas apresentarem a roupa como um elemento central da sociabilidade de

Clarice, também evidenciam sua própria memória dos eventos que vivenciava a partir da descrição dos tecidos, cores e detalhes – festas a fantasias, bailes, casamentos - todos esses eventos e ambientes são descritos pela perspectiva das roupas. Nos diários, Clarice menciona seus objetos de consumo a partir da contabilização de sua mesada. Os diários além servirem para ela como um lugar de desabafo, também são um local de cuidado de si no sentido econômico, pois a partir dele ela se autoeduca economicamente. Abaixo temos exemplos do controle dos seus gastos e os desenhos de seus vestidos:

Vi um tropical espetacular 200 o metro, porém quero ver se poupo a minha mesada (12 de maio de 1955).

Ganhei minha mesada, 600 gastei, 300 em sapato, 8 em A Romana e 5 em Marvel, doces não sei quanto, sobraram-me 270. Separei 200 e gastarei os 70 (21 de abril de 1955).

Meus pobres 600 mal chegaram, pois um sapato de 300 e por ai vai (27 de maio de 1955).

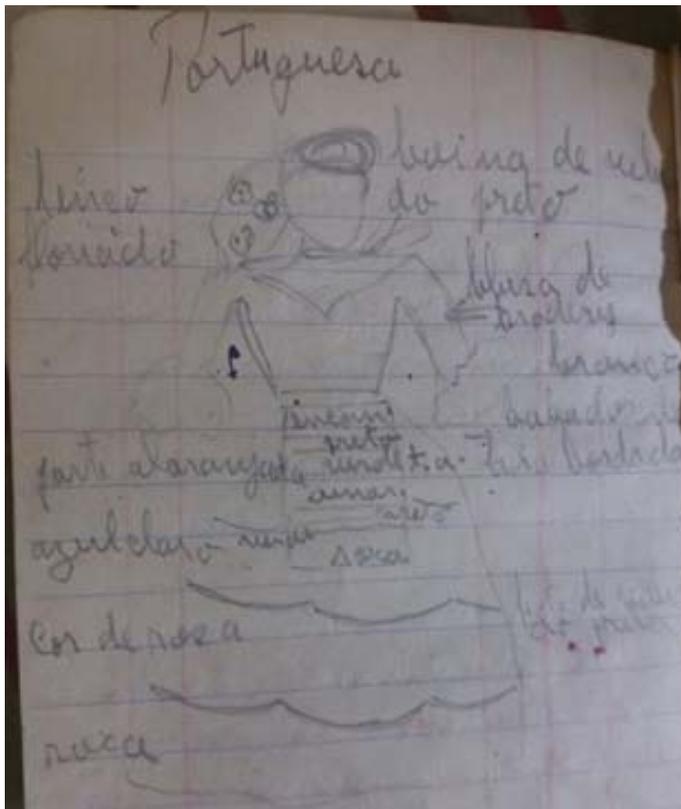
Hoje recebi minha mesada, vou começar por separar 200 para o Rio e o resto terei que pagar: 20 mensageiros da Salete, 45 em disco, 50 meias. Ver preço de um camião de nylon, calça e carpinhos comuns. Fazenda para um chambre (13 de março de 1955).

Gastei 150 em cinta e corpinho, 38 em brincos, patinha 25, Cinelândia querida e GH 19, a Tereza 10 (divida), rifa 10, três pastéis 11, empréstimo 4, Beatriz 2 reais (emprestado) e Berenice 20 reais (emprestado). total é 289.

Folhas da Irmã Maria Ene 3 reais, dinheiro da Genoveva 10, multa 0,50, Idade Nova 50, São Jose 20, um retrato por 50 e outro retrato por 30. Total 163,50 (15 de setembro de 1955).

Amanhã receberei meu dinheiro, porém tenho que pagar o cinto e o conserto do guarda-chuva, porém perdi a notinha dos dois, tenho que mandar consertar minha peteca e comprar roupas de baixo pois estou mal de soutiens. Vou começar a fazer economia, vou botar 150 de fora, 150 para emergência e 100 para economia (1º de abril de 1955).

Figura 14: Desenhos de Clarice



Fonte: Diário de Clarice Tavares Xavier.

Figura 15: Desenhos de Clarice



Fonte: Diário de Clarice Tavares Xavier.

Figura 16: Gastos de Clarice

Ganhei 200,00 para sapatos, casaca e gravata	
gravata	20,00
casaca	30,00
botão	50,00
B. estam-me	147,00
para pagar sapato	2,00
Idade e Bone	50,00
Sallete	25,00
Lez do Bie	35,00
Leda	4,00
	<u>72,00</u>
B. mistas	125,00
1 grande lute	5,00

Fonte: Diário de Clarice Tavares Xavier.

Figura 17: Gastos de Clarice

uma redação por int...	
2:27 de A bil de 50-	
Comecei outro mês e mais	
ainda não me pediu o	
toco do cadeteiro ela	
me deu 200,00	
Quisa	30,00
Payara	25,00
Prezisa	5,00
Bida Luanã	4,00
doce	4,00
quilito	1,00
leiros	4,00
moçai	<u>5,00</u>
	45,00

Fonte: Diário de Clarice Tavares Xavier.

De acordo com as anotações e contas matemáticas indicadas nos diários, era comum ela receber 600 cruzeiros por mês para gastar em suas preferências. Ao buscarmos um comparativo entre o salário de um trabalhador normal e a mesada de Clarice percebemos que um trabalhador nos anos de 1955 tinha 2300 cruzeiros⁴¹ como salário mínimo. Esse dinheiro provavelmente era o essencial para sobreviver, visto que o período em questão apresentava uma inconstância nos preços. Durante nossa pesquisa nos arquivos da Biblioteca Pública de Pelotas, os jornais informavam dia após dia mudanças de preços que afetavam a economia familiar dos trabalhadores. Dessa maneira, podemos interpretar que, sob o ponto de vista econômico, Clarice tinha 600 cruzeiros destinados apenas para seu lazer, sem se preocupar em guardar para sua sobrevivência. Em conversa com Carmem percebemos em seus relatos que o consumo com roupas era intenso. Segundo ela, a roupa era importante para apresentar-se diante da sociedade, e concluiu que havia “excessos” de consumo para manter as aparências:

⁴¹Fonte: <http://www.ocaixa.com.br/bancodedados/salariominimo.htm> Acesso em: 10.out.2017.

Mas sempre a gente tinha uma festa, tinha uma coisa, tinha outra que às vezes eu acho até que era um exagero porque pela situação que eu tinha de ser a tal, não pelas minhas amigas, a tal pra minha família, eles achavam que eu nunca tinha roupa e às vezes eu exigia deles um pouco demais exigindo roupas, mas eles *não* me davam. Depois eu fiquei com remorso na minha vida pensando né? Porque eu exigi tanta bobagem, não tinha necessidade de fazer isso, mas tá, tudo bem, Às vezes a gente não tem a cabeça ainda formada pra saber o que é demais e o que era de menos naquela época. Então era assim, tudo o que eu queria eu tinha quem me desse. Principalmente esse meu tio solteirão que morava na mesma casa que nós morávamos minha mãe, meu pai, minha vó, e que tinha paixão por mim. Ele me dava tudo que eu quisesse sabe? (Entrevista realizada no dia 15 de março de 2017 com Carmem Machado dos Santos).

Nos diários não há menção sobre os estabelecimentos comerciais em que Clarice consumia. Sobre o comércio de moda em 1950, constatamos que não existe com exatidão o número de estabelecimentos que ofereciam serviços de costura e tecidos. Contudo, Morgana Riva (2011) indica que na década de 1930 tinham aproximadamente 20 anúncios de estabelecimentos comerciais para esses serviços. Segundo Riva, as lojas de tecido de Pelotas na década de 1930 ofereciam roupas prontas, essas eram 40% mais caras que as confeccionadas por costureiras ou alfaiates. Essas lojas de tecidos também empregavam costureiras no próprio estabelecimento de venda.

Sobre a confecção de roupas, Michelin e Santos (2006) indicam que o ato de comprar roupas prontas era somente para pessoas com alta condição econômica. Bem como Sant'Anna (2013) afirma: “a maior parte da população, de renda média, comprava os tecidos e mandava confeccionar ou costurava ela própria, o que vesti.” (SANT'ANNA, 2013, pos. 393). Nesse sentido, o consumo para confecção de própria roupas além de ser um “lazer feminino”, também se configura enquanto uma sociabilidade feminina. O estudo de Maria Claudia Bonadio (2007) nos remete a pensar que a ida às compras se configura enquanto uma forma das mulheres circularem pela cidade, e as lojas de roupas e “fazendas” (tecidos) como um ambiente de consumo feminino e sociabilidade.

Durante a pesquisa, sentimos a ausência de referências sobre moda em Pelotas no período proposto, especialmente sob a perspectiva de quem costurava as roupas. Nos diários, Clarice menciona alguns nomes de costureiras; apesar de não termos referências sobre o trabalho dessas mulheres, buscamos perguntar em

entrevistas sobre essas pessoas. A modista Graziela⁴² foi a única lembrada, e também mencionada na pesquisa de Pelissari (2012).

Diferente de Clarice e Carmem, que possuíam suas costureiras, tivemos a oportunidade de conhecer alguém que produzia suas próprias roupas. Maria da Graça Gazzale, uma senhora de 76 anos de idade, mãe de 2 filhos e dona de casa, ao falar sobre sua vida relatou sobre a imigração dos seus pais para o Brasil. Filha de portugueses e também natural de Portugal, ela se instalou em Pelotas aos 11 anos de idade, e aos 13 anos conheceu Clarice. A amizade das duas surgiu através das roupas, ambas começaram a frequentar aulas de corte e costura em uma empresa chamada Singer. Nos diários, embora Clarice não faça menção ao nome de Maria da Graça, ela conta suas idas as aulas de corte e costura, especialmente na empresa referenciada por Maria da Graça.

Sobre as influências da moda para confecção das roupas, Carmem relatou que as mulheres consultavam as revistas de moda presentes nos ateliês das costureiras. Segundo ela, essas buscavam aconselhar suas clientes para a confecção dos vestidos com base nas imagens das revistas. Michelin e Santos (2006) falam sobre o cinema enquanto difusor de ideais da moda em 1920. As autoras afirmam que, por vezes, o cinema disseminou comportamentos “liberais” às mulheres e à moda. Essas produções cinematográficas foram criticadas pelos jornais devido o risco desviante com o comportamento das mulheres. Nesse sentido, ao historicizarem a importância da fotografia⁴³, as autoras afirmam:

Em 1920, a fotografia ainda constituía uma das principais fontes de notícia e informação visual. No que tange à moda, foi responsável pela divulgação do que se projetava nos centros de criação para e sobre os demais lugares, por distantes que fossem, desde que passíveis de apresentar público consumidor para periódicos ilustrados, motivados a surgir se potencialmente houvesse leitores (MICHELON; SANTOS, 2006, p.139).

O que podemos afirmar é que a imagem guiava os padrões de beleza da época, e o costume das mulheres observarem os trajes e mandá-los confeccionar foi comentando em nossa entrevista com Carmem. Ela, ao expressar a relação

⁴² Modista Graziella Gastal Simões Lopes.

⁴³ Riva (2011) também faz menção as fotografias nos jornais pelotenses em relação as moças da sociedade pelotense em coroações de clubes sociais, a historiadora afirma que através dessas ilustrações podemos ter acesso aos padrões de beleza da época, como por exemplo, cabelos curtos com ondulações naturais.

roupa/cliente/costureira, aponta o processo demorado que uma roupa levava para ficar pronta. Nos diários de Clarice, também podemos ver os ritmos de confecção dos vestidos para finalmente usá-los:

Ah, sim. Ah sim, tinha que mandar fazer antes, tinha que experimentar porque era costureira, não havia roupas prontas na nossa época pro nosso tamanho e pra nossa idade... Então a gente mandava fazer. Tinha, já tinha na época desenhista nas lojas. Então eles, as lojas vendiam *fazendas* e às vezes davam opiniões, e as próprias costureiras né, olhando muita revista de moda, muita revista de moda, elas abriam e diziam “olha, mas acho que assim fica melhor, assado fica melhor” e assim vai (Entrevista realizada no dia 15 de março de 2017 com Carmem Machado dos Santos).

Enfim, o que nos propomos aqui foi situar que o consumo, além de ter sido atribuído a um lazer feminino, se fazia necessário para Clarice na medida em que sua vida social se desenvolvia em torno de bailes nos clubes sociais, casamentos, aniversários ou qualquer ocasião especial. É possível imaginar que, sem fugir demasiadamente das tendências de moda da época, a confecção de roupas possuía um processo criativo com a personalidade de cada indivíduo. Como visto nos desenhos de Clarice, ela pensava suas roupas, cores e tecidos sob influência de uma mídia (revistas e cinema), mas também poderia imprimir suas próprias ideias nas criações dos seus trajes.

6.3 Se o *Mel Ferrer* fosse como no filme que maravilha. Aquilo nem é homem é super: as influências do cinema nas narrativas de Clarice

Como foi possível perceber até aqui, dissertamos sobre os espaços de lazer e sociabilidade de Clarice na cidade, indicamos sua frequência no cinema e circulação na cidade para consumo e flertes. Contudo, acreditamos que as diversas referências ao cinema presentes nos diários devem ser abordados para uma compreensão não somente da influência no cinema sobre suas narrativas, como também para toda uma geração.

As revistas que Clarice lia tinham em seus discursos críticas para a juventude que, em seu tempo livre, frequentava o cinema. Segundo Pinsky (2014), os filmes abordavam em suas tramas posturas amplamente condenáveis no Brasil. A autora mostra que as revistas femininas alertavam as suas leitoras sobre os cuidados com

o conteúdo dos filmes, afirmando serem “liberais demais” e enfatizando que aquela cultura não servia para ser reproduzida aqui. Nos diários, como já mencionamos anteriormente, Clarice anotou 35 filmes que ela assistiu. Por vezes, menciona os atores e sua opinião sobre as tramas e atuações. Em nossa pesquisa, não analisamos de forma intensa o conteúdo de cada filme. Contudo, acreditamos que seria proveitoso explicar sobre o gênero cinematográfico mais evidente que Clarice assistia. Dos 35 filmes citados por ela, encontramos informações apenas sobre 27 produções. Entre esses títulos verificamos 16 filmes de produção Norte Americana, 1 do Reino Unido e 10 do Brasil. Desse total de 27 filmes, optamos por selecionar aqueles que, em maior número, correspondiam ao mesmo gênero. Abaixo inserimos um quadro em que selecionamos 8 filmes do gênero “Musical”. De acordo com Del Priore (2012), os musicais geralmente tinham como trama temáticas o amor, os relacionamentos e comportamentos esperados:

Tabela 4: filmes citados nos diários

Filmes Musicais	Ano	País de origem	SINOPSE
A grande noite de Casa nova/ Casanova's Big Night	1954	ESTADOS UNIDOS/ <u>Paramount Pictures</u>	Itália, 1757. Assoberbado por dívidas, Casanova foge de Parma e seu alfaiate, Pippo Popolino, toma seu lugar em uma conspiração que deve resultar-lhe em rico casamento. Entre aulas de etiqueta e esgrima, Pippo precisa testar a fidelidade de Elena, nora da duquesa de Castelbello, e lutar por sua própria vida.
Desculpe a poeira/ Excuse My Dust	1951	ESTADOS UNIDOS	Joe Belden é um excêntrico inventor determinado a aperfeiçoar o seu mais recente projeto: um automóvel movido a gasolina. Apoiado apenas por sua namorada, Liz Bullitt, Joe descobre que a maioria de seus amigos e vizinhos pensam que seus esforços são absurdos. Más circunstâncias resultam em um mal-entendido entre Joe e Liz, uma situação que pode impedi-lo participar de uma grande corrida.
Roda da fortuna/ The Band Wagon	1953	ESTADOS UNIDOS	Tony Hunter (Fred Astaire), uma estrela dos palcos e das telas cinematográficas está em baixa. Por isso quando Lily (Nanette Fabray) e Lester Marton (Oscar Levant) o convidam para estrelar um leve espetáculo musical na Broadway, ele aceita o desafio. Os problemas chegam junto com o extravagante

			diretor da montagem, Jeffrey Cordova (Jack Buchanan), que transforma completamente a peça e exige a contratação da bailarina Gabrielle Gerard (Cyd Charisse), que não consegue se entender com Tony.
Noivas para 7 irmãos/ Seven Brides for Seven Brothers	195 4	ESTADOS UNIDOS	Adam, o mais velho de sete irmãos, vai para a cidade, depois do final do inverno, para comprar milho, utensílios para a fazenda e para arrumar uma esposa. Ele convence Milly, que trabalha no bar local, a casar-se com ele no mesmo dia. Depois Adam leva a noiva para seu lar, nas montanhas que circundam a cidade. Só então Milly descobre que Adam tem seis irmãos, todos eles vivendo na cabana. Milly precisa de muito tempo e paciência para “domar” os cunhados rústicos e brutamontes, que querem, a todo custo, seguir os passos do irmão e conseguir uma mulher para si próprios. Então, após ler sobre o mito do Rapto das Sabinas pelos romanos, Adam desenvolve uma solução criativa para a solidão dos irmãos: raptar as mulheres que desejarem.
México de Meus amores/ Sombrero	195 3	ESTADOS UNIDOS	Numa pequena cidade mexicana, Columba, uma bela jovem, Maria (Yvonne De Carlo), é mal vista apenas pelo simples fato de não fazer parte de alguma família ilustre. Mas a população não imagina que Alejandro Castillo (Vittorio Gassman), que pertence à família mais tradicional da cidade, é apaixonado por Maria. Paralelamente, por causa de uma tola rivalidade que existe entre Columba e Milpa Verde, dois jovens não podem declarar seu amor.
Corações Enamorados/ Young at Heart	195 4	Estados Unidos	O maestro Gregory Tuttle vive com as três filhas. Após receber o músico Alex para um jantar, eles passam a trabalhar juntos. Alex imediatamente chama a atenção das três mulheres, mas é Laurie quem desperta interesse no rapaz.
O mundo se diverte	194 8	BRASIL	Essa comédia musical conta a história de Damião, proprietário de uma companhia teatral que está enfrentando problemas nos negócios - mas, principalmente, no amor.
LUA PRATEADA/ By the light of the silvery moon	195 3	ESTADOS UNIDOS	Marjorie Winfield planeja se casar com Bill Sherman, que acaba de voltar da guerra. Os problemas familiares dos Winfield, no entanto, fazem Marjorie repensar seus planos enquanto tenta salvar o relacionamento abalado de seus pais.

Esses filmes se mostraram importantes para serem abordados aqui diante de nossa interpretação sobre como os discursos sobre o amor e relações amorosas tiveram influência nas narrativas de Clarice. O primeiro exemplo que podemos citar são as fotografias de artistas de cinema coladas nos diários. Abaixo, temos o retrato de Vittorio Gassman em uma cena amorosa de um filme chamado “Amleto”. Esse retrato mostra exatamente a descrição que Del Priore (2012) faz sobre os romances apresentados nos filmes da época, onde as características das cenas expressavam paixões avassaladoras, onde os olhares intensos figuravam o romance entre os casais:

Figura 18: Cena do filme *Amleto*



Fonte: Diário de Clarice Tavares Xavier.

Os musicais de produção cinematográfica americana foram caracterizados por Del Priore (2012) como filmes que exploraram o amor cortês, nos quais casais vivenciavam relacionamentos dramáticos, geralmente proibidos pela família ou sociedade, porém esses amores eram fortes o suficiente para vencerem as dificuldades. Exemplos desse tipo de trama são os filmes “México dos meus amores” e “Lua Prateada”. Também algumas tramas amorosas apresentavam histórias com triângulos amorosos, como, por exemplo, “Corações enamorados”. E, por fim, tramas que retravam casamentos, como o filme “Noivas para 7 irmãos”

Nos filmes que destacavam o relacionamento afetivo como eixo principal, a maioria das personagens femininas era apresentada em situação de triângulo. [...] As tramas ficcionais eram semelhantes: duas personagens se batem pelo amor de uma terceira “Depois do triângulo esclarecido, os maus eram punidos e os bons pares, felizes para sempre. Outro traço comum? O casamento como solução para qualquer problema” (DEL PRIORE, 2012, pos. 4647).

Os filmes da década de 1950 apresentavam o namoro através de um contato físico mais próximo, mas ainda com limites. Em todos os filmes, o beijo na boca não era comum, e somente acontecia quando o casal estava namorando. Geralmente, o beijo ocorria no encerramento do filme – isso porque durante toda a trama, é apresentado um longo processo de conquista do homem para a mulher, e consumir o beijo significava a concretização do romance: “Nas telas, os beijos era sinônimos de final feliz. Beijos tornam-se mais demorados, uma verdadeira arte de sucção bucal instala-se e todos a imitam. Beijar também passa a ser sinônimo de namorar” (DEL PRIORE, 2012, pos. 4813). Durante entrevista com Lucia Helena Brauner, ela relatou que essas cenas causavam euforia na plateia do cinema: “Depois quando começava o filme apagava a luz e quando corria assim numa cena do filme que saía um beijo todo mundo gritava e batia os pés, mas era assim rápido, não era uma coisa demorada” (Entrevista realizada no dia 28 de março de 2017 com Lucia Helena Brauner).

O beijo, tanto nos filmes como na vida cotidiana das moças, fazia parte de uma etapa do romance que acontecia quando o relacionamento estava encaminhado para o casamento. Em conversas com as senhoras que entrevistamos, perguntamos sobre os beijos: elas relataram que não beijavam seus flertes ou namoradinhos. Existe uma passagem do diário em que Clarice também expressa essa ideia com relação ao beijo: “Fui tomar banho no Laranjal lá estavam o Haertal e um outro que eu tinha a louca esperança que fosse o Farley Granger, mas que segundo as gurias não era. A conversa girou sobre beijos, Marilene etc e tal. Eu disse que não beijava ninguém mas que se beijasse seria na boca (só depois de casada)” (7 de dezembro de 1954).

O Farley Granger é um ator americano que contracenou em alguns filmes da década de 1950. A popularidade do *american way of life* é visível nas narrativas de Clarice. As narrativas que imprimimos abaixo mostram que, por vezes, ela termina o relato do seu dia utilizando palavras em inglês – essa influência americana na linguagem dos jovens da década de 1950 foi abordada Pinsky (2014), onde a autora

mostra que expressões em inglês eram comuns entre os jovens e em crônicas das revistas.

Por vezes, Clarice faz referência a algum flerte usando nome de atores americanos (como no exemplo do Farley Granger) ou idealizando que seus flertes fossem como esses atores. Algumas passagens dos diários indicam que a beleza e personalidade desses galãs de Hollywood era uma expectativa a ser alcançada nos tipos de homens que ela gostaria de flertar ou namorar. As fotografias de atores norte americanos coladas em algumas páginas dos diários de Clarice representam o encanto desses no imaginário feminino. Ao que tudo indica, essas fotografias foram recortadas de revistas, contudo ela cita também trocas de correspondências com esses artistas na tentativa de receber retratos autografados. Sobre isso, durante nossas conversas com Lucia Helena Brauner, ela esclareceu que era comum a montagem de álbuns com fotografias dos principais ou favoritos artistas de cinema da época, assim como também a troca dessas fotografias para completar os álbuns:

Dancei com um tal de Hipólito feio mas na falta de hoje. O Farley Granger estava lá e eu para (...) apaixonada. O cretinho também estava cretinando (4 de dezembro de 1954).

Passei a noite sonhando com Mel Ferrer, que espetáculo de homem. Se existisse um assim por aqui eu pegaria de qualquer jeito (19 de agosto de 1954).

Se o Mel Ferrer fosse como no filme que maravilha. Aquilo nem é homem é super (19 de agosto de 1954).

Bem já está tarde e eu me sinto tentada a deitar. Portanto um beijo para o Tony outro para o Mel e Boa noite. Good Night Mr., Ehos (sem data).

No radio está tocando uma valsa tão sugestiva a recordações mas eu coitada que recordações posso ter, nenhuma. Portanto nada me resta senão ficar triste sem motivo. O spilner disse que o nome da valsa é valsa de Melba Melba é o nome daquela grande cantora que tinha uns admiradores tão queridos no filme. Eu acho que desse tipo de homem nunca verei portanto é melhor conformar-se pois eles só existem na Europa. Principalmente em Paris... (19 de outubro de 1954).

Mas deus escreve direito por linhas tortas, pode ser que eu ache um marido muito bonito tipo Mel ou Tony e vá morar na Europa. Bem, por hoje chega. Um beijo para o Tony. B by Clarice (19 de outubro de 1954).

Ontem fui ver o Conde de Monte Cristo e crente que ia ganhar um retrato do Tony Curtis ganhei um da Dóris Day que dei depois de presente para o José Antônio (1 de novembro de 1954).

Ontem recebi um retrato do Mel Ferrer, não causou a mesma sensação do Kirk Douglas mas também apreciei (3 de janeiro de 1955).

Ganhei um retrato do Vittorio Gassman que estava um espetáculo (6 de dezembro 55).

Eu pretendo escrever outra vez para o Bob Wagner e para um outro qualquer (14 de fevereiro de 1955).

Figura 19: Marlon Brando



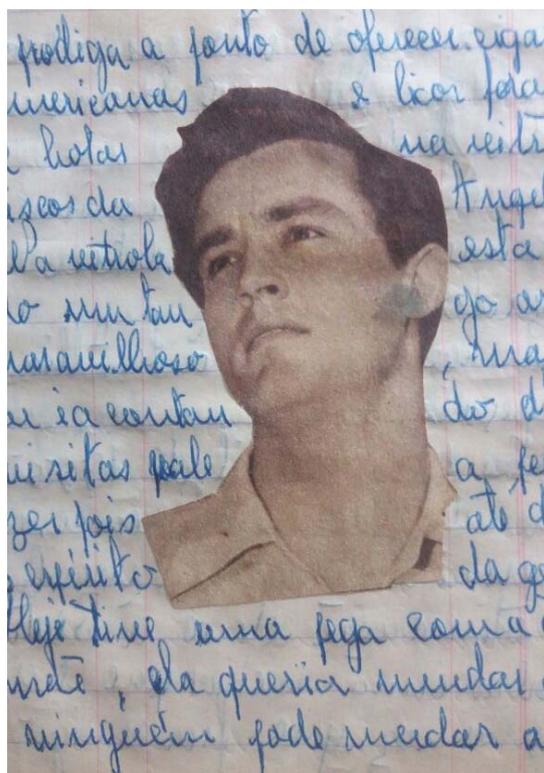
Fonte: Diário de Clarice Tavares Xavier.

Figura 20: Shelley Winters e Vittorio Gassman



Fonte: Diário de Clarice Tavares Xavier.

Figura 21: Vittorio Gassman



Fonte: Diário de Clarice Tavares Xavier.

Figura 22: Vittorio Gassman



Fonte: Diário de Clarice Tavares Xavier.

Tony Curtis, Mel Ferrer, Kirk Douglas, Vittorio Gassman e Marlon Brando eram os galãs da época. Nas fotografias presentes nos diários, Vittorio Gassman tem maior evidência, existindo apenas um retrato de Marlon Brando. Esses artistas, nos filmes americanos, representavam um modelo de homem onde a força e virilidade eram figuradas pelo corpo esbelto e forte e pelas atitudes de valentões. Sobre as atitudes masculinas, Miguel Angel Schmitt Rodriguez (2008) afirma que “o cinema se utilizou do cigarro para dar aos seus personagens um tom sério e caracterizá-los como típicos ‘valentões’” (RODRIGUEZ, 2008, p. 72).

Um exemplo desse comportamento masculino está no relato de Clarice sobre a atuação de Marlon Brando no filme “O selvagem”, onde ela afirma que o personagem representa o típico homem desejado na época: “Levou um filme com o Marlon Brando que aliás mostra a classe dele trata-se de ‘O Selvagem’ em que ele trata de transfigurar-se no ideal de cada garota ⁴⁴ (bem feminina e clara) em

⁴⁴ Outro aspecto importante aos filmes são a maneira como as mulheres deveriam ser: jovens e lindas. Nesse sentido, as loiras tiveram seu auge nas décadas de 1950. Marlene Neves Strey (2004) explicita que as loiras eram vistas como “burras”, e exemplifica as personalidades distintas que essas poderiam seguir: Grace Kelly representava um estilo de mulher sofisticada e da alta sociedade, enquanto Marilyn Monroe era a mulher fatal e sensual e possuía o corpo atraente que toda mulher gostaria de ter. Dentre outras atrizes existiam outros tipos de mulheres que serviam de referência. As

particular quanto a mim tratarei de escrever-lhe para pedir uma fotografia” (6 de julho de 1956). Na pesquisa de Rodriguez (2008), existe uma análise sobre esse filme, onde o autor interpreta o uso do cigarro como símbolo de virilidade no personagem atuado por Marlon Brando. Além disso, ele descreve a maneira como as roupas e atitudes desse personagem transfiguram a juventude rebelde que surge a partir de 1950:

O selvagem é um filme recheado de elementos que serão partilhados pela cultura jovem nascente. Calça jeans, camiseta e jaqueta de couro substituem a calça social, a camisa e o blazer. Na junkebox a música escolhida é o rock’n roll. E o desejo de buscar aventura viajando sem destino pelas estradas do país contribui na produção do culto pela motocicleta e pela velocidade. Marlon Brando dá ao seu personagem características tão bem definidas que podemos dizer que Johnny acaba por se tornar o protótipo do jovem rebelde. No papel de protagonista da história ele age sempre por instinto, não se deixa aprisionar por moralismos, e faz da vontade de seu corpo a única lei a ser seguida (RODRIGUEZ, 2008, p. 76).

Para o autor, a “sociedade de consumo”⁴⁵ transformou objetos até então vazios de significados em valores atribuídos a quem os consome. Rodriguez (2008), ao analisar o significado do uso cigarro nas produções cinematográficas, interpreta esse objeto como um símbolo de liberdade e prazer a ser consumido pela juventude. Nos diários, na maioria das vezes, Clarice conta estar fumando escondido da sua família, sendo poucas as ocasiões onde se sentia tranquila para isso: “Com um cigarrate Chesterfield na boca e o baião de Ana tocando esforço-me para ver se sai alguma coisa. Desejo escrever mas não sei se sairá alguma coisa” (17 de janeiro de 1955). O cigarro americano “Chesterfield” é mencionado nos diários e é referenciado por Rodriguez (2008) com anúncios onde os atores de Hollywood fazem propaganda desse produto. Um exemplo usado pelo autor foi a propaganda de Ronald Regan,

“Estrelas-adolescentes” citadas por Strey (2004) eram as atrizes favoritas do público jovem e estão presentes na lista de filmes assistido por Clarice. Dentre elas temos Dóris Day em “Corações enamorados” e “Lua Prateada”; e a atriz Píer Angeli em “México de meus amores”. Segundo essa autora essas atrizes representavam nas telas as seguintes personalidades: “Elas eram bonitas, atrevidas, boas dançarinas, corajosas, companheiras no banco de trás das motocicletas. Podiam ser uma espécie de moleque que mais tarde seriam transformadas em cinderelas. Para as adolescentes, especialmente vulneráveis, os filmes estruturavam o comportamento e padronizavam os valores” (STREY, 2004, p. 247).

⁴⁵ Na sociedade de consumo, quando se compra um determinado produto adquire-se junto com ele toda uma carga de informação subjetiva referente. No consumo não se busca somente a aquisição de um bem em motivo de suas qualidades funcionais, quer-se sempre fazer parte de uma comunhão de sentimentos partilhados (RODRIGUEZ, 2008, p. 27).

ator de cinema da década de 1950 cujo slogan foi o seguinte: “Eu estou enviando Chesterfields para todos meus amigos. Este é o melhor natal que um fumante pode ter – Chesterfield, maior suavidade sem deixar mau hálito” (RODRIGUEZ, 2008, p. 31). A mensagem desse *slogan* pode ser comparada com o relato de Clarice sobre uma visita que fez a uma amiga; na passagem abaixo, vemos os cigarros americanos sendo compartilhados entre amigos tal como na propaganda acima referenciada:

Fomos a casa de Leda Gervini fazer uma visita ela começou a oferecer coca cola com biscoito champagne e foi tão pródiga a ponto de oferecer *cigarretes* americanos e licor *français*, e botar na vitrola discos da Ângela Maria. Na vitrola está tocando um tango argentino maravilhoso, mas como eu ia cantando destas visitas vale a pena distrair o espírito da gente (10 de abril de 1956).

Sob uma perspectiva feminina o cigarro teve uma conotação diferente com relação aos homens. “No contexto dos movimentos de emancipação da mulher, o cigarro representou um símbolo de liberdade e autonomia ligado ao estabelecimento de novas formas de se relacionar com a sexualidade” (RODRIGUEZ, 2008, p. 68). No cinema, as personagens femininas fumantes agiam como sedutoras e distantes dos estereótipos da mulher ingênua, inocente e pura. Segundo Rodriguez: “Ao acender seus cigarros, as personagens declaravam estar prontas para tomar a iniciativa: prontas para dar o primeiro beijo e convidar, abertamente, os homens aos prazeres do amor.” (RODRIGUEZ, 2008, p. 57). O ato de uma mulher fumar foi dito em conversas informais com as entrevistadas como “estar à frente do seu tempo”. Silvia Sasaki (2010) considera o ato de fumar uma forma de sociabilidade da mulher moderna. Através de revistas femininas essa autora constata os elementos subjetivos do cigarro enquanto um artigo de luxo a ser consumido, e verifica também a influência do cinema Hollywoodiano no consumo desse objeto:

As peças publicitárias da marca Hollywood encontraram no cinema seus principais efeitos simbólicos. Da ilustração mais simples, como a montagem de um cenário cinematográfico, até a alusão do charme das atrizes, construiu-se um imaginário que interliga o prazer de fumar ao sucesso. (SASAKI, 2010, p. 3)

Logo, acreditamos que é de suma importância tangenciar de que maneira essa mídia atingia o cotidiano e os hábitos de quem os assistia. Concluímos que o cinema além de ter sido um ambiente de sociabilidade importante na década de 1950, também influenciou os relacionamentos e subjetividades de quem os consumia.

Para concluir, vimos neste capítulo que o lazer e a sociabilidade na cidade, para moças de elite, se configurava como um reflexo de uma cidade que se modernizava. Da ocupação de espaços, como a rua XV de Novembro e as salas de cinema, a sociabilidade da elite caminhava ao lado dos avanços e modernizações que chegavam na Pelotas de 1950. Os espaços da cidade serviam para que as moças de elite fossem vistas. por isso, práticas como o footing, a compra de bens de consumo estético (como tecidos para a confecção de roupas) ou as idas às salas de cinema eram mecanismos de visibilidade, flerte e interação com homens e amigas. Fica claro, também, que a sociabilidade “pública”, nos espaços da cidade, era fortemente influenciada, no caso de Clarice, pela subjetividade narrativa apresentada através dos filmes de Hollywood - focados no romance e nas relações românticas. Este contexto de sociabilidade, portanto, era marcado pelo flerte, pelo romance e pela visibilidade. Acima de tudo, destaca-se que a modernização urbana e tecnológica (por meios dos longas-metragens) tiveram forte impacto nas relações interpessoais das moças de elite de Pelotas em 1950.

7 Epílogo: a vida de Clarice após os diários

Após o término dos diários, Clarice não narrou mais suas experiências de vida. Apesar disso, a narrativa sobre os caminhos de sua vida não ficou esquecida. Durante a pesquisa, conversei com pessoas que apontaram as diversas faces da personalidade de Clarice, assim como também algumas interpretações sobre os rumos de sua vida. As fontes orais que coletei poderiam estar em um capítulo sobre a trajetória de Clarice, contudo, optei por escrever essa seção a partir, eminentemente, de minhas próprias memórias sobre sua vida após a juventude.

No final da década de 1950, após o término dos estudos na escola, Clarice foi sozinha residir na cidade do Rio de Janeiro, com o intuito de ingressar na faculdade: sua escolha foi cursar Assistência social. Nesse período, Clarice beirava os 20 anos; foi então que se apaixonou e namorou um certo Alécio Milan - ele era natural de Monte Mor, município localizado no estado de São Paulo. Era filho de imigrantes italianos e contador em uma empresa atacadista de carne no Rio de Janeiro. O envolvimento amoroso de Clarice com Alécio, em comparação com a educação que ela recebera durante a juventude, mostra que ela não seguiu a "cartilha" das mulheres da elite no que tange à busca de relacionamentos com homens de alta condição econômica. Clarice e Alécio se casaram em meados da década de 1960, após ela descobrir que estava grávida de um menino cujo nome era Marcos Alécio.

O nascimento de seu primeiro filho foi o início de uma vida em família, ainda quando Clarice era jovem e estava terminando sua faculdade. No entanto, um acidente mudou essa nova vida. Um dia, enquanto ela estava em sua residência carioca, Marco Alécio, então com 2 anos de idade, despencou da sacada do apartamento em que viviam. Esse acidente foi traumático para Clarice e para seu casamento. A morte de Marcos Alécio foi difícil de ser superada por ambos, contudo, não impediu seu anseio de voltar a ser mãe. Em 1967, Clarice engravidou de gêmeos, Mauro e Mauricio. O nascimento prematuro do par trouxe riscos para a saúde dos bebês e, por essa razão, veio a óbito Mauricio. Três anos mais tarde, quando ainda residia no Rio de Janeiro, nasceu João Feliciano. Em 1971, Clarice e Alécio foram morar no Rio Grande do Sul, em um distrito próximo de Pelotas chamado Capão do Leão. Lá se instalaram na Estância Santa Tecla, o local de

veraneio da família de Clarice. Na nova residência, Alécio colocou em prática os ensinamentos agrícolas que recebera da sua família e iniciou o plantio de tomate paulista nas terras da Estância, enquanto Clarice começou a vender, na cidade, doces sob encomenda. Em seguida, ela se tornou mãe novamente; dessa vez, de uma menina chamada Lorena, em 1973. Clarice, ainda, foi aprovada em um concurso para Assistente Social no INSS e, em 1976, ela voltou a residir em Pelotas.

Com a vinda de mais filhos, a família enfrentou novos problemas. No final dos anos de 1970, Clarice pediu o divórcio de Alécio. Porém, antes da efetivação da separação, Alécio sofreu um acidente de carro e faleceu em 1979. Após sua morte, Clarice enfrentou ainda mais uma perda, a de seu pai, o que provocou uma condição econômica vulnerável, já que agora era responsável por criar, sozinha, 3 filhos. Assim, além de trabalhar no INSS, Clarice também locava cômodos de sua casa, de forma a aumentar o rendimento econômico da família. Nessa fase, Clarice vivenciou, em sua casa, o contato com diversas pessoas de diferentes gerações, níveis culturais e econômicos – selando, portanto, o afastamento com a imagem de jovem de elite que demonstrara em seus diários, redigidos mais de 20 anos antes. Aos 45 anos de idade, surgiram problemas de saúde que obrigaram Clarice a se aposentar, por invalidez, de seu emprego.

Após a aposentadoria, Clarice passou a se sustentar com o valor da seguridade e dos aluguéis. Com o crescimento de seus filhos (e a formação de suas próprias famílias), Clarice passou a conviver com a juventude, exercendo sua singular sociabilidade e oferecendo inúmeras festas em sua casa. O resultado destes novos círculos e da vida “boêmia” que se seguiu à aposentadoria foi, assim, um grupo de jovens amigos chamado de “Turma da Murissoca”; esse novo círculo de amizade representou uma fase de muito divertimento na vida de Clarice, em especial diante dos problemas de saúde que ela enfrentava. O período, contudo, foi breve: Clarice morreu aos 62 anos de idade, na cidade de Pelotas.

Atualmente, a “Turma da Murissoca”, ainda existente, confraterniza anualmente em uma festa de recordação à memória de Clarice.

8 Considerações finais

“Por aqui vou terminando visto que esta pobre cadernetinha promovida a diário. Muitas águas correram desde o comecei, ele traz em garranchos gravados momentos de alegria ou tristeza, euforia ou angustia.” A conclusão de Clarice sobre seus diários é a síntese do que as escritas de si são para quem as escreve: um espaço de reflexão e desabafo repleto de sensibilidades. Se para Clarice esse é o fechamento de suas escrituras, para nós é algo diferente. Como historiadora, concluí que os diários íntimos são fontes que podem ser analisadas sob diversas óticas. Os capítulos que apresentei tiveram a intenção de, através das narrativas de Clarice, analisar o complexo espaço de circulação de uma pessoa - uma mulher - de determinado grupo - a elite pelotense.

A manutenção e garantia de que os valores morais e culturais de uma mulher de elite fossem mantidos na cotidianidade de Clarice são fatores constantes em todos locais e momentos de lazer e sociabilidade. No espaço privado, a prática de escrita e leitura, apesar de aparentemente denotar uma atividade de introspecção e liberdade para escrever e ler, é em verdade um momento de controle interno (consciência de Clarice) e externo (valores da sociedade). Na escrita, mostrei que Clarice, ao pretender se aventurar na escritura de romances, expõe sentimentos de insuficiência literária que, na minha interpretação, são resultantes de um longo processo histórico de depreciação das criações de uma mulher. A insuficiência literária sentida por Clarice não é única a ela; parece ter sido comum que as mulheres que, no decorrer da História, pretenderam mostrar sua visão de mundo com autoria própria, atravessassem momentos de desvalorização do uso da palavra.

Ainda dentro do espaço privado, as revistas lidas por Clarice são o apoio pedagógico de uma sociedade que pretendia subjugar as mulheres aos modelos pensados por aqueles que detinham o poder (homens). Essas leituras reforçam a repressão sexual e o desenvolvimento intelectual enfocando seu conteúdo em assuntos que dizem respeito ao que deveria ser importante para a vida das mulheres: o casamento. Essa busca matrimonial revelada pelas revistas aponta as diversas maneiras que essas mulheres deveriam ser e se portar para atingir tal objetivo. A beleza e os bons modos expressos por essas mídias são elementos que

entram em conflito com a identidade de Clarice, já que ela não correspondia aos padrões de beleza que essas revistas incutiam no imaginário social.

Os espaços educacionais de Clarice foram evidenciados como instituições que pretendiam também direcionar as mulheres ao modelo social difundido nas mídias. O Colégio São José, por exemplo, foi uma instituição em que a educação das meninas era direcionada para o desenvolvimento de saberes do lar. Além da aprendizagem para o lar, era esperado que as mulheres de elite fossem cultas, e exemplo disso são as aptidões em piano, língua francesa e artes, de modo que conseguissem se portar bem ao lado dos homens. Esses conhecimentos eram valorizados pelas elites no século XIX, e se mantiveram em Pelotas no século XX. Os diários de Clarice esclarecem que o intuito dessa educação era agregar valor cultural para atender as exigências dos pretendidos matrimônios com homens da elite. Nesse sentido, não bastava que essas fossem apenas boas donas de casa, mas também soubessem se distinguir das demais servindo como exemplo do poder cultural do grupo social

No capítulo em que abordo os espaços de sociabilidade das associações recreativas, a intenção de manter as moças em contato com os pretendentes da elite se torna mais clara, pois com os bailes nos clubes sociais existia um ambiente festivo mais propício para o início desses relacionamentos. As narrativas de Clarice sobre esses espaços são permeadas por conclusões de causa e efeito: Clarice atribui seu insucesso em conquistar algum par amoroso devido a sua aparência não ser correspondente ao desejado na época. Os sentimentos de fracasso exposto por Clarice aconteciam quando, durante os bailes, ela não era convidada para uma dança. Dançar com alguém era a ocasião propícia para o flerte, possibilitando momentos de intimidade suficientes para evolução nos relacionamentos.

Por fim, o capítulo sobre os espaços públicos de lazer e sociabilidade no centro da cidade também apresentam o flerte como foco na vida de Clarice. Os trajetos feitos no entorno das praças e ruas principais após as sessões de cinema configuram uma maneira de se fazer ser vista para esses pretendentes. Destarte, questões relacionadas às aparências são retomadas no sentido de dar enfoque nas distinções que se pretendiam alcançar através dos trajes, do consumo no comércio e determinados locais de circulação.

De maneira geral, minha pesquisa aponta uma nova sociabilidade das elites, diferente daquela do século XIX. Na década de 1950, apesar das elites vivenciarem

mudanças econômicas diferentes do passado, a tentativa de se manter em evidência nos espaços da cidade perdurou. Os locais de lazer e sociabilidade que propus explicitar, antes redutos mais proeminentes das elites, demonstram uma gradual democratização, o que faz com que as elites buscassem se manter ativas de maneiras distintas. Para as mulheres, se em outrora a sociabilidade se mantinha no espaço privado, agora a liberdade para circular nos espaços da cidade implica em uma nova forma de se relacionar. O casamento continua sendo o objetivo final da vida de uma mulher, contudo, com mais flexibilidade para escolha do par amoroso.

Portanto, o que concluo com este trabalho é que, em todos os capítulos dessa dissertação, tive a pretensão de referenciar os lugares de circulação das elites sob a perspectiva de Clarice. Essa pretensão inicial, acompanhada do processo de escrita, me mostrou que os diários são fontes potenciais para extrapolar a temática aqui estudada. Cada capítulo que desenvolvi abriu caminhos para novas discussões que dizem respeito à História das sensibilidades, relações de gênero, História da cultura escrita, História da moda, entre outros. Dessa maneira, acredito que estudar diários íntimos é desafiador devido ao leque de possibilidades de assuntos a serem aprofundados durante o manejo da fonte. Essa amplitude de assuntos são o alerta que percebi para os cuidados que precisei ter para evitar desvios do foco de pesquisa. Por isso, explicito que durante a pesquisa muitas escolhas foram feitas no que se refere aos conteúdos a serem desenvolvidos, e acredito que minha tentativa foi de abarcar ao máximo o mais importante nos diários. No processo de escrita dessa dissertação, surgiram ideias de um fechamento sobre o que aconteceu na vida de Clarice após o período dos diários. Apesar de ser importante para História trazer aspectos da vida de um indivíduo, acredito que essa etapa da trajetória de Clarice pode ser desenvolvida em outros trabalhos, assim como também haver um maior aprofundamento sobre alguns aspectos discutidos nessa pesquisa.

Fontes Documentais:

Diário de Clarice Tavares Xavier (9 de maio de 1954 até 27 de fevereiro de 1956, Acervo pessoal da autora).

Histórico escolar de Clarice Tavares Xavier - Acervo Colégio São José - Pelotas
Jornal A Opinião Pública, 1954, Pelotas. Acervo da Biblioteca Pública Pelotense.

Fontes Orais:

Entrevista realizada, pela autora, no dia 15 de março de 2017 com Carmem Machado dos Santos.

Entrevista realizada, pela autora, no dia 28 de março de 2017 com Lucia Helena Brauner.

Referências Bibliográfica

ANJOS, Marcos Hallal dos. **Estrangeiros e Modernização**: A cidade de Pelotas no último quartel do século XIX. Pelotas: Ed. Universitária/UFPEL, 2000.

ARAGÃO, Georgy Pontes Vieira de. **Meios de comunicação como construtores de uma imagem pública**: Juscelino Kubitschek através das revistas Manchete e o Cruzeiro. Dissertação (Mestrado) - Curso de mestrado em bens culturais e projetos sociais, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, CPDOC, 2006.

ARAUJO, Patrícia Simone. **Vasculhando a vida alheia**: o diário íntimo de José Vieira Couto de Magalhães (1880 – 1887). Dissertação (mestrado) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2013.

AREND, Silvia Fávero. Trabalho, escola e lazer. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). **Nova história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2012

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico**: dilemas da subjetividade contemporânea. Tradução de Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 9-34, jul. 1998. Disponível em:

<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2061>. Acesso em: 13 Out. 2016.

BARRETO, Álvaro A elite em festa: a comemoração do Carnaval de Pelotas na década de 1910. **Estudos Ibero-Americanos**, PUCRS, v. 37, n. 2, p. 232-249, jul./dez. 2011 Disponível em : <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/iberoamericana/article/viewFile/8999/7405>

BARRETO, Alvaro; SILVA, Fernanda Oliveira da. Verbete Clube Diamantinos. In: LONER, Beatriz; GILL, Lorena e MAGALHÃES, Mario (Orgs.). **Dicionário de História de Pelotas. Pelotas**: Editora da UFPel, 2012.

BARRETO, Alvaro. Verbete Clube Brilhante. In: LONER, Beatriz; GILL, Lorena e MAGALHÃES, Mario (Orgs.). **Dicionário de História de Pelotas. Pelotas**: Editora da UFPel, 2012.

BENARUSH, Michelle Kauffmann. Moda é patrimônio: o pensar da roupa no museu. : Indumentária e moda: caminhos investigativos 2013.In: SIMILI, Ivana Guilherme; VASQUES, Ronaldo Salvador (Orgs.). **Indumentária e moda: caminhos investigativos**. Maringá: Eduem, 2013.

BITTENCOURT, Ézio da Rocha. **Da Rua ao Teatro; os prazeres de uma cidade: sociabilidades e cultura no Brasil Meridional**. 2ª edição. Rio Grande: Ed. da Furg, 2007.

BLANCHOT, Maurice. **O livro por vir**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BONADIO, Maria Cláudia. **Moda e sociabilidade: mulheres e consumo na São Paulo dos anos 1920**. Senac, 2007.

BONI, Paulo César. **Fotografia: usos, reflexões e repercussões**. Midiograf, Londrina, 2014.

BORGES, Vavy Pacheco. Uma mulher e suas emoções: o diário de Eugénie Leuzinger Masset (1885-1889). **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 19, p. 113-143, mar. 2016. Disponível em: <http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8644582>. Acesso em: 24 out. 2016.

BRUHNS, Katianne. **Espaços de Sociabilidade e o Idioma: A campanha de nacionalização em Joinville**”. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-Graduação em Historia, Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Florianópolis, SC, 1997.

CALLIGARIS, Contardo. Verdades de autobiografias e diários íntimos. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 43-58, jul. 1998. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2071>. Acesso em: 13 Out. 2016.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. Tradução: Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011.

CASTRO, Celso. O diário de Bernardina. In: GOMES, Ângela de Castro (org.). **Escrita de si, escrita da História**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

CHARTIER, Roger. **Cultura escrita, literatura e história**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

CHAVES, Larissa Patron. Pintura e Sociedade: retratos de beneméritos das sociedades portuguesas de beneficência e o patrimônio cultural no sul do Brasil. **Anais Eletrônicos do II Encontro História, Imagem e Cultura Visual** - 8 e 9 de agosto de 2013 Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – Porto Alegre – Brasil GT História, Imagem e Cultura Visual - ANPUH-RS. http://www.anpuh-rs.org.br/conteudo/view?ID_CONTEUDO=1162

CHORTASZKO, Diane Saggiorato, MOREIRA, Rosemeri. Mulher e família nos anos dourados: os anúncios publicitários da Revista Grande Hotel (1958 – 1961). **9º Encontro Nacional de História da Mídia**, 2013. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/gt-historia-da-midia-imprensa/mulher-e-familia-nos-anos-dourados-os-anuncios-publicitarios-da-revista-grande-hotel-1958-2013-1961> Acesso em : 20 Out.2016.

CORBIN, Alan. O segredo do indivíduo. In: **História da Vida Privada**, 4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra. São Paulo: Companhia das Letras, p. 456-458, 1991.

CORRÊA, Vivian Anghinoni Cardoso. **Uma dádiva da Bibliotheca Pública Pelotense aos seus leitores de um palmo e meio: a Seção Infantil Erico Verissimo (1945-1958)**. 2008. 80 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2008.

CUNHA, João Manuel dos Santos. Verbete Cinema. In: LONER, Beatriz; GILL, Lorena e MAGALHÃES, Mario (Orgs.). **Dicionário de História de Pelotas**. Pelotas: Editora da UFPEl, 2012.

CUNHA, Maria Teresa Santos. Do coração à caneta: cartas e diários pessoais nas teias do vivido (décadas de 60 a 70 do século xx). **História: Questões & Debates**, Curitiba, Editora UFPR, n. 59, p. 115-142, jul./dez, 2013. Disponível em: <http://revistas.ufpr.br/historia/article/view/37036/22828>. Acesso em: 15 Out.2016.

_____. Diários pessoais: territórios abertos para a História. IN: PINSKY, Carla Bassanezi e LUCA, Tania Regina de (orgs.). **O Historiador e suas fontes**. Editora Contexto, 2001.

DALBEN, André; SOARES, Carmen Lúcia. A revista Vida e Saúde: modos de olhar e educar o corpo feminino em suas páginas (1940-1950). **Pensar a prática**, v. 11, n. 3, p. 239-250, 2008. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/fef/article/view/5144/4970>, acesso em: 27 Dez.2015.

DEL PRIORE, Mary. **História do amor no Brasil**. Editora Contexto, 2012.

DEL PRIORE, Mary . Biografia: quando o indivíduo encontra a história. **Topoi**, v. 10, n. 19, jul.-dez. p. 7-16, 2009. Disponível em: http://www.revistatopoi.org/numeros_anteriores/topoi19/topoi%2019%20%2001%20a rtigo%201.pdf. Acesso em: 29 Mar.2016.

DEL PRIORE, Mary . Corpo a corpo com as mulheres: as transformações do corpo feminino no Brasil. In: STREY, Marlene Neves; CABEDA, Sonia T. Lisboa. **Corpos e subjetividades em exercício interdisciplinar**. Porto Alegre, RS: EDIPUCRS, 2004. 349 p.

DEVANTIER, Vanessa da Silva. **Visões do Urbano**: a Rua XV de Novembro, Pelotas/RS. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, Universidade Federal de Pelotas, UFPEL, Pelotas, RS, 2013.

DOS SANTOS NASCIMENTO, Edna Maria Fernandes. Mulheres em destaque nos anos 40: o acontecimento como forma de vida na revista O Cruzeiro. **Estudos Linguísticos** (São Paulo. 1978), v. 41, n. 3, p. 1168-1182, 2016.

DUTRA, Camila Osório; PINHEIRO, Pedro. Análise do acesso, facilidade e atrativos turísticos do centro histórico da cidade de Pelotas/RS. **Anais do IV Fórum Científico de Gastronomia, Turismo e Hotelaria** [recurso eletrônico] / Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI) – Balneário Camboriú, SC: 2016. Disponível em : <http://www.univali.br/centros/ceciesa-ctl/forum-cientifico-de-gastronomia-turismo-e-hotelaria/Documents/anais/anais-iv-fcturh.pdf#page=94>.

ENKE, Rebecca. Balneário Villa Sequeira. **A invenção de um novo lazer** (1890-1905). Dissertação (Mestrado) - Programa de pós-graduação em História, Universidade do Vale do Rio do Sinos, São Leopoldo, RS, 2005.

ESPIG, Márcia Janete. O uso da fonte jornalística no trabalho historiográfico: o caso do contestado. **Estudos IberoAmericanos**, Porto Alegre: PUCRS, v. XXIV, n. 2, p. 269-289, dez, 1988.

FERRARO, Alceu Ravello. Gênero e alfabetização no Brasil de 1940 a 2000: a história quantitativa da relação. **Revista de Didáticas Específicas**, nº 1, pp. 30-47, 2009. Disponível em: http://www.didaticasespecificas.com/files/download/1/articulos/Alceu_Ravello.pdf Acesso em : 1 Out.2016.

FERREIRA, Lucivânia Mendes. Sociabilidade nas salas de cinema em Rondonópolis. **VI Simpósio Nacional de História Cultural Escritas da História: Ver – Sentir – Narrar** Universidade Federal do Piauí – UFPI Teresina-PI, 2012. <http://gthistoriacultural.com.br/VIsimposio/anais/Lucivania%20Mendes%20Ferreira%20&%20Luciano%20Carneiro%20Alves.pdf>

FERREIRA, Marieta de Moraes. Diário pessoal, autobiografia e fontes orais: a trajetória de Pierre Deffontaines. In: **International Oral History Conference**. Oral

history challenges for the 21st century: proceedings [of the] X International Oral History Conference /Eds. Ilana Strozemberg...[et al]. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV/Casa Oswaldo Cruz, v.1. p.379-386, 1998 . Disponível em: http://cpdoc.fgv.br/producao_intelectual/arg/503.pdf. Acesso em: 3 Ago.2016.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: **O que é um autor?** Lisboa: Passagens, p.129-160,1992. Disponível em: <http://eps.otics.org/material/entrada-outras-ofertas/livros/a-escrita-de-si-michel-foucault>.

FREIRE, Maria Martha de Luna. **Mulheres, Mães e Médicos**: Discurso maternalista em revistas femininas (Rio de Janeiro e São Paulo, década de 1920). Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, Rio de Janeiro, 2006. 316 p.

FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA. **De província de São Pedro à Estado do Rio Grande do Sul. Censos do RS: 1803-1950**. Porto Alegre: FEE-RS, 1981

GASTAUD, Carla Rodrigues. **De correspondências e correspondentes**: cultura escrita e práticas epistolares no Brasil entre 1880 e 1950. Tese (Doutorado) - Programa de pós-graduação em de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, RS 2009.

GILLIES, Ana Maria Rufino. **O diário de uma imigrante britânica no Paraná** (1860-1890): memórias, trabalho e sociabilidades. Tese (Doutorado) - Curso de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Paraná, UFPR, 2010.

GOMES, Ângela Castro. Nas malhas do feitiço: O historiador e os encantos dos arquivos privados. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 121-128, jul. 1998. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2069>. Acesso em: 13 Out. 2016.

GOMES, Ângela Castro (Org.). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004.

GOMES, Renata Vellozo. Cotidiano e cultura no Rio de Janeiro na década de 50: os cinejornais da Agência Nacional. **Artes & Ensaios**, Rio de Janeiro, ano XIV, n. 15, 2007.

HAHNER, June E. Honra e distinção das famílias. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO Joana Maria. **Nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. de Beatriz Sidou. São Paulo:Centauro,2006.

HEINZ, F.M. **Por outra história das elites**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a História**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

HELLER, Bárbara. **Da pena à prensa: mulheres e leitura no Brasil (1890-1920)**. São Paulo: Porto de Idéias, 2006.

HENRIQUE, Márcio Couto. Um toque de voyeurismo. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 15, n.2, p.285-303, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010373312005000200006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 24 Out. 2016.

HENRIQUE, Márcio Couto. **Um toque de voyeurismo: o diário íntimo de Couto de Magalhães (1880/1887)**. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Pará, UFPA, Belém, PA, 2008.

HEYMANN, Luciana Quillet. Arquivos Pessoais em perspectiva etnográfica. In: TRAVANCAS; ROUCHOU; HEYMANN (Orgs.). **Arquivos pessoais: reflexões multidisciplinares e experiências de pesquisa**. Rio de Janeiro: FGV, 2013.

LACERDA, Lilian de. **Álbum de Leitura – Memórias de vida, histórias de leitoras**. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

LEJEUNE, Philippe. Diários de garotas francesas no século XIX: constituição e transgressão de um gênero literário. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 8/9, p. 99-114, jan. 2011. ISSN 1809-4449. Disponível em: <http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1879>. Acesso em: 24 out. 2016.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet**. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. Cotia (SP): Ateliê, 2002

LEVI, Giovanni. Os usos da biografia. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1996.

LONER, Beatriz Ana. **Classe operária: mobilização e organização em Pelotas: 1888- 1937**. Tese (Doutorado em sociologia) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul , Porto Alegre, RS, 1999.

LONER, Beatriz. Jornais pelotenses diários na República Velha. **Ecos Revista**. Pelotas, v. 2, n. 1, p. 5-34, abr. 1998.

LOPES, André Luis Borges. **A modernização do espaço urbano em Pelotas e a Companhia Telefônica Melhoramento e Resistência (1947-1957)**. Dissertação (Mestrado), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS, Porto Alegre, RS, 2007.

LUCA, Tânia Regina de. **Leituras, projetos e (re)revista(s) do Brasil**. São Paulo; editora UNESP, 2011.

MACHADO JÚNIOR, Cláudio de Sá. **Fotografias e Códigos Culturais: representações da sociabilidade carioca pelas imagens da revista Careta (1919-1922)**. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUC, Porto Alegre, RS, 2006.

MACIEL, Patricia Daniela. **O ensino feminino privado em Pelotas/RS, através dos anúncios de jornais (1875 - 1890)**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Pelotas, UFPEL, Pelotas, 2007.

MAGALHÃES, Clarice Rego. **A ESCOLA DE BELAS ARTES DE PELOTAS (1949-1973) - Trajetória institucional e papel na História da Arte**. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS, 2013

MAGALHÃES, Clarice Rego. **A Escola de Belas Artes de Pelotas: da Fundação à Federalização (1949/1972) – uma contribuição para a História da Educação em Pelotas**. Dissertação (Mestrado). PPGE/UFPEL. Pelotas, 2008.

MAGALHÃES, Mario Osório. **Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890)**. 2.ed. Pelotas: EdUFPEL; Co-edição Livraria Mundial, 1993.

_____. **Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul - Um Estudo Sobre a Cidade de Pelotas (1860 - 1890)**. Dissertação (mestrado). Programa de pós-graduação em História (UFSC), 1993.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. Algumas aproximações entre lazer e sociedade. **Revista Iberoamericana**. vol.1, n.2, mai.2007/set.2007. Disponível em <http://www.lazer.eefd.ufri.br/animadorsociocultural/pdf/ac201.pdf> Acesso em: 23 Set. 2016.

MARTINS JÚNIOR, Rui Jorge Moraes. **Visto, logo existo: moda, sociabilidade feminina e consumo em Belém no limiar do Século XX**. 2010. 152 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas,. Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Belém, 2010.

MARTINS, Ana Paula Vosne. A feminilização da filantropia. **Gênero**, v.15, nº.2, p.13-28, Niterói, 2015. Disponível em: <http://www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/article/viewFile/652/398>, acesso em: 14/04/2016.

MARTINS, Maria Helena (org.). **Fronteiras culturais: Brasil, Uruguai, Argentina**. Cotia, São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

MATOS, Juscelina Bárbara Anjos. **Costurando moda: Uma análise das práticas vestimentares femininas em Vitória da Conquista – Ba (1950 – 1965)**. Dissertação (Mestrado) - Programa de pós graduação em Cultura Visual da Faculdade de Artes Visuais, Universidade Federal de Goiás , Goiânia, GO, 2009.

MATTOS, Cláudia. **Cem anos de Paixão**: uma mitologia carioca no futebol. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

MAUAD, Ana Maria e MUAZE, Mariana. A escrita da intimidade: história e memória no diário da viscondessa do Arcozelo. In: GOMES, Ângela de Castro. (org.). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2004.

MAUAD, Ana Maria. Através da Imagem: Fotografia e História Interfaces. **Tempo**, vol.1, n°.2, p.73-98, Rio de Janeiro, 1996. Disponível em: http://www.historia.uff.br/tempo/artigos_dossie/artg2-4.pdf, acesso em: 17/04/2016.

McKEMMISH, Sue. Provas de mim... Novas considerações. In: TRAVANCAS, Isabel; ROUCHOU, Joëlle e HEYMANN, Luciana (Orgs.). **Arquivos pessoais: reflexões multidisciplinares e experiências de pesquisa**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **História Oral**: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2007.

MEIRELLES, S.R. F. **Das Bancas ao coração**: romances sentimentais e leitura hoje. 2002,227f. Dissertação (Mestrado em Letras – Estudos Literários) – Universidade Federal do Paraná, 2002.

MICHELON, Francisca Ferreira; DOS SANTOS, Denise Ondina Marroni. A roupa do moderno: representações da moda na década de 1920. **Conexão-Comunicação e Cultura**, v. 5, n. 10, 2006. <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conexao/article/view/219>

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio; BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos. **Refúgios do eu**. Mulheres, 2000.

MIGUEL, Raquel de Barros. RIAL, Carmen. Lazer: Programa de Mulher. In: PINNKY, Carla B. PEDRO, Joana M. **Nova História das Mulheres**. São Paulo: Contexto, 2013.

MONTENEGRO, Antônio Torres. Arquiteto da memória: nas trilhas dos sertões de Crateús. In : GOMES, Ângela de Castro (org). **Escrita de si, escrita da História**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

MULLER, Dalila. “Feliz a população que tantas diversões e comodidades goza”: Espaços de Sociabilidade em Pelotas (1840-1870). **Tese** (Doutorado) - Programa de pós-graduação em História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, 2010.

NOGUEIRA, I. ;FERREIRA, M.L.; CARDOSO, A.V. A música se faz porque é a vida: trajetórias de vida de mulheres musicistas e a relação com o Conservatório de Música de Pelotas – RS. **MÉTIS: história & cultura**, v. 6, n. 12, p. 239-258, Caxias do Sul, 2007. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/viewFile/845/602>>

NORA, Pierre. Entre memória e História: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, dez. 1993. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101/8763>. Acesso em: 17 Set. 2016.

NOVAES, J.V. Beleza e feiúra. Corpo feminino e regulação social. In: Del Priore (org.) **A História do corpo no Brasil**. Ed. Unesp. p. 477-506, 2011.

O'DONNELL, Julia. **A invenção de Copacabana**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013

ORLANDI, Eni. P. **Análise de Discurso: Princípios e procedimentos**. 7ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.

OLIVEIRA, Leni Dittigen de. Verbete Bondes. In: LONER, Beatriz; GILL, Lorena e MAGALHÃES, Mario (Orgs.). **Dicionário de História de Pelotas**. Pelotas: Editora da UFPel, 2012.

PAULA, Débora Clasen de. **“Da mãe e amiga Amélia”**: cartas de uma baronesa para sua filha (Rio de Janeiro-Pelotas, na virada do século XX). Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós Graduação em História, Universidade Vale dos Sinos, São Leopoldo, RS, 2008.

PAVANI, Cinara Ferreira. Enlaces entre o público e o privado na literatura de autoria feminina. In: ZINANI, Cecil Jeanine Albert; SANTOS, Salete Rosa Pezzi Dos. **Da tessitura ao texto**: percursos de crítica feminista. Caxias do Sul, RS: Educus, 2012. 352 p

PELLISSARI, Marina Kruger. **A “mais fina sociedade riograndina” e suas representações**: a vida social da elite de Rio Grande - RS (1956 a 1960). Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul UFRGS, 2012.

PERES, Eliane. **Templo de Luz**: os cursos noturnos masculinos de instrução primária da Biblioteca Pública Pelotense (1875-1915). Pelotas: Seiva Publicações, 2002.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. Contexto, 2007.

PERROT, Michelle. Práticas da memória feminina. **Revista Brasileira de História**, v. 9, nº. 18, p. 9-18, São Paulo: ANPUH, 1989. Disponível em: http://www.anpuh.org/revistabrasileira/view?ID_REVISTA_BRASILEIRA=23. Acesso em: 17 Abril.2016.

PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. **Nova história das mulheres no Brasil**. Editora Contexto, 2012.

PINSKY, Carla Bassanezi. **Mulheres dos Anos Dourados**. São Paulo:Contexto, 2014.

PINKSY, Carla Bassanezi. Mulheres dos anos dourados. In: M. Del Priore (Ed.), **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2015.

PINKSY, Carla Bassanezi ; URSINI, Leslye Bombonato. O cruzeiro e as garotas. **Cadernos Pagu**, Fazendo história das mulheres, p. 243-260, 1995. Disponível em: www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=50926. Acesso em: 6 Out.2016

PORTELLI, Alessandro. **Tentando aprender um pouquinho**: algumas reflexões sobre a ética na História Oral. Projeto História 15. São Paulo, 1997.

PRADA, Cecilia. **A pena e o espartilho**. 1 ed. São Leopoldo, RS: UNISINOS, 2010. 136 p.

PROCHASSON, Christophe. Atenção: verdade! Arquivos privados e renovação das práticas historiográficas. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 105-120, jul. 1998. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2064/1203>. Acesso em: 13 Out. 2016.

RANGEL, Carlos Roberto da Rosa; PIMENTA, Renata Waleska de S. Getúlio Vargas por ele mesmo. **ANPUH – XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA** – Fortaleza, 2009. Disponível em: <http://anais.anpuh.org/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S25.1514.pdf>. Acesso em: 10 Out.2016.

REZENDE, Antonio Paulo.Freyre: as travessias de um diário e as expectativas de volta.IN: GOMES, Ângela de Castro (Org). **Escrita de si, escrita da História**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

RIVA, Morgana. **A moda em tempos de crise: moralismo e criatividade no vestuário pelotense no início da década de 1930**. Trabalho de conclusão de curso. Universidade Federal de Pelotas, 2011.

ROCHA, Francisco. Figurações do ritmo: da sala de cinema ao salão de baile paulista. **Tese** (Doutorado) - Programa de pós- graduação em História Social, Universidade de São Paulo, USP, São Paulo,SP, 2006.

RODRIGUEZ, Miguel Angel Schmitt. *Cinema clássico americano e produção de subjetividades: o cigarro em cena*. 2008. 113 f. **Dissertação** (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC

ROUCHOU, Joële. Alvaro Moreyra: Um arquivo para dois. In: TRAVANCAS, Isabel; ROUCHOU, Joëlle e HEYMANN, Luciana (Orgs.). **Arquivos pessoais: reflexões multidisciplinares e experiências de pesquisa**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

RUIZ, José Mário Martinez. Etiqueta: sociabilidade e moda. A identidade da elite paulistana (1895-1930). **Dissertação** (Mestrado). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Assis, SP,1999.

SABINO, Raquel do Nascimento. Imprensa feminina: imagens e conteúdos para o feminino nas capas da Revista Querida. **Revista Temas em Educação**, João Pessoa, v. 24, n. Especial, p. 177-188, 2015. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/rteo/article/view/26282>. Acesso em: 2 Out. 2016.

SALVATICI, Sílvia. Memórias de gênero: reflexões sobre a história oral de mulheres. **História Oral: ABHO**, 2005. v. 8. Disponível em: <http://revista.historiaoral.org.br/index.php?journal=rho&page=article&op=view&path%5B%5D=114>. Acesso em: 19 Set.2016.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. **História da beleza no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2014.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. Balofos, “insossos” e magricelas: uma história de peso e de gosto. In: BREPOHL, Marion; CAPONI, André Mendes; GARRAFONI, Renata Senna. **Sentimentos na história: linguagens, práticas, emoções**. 1 ed. Curitiba: UFPR, 2012. 339 p.

SANT'ANNA, Mara Rúbia. Aparência e Poder: novas sociabilidades urbanas em Florianópolis, de 1950 a 1970”. **Tese** (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Porto Alegre, RS, 2005.

SANT'ANNA, Mara Rúbia. Consumir o belo, tornar-se moderno nos anos 1950 e 1960. In: SIMILI, Ivana Guilherme; VASQUES, Ronaldo Salvador (Orgs.). **Indumentária e moda: caminhos investigativos**. Maringá: Eduem, 2013

SANTOS, Rita de Cássia Grecco dos. A educação das meninas em Pelotas: a cultura escolar produzida no Internato Confessional Católico do Colégio São José. **Tese** (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2012.

SASAK, Silvia. Smoking fetish: representações femininas nas Propagandas de cigarro (1940-1960). **Fazendo Gênero** 9. Diásporas, Diversidades, Deslocamentos. 23-26ago. 2010. Disponível em: www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1277920551_ARQUIVO_SmokingFetish_SilviaSasaki

SCHOLL, Raphael Castanheira. Memórias (entre)laçadas: mulheres, labores e moda na Escola Técnica Sen. Ernesto Dornelles de Porto Alegre/RS (1946-1961). **Dissertação** (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, PUCRS, Porto Alegre, 2012.

SILVA, Adriana Oliveira da. Damas da sociedade: caridade, política e lazer entre as mulheres de elite de Itabuna (1924-1962). **Dissertação** (mestrado), Programa de Mestrado em História, Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS, 2012.

SILVA, Ana Cristiane. O vestuário como elemento constituinte da identidade das mulheres de elite na Bahia(1890-1920) – A partir da análise da Coleção do Museu Henriqueta Catharino em Salvador-Ba. **Dissertação** (Mestrado) - Programa de Mestrado em História, Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS, 2009.

SILVA, Janine Gomes da. Tensões, trabalho e sociabilidades: Histórias de mulheres em Joinville no século XIX. **Dissertação** (Mestrado) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Florianópolis, SC, 1997.

SIMMEL, Georg. Sociabilidade: um exemplo de sociologia pura ou formal. In: MORAES FILHOS, E. (Org.). **Simmel**. São Paulo: Ática, 1996.

STREY, Marlene Neves. A “criação” do corpo feminino ideal. In: STREY, Marlene Neves; CABEDA, Sonia T. Lisboa. **Corpos e subjetividades em exercício interdisciplinar**. Porto Alegre, RS: EDIPUCRS, 2004. 349 p.

STRÖHER, Carlos Eduardo; DA SILVA, Cristina Ennes. Salas de cinema: espaços de lazer e de sociabilidade em São Leopoldo. **História Unisinos**. v. 18, n. 3 , 2014. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/historia/article/view/htu.2014.183.11/4383>. Acesso em : 03/06/2016.

TEJADA, César Augusto Oviedo; BAGGIO, Giovani. O desempenho econômico de pelotas (1939 – 2009): uma análise comparativa com os principais municípios do interior do rs. **Teoria e Evidência Econômica** - Ano 19, n. 41, p. 118-149, jul./dez. 2013. Disponível em: http://cepeac.upf.br/images/stories/revista_tee_ano19_n41_2013.pdf

TOMÉ, Dyeinne Cristina; MACHADO, Maria Cristina Gomes. A arca da noiva: a composição do enxoval. In: SIMILI, Ivana Guilherme; VASQUES, Ronaldo Salvador (Orgs.). **Indumentária e moda: caminhos investigativos**. Maringá: Eduem, 2013.

VAQUINHAS, Irene. Perigos da leitura no feminino. Dos livros proibidos aos aconselhados (séculos XIX e XX), **Ler História**, 59 | 2010, Disponível em: <http://lerhistoria.revues.org/1327> . Acesso em 24 Out.2016.

VARGAS, Jonas Moreira. “Pelos margens do Atlântico”: um estudo sobre elites locais e regionais no Brasil a partir das famílias proprietárias de charqueadas em Pelotas, Rio Grande do Sul (século XIX). **Tese** (Doutorado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, Rio de Janeiro, RJ, 2013.

VARGAS, Jonas Moreira. Os charqueadores de Pelotas, suas estratégias familiares e a transmissão de patrimônio (1830-1890). **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História–ANPUH**. São Paulo, 2011. Disponível: [http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308189449_ARQUIVO_TextoJonasVargas\(Anpuh-2011\).pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308189449_ARQUIVO_TextoJonasVargas(Anpuh-2011).pdf)

VIANA, Maria José Motta. **Do sótão à vitrine – memórias de mulheres**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1995.